

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

BENTA CRISTINA SOUZA

**A REPRESENTAÇÃO DA CAVALARIA IBÉRICA: ANÁLISE E
DESENVOLVIMENTO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA A PARTIR DO LIVRO DA ORDEM DE CAVALARIA DE RAMÓN
LLULL (1232-1316)**

Alfenas/MG

2024

BENTA CRISTINA SOUZA

**A REPRESENTAÇÃO DA CAVALARIA IBÉRICA: ANÁLISE E
DESENVOLVIMENTO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA A PARTIR DO LIVRO DA ORDEM DE CAVALARIA DE RAMÓN
LLULL (1232-1316)**

Objeto de Aprendizagem apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Ibérica (Mestrado Profissional) da Universidade Federal de Alfenas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História Ibérica.

Orientador: Prof^ª Dr^ª Denise da Silva Menezes do Nascimento
Coorientador: Prof^º. Dr. Adailson José Rui.

Alfenas/MG

2024

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas Biblioteca
Central

Souza, Benta Cristina.

A representação da cavalaria ibérica: análise e desenvolvimento de sequência didática para o ensino de história a partir do livro da ordem de cavalaria de Ramón Llull (1232-1316) /Benta Cristina Souza. - Alfenas, MG, 2024.

90 f. : il. -

Orientador(a): Denise da Silva Menezes do Nascimento.

Coorientador(a): Adailson José Rui.

Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2024.

Bibliografia.

1. Cavalaria. 2. Península Ibérica. 3. História. 4. Idade Média. 5. Sequência Didática . Nascimento, Denise da Silva Menezes do , orient. II. Título.

BENTA CRISTINA SOUZA

**A REPRESENTAÇÃO DA CAVALARIA IBÉRICA: ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO
DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DO
LIVRO DA ORDEM DE CAVALARIA DE RAMÓN LLULL (1232-1316)**

O Presidente da Banca Examinadora abaixo indicada assina a aprovação da Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Ensino e Pesquisa de História Ibérica.

Aprovada em: 10 de julho de 2024.

Profa. Dra. Denise da Silva Menezes do Nascimento

Presidente da Banca Examinadora

Instituição: Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF-MG)

Profa. Dra. Adriana Vidotte

Instituição: Universidade Federal de Goiás (UFG-GO)

Prof. Dr. Francisco de Paula Souza de Mendonça Junior

Instituição: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS)



Documento assinado eletronicamente por **Denise da Silva Menezes do Nascimento**, **Usuário Externo**, em 30/07/2024, às 21:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

https://sei.unifalmg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1271267** e o código CRC

4C11B8E5. Folha de Aprovação Benta Cristina Souza (1271267)

SEI

23087.008915/2024-31 / pg. 1

Agradeço à minha família, que sempre foi minha força e minha luz.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, esta imensa força que proporciona o conhecimento e tudo que somos.

Agradeço minha mãe, que foi a minha primeira incentivadora, que me apoiou em toda a minha trajetória até chegar aqui. Ao meu pai que apesar de não me encorajar, ajudou com seu jeito a formar o caráter que tenho hoje.

Quero agradecer às minhas irmãs Simone, Silvana, Aline e os meus cunhados Célio e Guilherme que foram importantes entusiastas e que sonharam este sonho comigo sem esquecer dos meus sobrinhos Felipe e Henrique que espero sejam minhas sementes.

Não poderia deixar de lado meus sinceros agradecimentos a minha orientadora Professora Denise e ao Coorientador Professor Adailson que apesar dos contratemplos aceitaram a minha orientação e foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa. Também quero agradecer aos professores do Programa de Pós-Graduação da Unifal em História Ibérica pelas aulas maravilhosas além de toda aprendizagem que levarei para a minha vida. Em especial, agradeço à professora Marta Rovai, que disponibilizou sua casa e me acolheu de braços abertos.

Quero agradecer de forma especial a dois amigos que foram meus guias durante toda esta caminhada do mestrado Thiago e Isabel, que dispensaram horas para me auxiliar na pesquisa como um todo.

Também quero agradecer aos meus amigos e colegas que me apoiaram e incentivaram: alguns o mestrado me presenteou; outros, já eram mais antigos. A todos fica registrado meu carinho: Bárbara, Caique, Felipe, Fernanda, Luís Vinicius, Maria Fernanda, Marilourdes e Weslei.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.

“Se eu vi mais longe, foi porque estava sobre os ombros de gigantes” (Isaac Newton).

RESUMO

A cavalaria Ibérica contribuiu no processo de formação de comportamentos éticos que permeou por boa parte da Idade Média, entrando para o imaginário coletivo e chegando até os dias de hoje. Um importante divulgador e entusiasta da cavalaria foi o filósofo e teólogo catalão Raimundo Lúlio (1232-1316), autor que, entre muitas obras, escreveu o *Livro da Ordem de Cavalaria*, código pedagógico no qual constam normas de como ser um bom cavaleiro. A partir do livro mencionado, desenvolveu-se a sequência didática que tem como objetivo desvelar e ensinar aspectos relativos a cavalaria para estudantes da Educação Básica – anos finais do Ensino Fundamental. Este é um tema não abordado nos livros didáticos, os quais costumam priorizar a abordagem francesa e inglesa sobre este momento histórico. Nesse contexto, a sequência didática mostra-se como uma ferramenta elucidadora de conhecimento para a temática. Sendo desenvolvida de forma lúdica, com jogos e vídeos, apresenta-se dividida em quatro segmentos que permitem ao professor (a) complementar o próprio conhecimento sobre essa temática pertencente a Idade Média, enriquecendo a relação ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Cavalaria; Península Ibérica; História; Idade Média; Sequência Didática.

RESUMEN

La caballería ibérica contribuyó en el proceso de formación de comportamientos éticos que permeó gran parte de la Edad Media, entrando en el imaginario colectivo y llegando hasta nuestros días. Un importante divulgador y entusiasta de la caballería fue el filósofo y teólogo catalán Ramón Llull (1232-1316), autor que, entre muchas obras, escribió el Libro del Orden de Caballería, un código pedagógico en el que se establecen normas sobre cómo ser un buen caballero. A partir del libro mencionado, se desarrolló la secuencia didáctica que tiene como objetivo desvelar y enseñar aspectos relativos a la caballería para estudiantes de Educación Básica – últimos años de la Educación Primaria. Este es un tema que no se aborda en los libros de texto, los cuales suelen priorizar el enfoque francés e inglés sobre este momento histórico. En ese contexto, la secuencia didáctica se presenta como una herramienta esclarecedora de conocimiento sobre la temática. Desarrollada de forma lúdica, con juegos y vídeos, está dividida en cuatro segmentos que permiten al profesor complementar su propio conocimiento sobre esta temática perteneciente a la Edad Media, enriqueciendo la relación enseñanza-aprendizaje.

PALABRAS-CLAVE: Caballería; Península Ibérica; Historia; Edad Media; Secuencia Didáctica

ABSTRACT

Iberian chivalry contributed to the formation of ethical behaviors that permeated much of the Middle Ages, entering the collective imagination and continuing to this day. An important promoter and enthusiast of chivalry was the Catalan philosopher and theologian Ramon Llull (1232-1316), who, among many works, wrote the Book of the Order of Chivalry, a pedagogical code that contains norms on how to be a good knight. Based on the aforementioned book, a didactic sequence was developed with the aim of revealing and teaching aspects related to chivalry to Basic Education students – in the final years of Elementary School. This is a topic not covered in textbooks, which usually prioritize the French and English approaches to this historical period. In this context, the didactic sequence proves to be an enlightening tool of knowledge on the subject. Developed in a playful manner, with games and videos, it is divided into four segments that allow the teacher to complement their own knowledge on this medieval topic, enriching the teaching-learning relationship.

KEYWORDS: Chivalry; Iberian Peninsula; History; Middle Ages; Didactic Sequence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Layout do Objeto de Aprendizagem na plataforma <i>Moodle</i>	21
Figura 2- Detalhe com os quatro tópicos da sequência didática.....	21
Figura 3- Slides: Idade Média Ibérica.....	22
Figura 4- Jogo da Memória.	23
Figura 5- “Página inicial do jogo “Conhecendo Al- Andalus”.....	24
Figura 6- Jogo “Conhecendo Al- Andalus”.....	24
Figura 7- Jogo “Duelo de Perguntas”.....	25
Figura 8- Jogo “Duelo de Perguntas” slide com uma das perguntas.....	25
Figura 9- Capa do Diário de Aula.....	26
Figura 10- Folhas do Diário de Aula.....	27
Figura 11- Capa do material didático.....	29
Figura 12- Contracapa do material didático.....	29
Figura 13- Texto do Material didático.....	30
Figura 14- Vídeo. Entrada da Cavalaria Ibérica segundo Raimundo Lúlio (Ramon Llull)	31
Figura 15- Cena do vídeo Cavalaria Ibérica segundo Raimundo Lúlio (Ramon Llull)	31
Figura 16- Qr Code de acesso ao vídeo Cavalaria Ibérica segundo Raimundo Lúlio (Ramon Llull)	32
Figura 17- Maquete representação do torneio cenário (para colorir)	33
Figura 18- Maquete representação do torneio cenário (colorido)	33
Figura 19- Maquete representação do torneio cenário	34
Figura 20- Vídeo: Como fazer seu cavalo (Raimundo Lúlio)	35
Figura 21- Cena do vídeo: Como fazer seu cavalo (Raimundo Lúlio)	35
Figura 22- Qr Code de acesso ao vídeo Como fazer seu cavalo (Raimundo Lúlio)	37
Figura 23- Qr Code de acesso apresentação Virtudes e princípios de um cavaleiro.....	37
Figura 24- Capa da apresentação Virtudes e princípios de um cavaleiro.....	38
Figura 25- Atividade apresentação Virtudes e princípios de um cavaleiro.....	31
Figura 26- Texto da dramatização da nomeação do cavaleiro.....	40
Figura 27- Capa do e-book Manual da Sequência.....	41
Figura 28- Parte do ebook Manual da Sequência.....	41
Figura 29- Viagens de Raimundo Lúlio.....	61
Figura 30- Armas e partes da armadura.....	68
Figura 31- Código QR code da página do moodle.....	76

Figura 32- Quatro tópicos da sequência didática, destaque para o item Idade Média Ibérica..	81
Figura 33- Sumário interativo.....	82
Figura 34- Tela da aba professores, onde consta planejamento e atividades.....	77
Figura 35- Slides com os mapas disponíveis.....	83
Figura 36- Os quatro tópicos da sequência didática, destaque para o item Cavalaria.....	83
Figura 37- Material didático sobre Cavalaria e Raimundo Lúlio.....	85
Figura 38- Fragmento do vídeo tutorial.....	85
Figura 39- Slide da apresentação.....	86
Figura 40- Roteiro da dramatização.....	87

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	15
2	PARTE I - ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA	
2.1	INTRODUÇÃO.....	19
2.2	DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE APRENDIZAGEM.....	20
3	PARTE II - CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO OBJETO DE APRENDIZAGEM	
3.1	INTRODUÇÃO.....	43
3.2	DEFINIÇÃO DE CAVALARIA, ORIGENS E CHEGADA À PENÍNSULA IBÉRICA	
3.2.1	Definição de cavalaria, origens.....	44
3.2.2	Península Ibérica: ordem social e cavalaria	47
3.2.3	Cavalaria e Legislação	50
3.2.4	Decadência da cavalaria	56
3.3	RAIMUNDO DE LÚLIO E O LIVRO DA ORDEM DE CAVALARIA	
3.3.1	Raimundo de Lúlio	58
3.3.2	Livro da Ordem de Cavalaria	62
3.4	CONCLUSÃO.....	70
4	PARTE III - DESVELAMENTO E PONDERAÇÕES ACERCA DA CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE APRENDIZAGEM	
4.1	INTRODUÇÃO.....	73
4.2	A IMPORTÂNCIA DA APLICAÇÃO DE TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO ÀS ÁREAS DE HISTÓRIA IBÉRICA E O ENSINO DA HISTÓRIA.....	74
4.3	DIÁLOGOS ENTRE OS DOCUMENTOS REGULADORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE ENSINO E A INSERÇÃO DO OBJETO DE APRENDIZAGEM	
4.3.1	A BNCC e o ensino de história medieval.....	77
4.3.2	Público-alvo e as estratégias de linguagem	80
4.3.3	Processo Avaliativo	88

4.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
	REFERÊNCIAS	91

1 APRESENTAÇÃO

A história como ciência deve ser ensinada através das suas muitas vozes, no entanto, o senso comum costuma rotular como uma disciplina de fatos acabados, heróis e mortos. Todavia, não se trata apenas de narrativas fragmentadas do passado, mas sim de compreender o passado como constitutivo do presente. Para que isso ocorra, é importante dar sentido à história em sala de aula. Lecionar essa disciplina possui uma certa complexidade, pois requisita abstração por parte do estudante, que precisa compreender para além do mundo presente e prático em que está inserido. Os autores Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro e Fernando de Araújo Penna (2011) salientam o papel transformador do trabalho pedagógico realizado na disciplina de história:

A atividade de transformação é o processo através do qual o professor produz as formas e representações mais poderosas (analogias, metáforas, ilustrações, exemplos, etc.) em função da idade e das características gerais dos alunos (adaptação) e das características específicas de cada turma (adequação) (Monteiro; Penna, 2011, p.200)

Outrossim, a história é a disciplina que investiga o homem através do tempo, com isso o seu principal objeto é estudar os homens no tempo (Bloch, 2001, p.71). Portanto, para o estudante compreender a constituição de homens e mulheres através do tempo, o professor (a) tem papel fundamental, já que é na interação que a aprendizagem se realiza. Para uma aprendizagem mais efetiva de história as dimensões em que a disciplina é lecionada são deveras importantes para uma aprendizagem significativa (Schmidt; Cainelli, 2009).

Segundo Jörn Rüsen (2010), existem três dimensões da aprendizagem histórica: a experiência, a interpretação e a orientação. No entanto, para esta pesquisa serão privilegiadas as dimensões da experiência e da interpretação, pois, com a sequência didática busca-se fazer com que o estudante vivencie e tenha uma visão mais consciente e crítica, compreendendo a complexidade de diversos aspectos da Idade Média. Ao discorrer sobre as dimensões, Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli (2009) assim se referem à experiência:

A Experiência. A dimensão importante da aprendizagem histórica, porque aprender história é crescer na experiência obtida no passado humano, desenvolvendo também a capacidade de se abrir e de selecionar novas experiências que sejam verdadeiramente históricas. Essa perspectiva da aprendizagem pressupõe o fato de que se compreenda o passado como histórico, como um tempo qualitativamente diferente do presente. Assim, a primeira experiência no tempo, que pode ser recuperada à luz de determinadas lutas do presente, como a luta contra à miséria, a fome, a violência e a destruição da natureza (Schmidt; Cainelli, 2009, p. 70-71, destaque no original).

A dimensão da experiência para ser trabalhada em sala de aula demanda elementos que potencializem a interação, tais como imagens, fotos, vídeos e dramatizações, que auxiliam os estudantes na compreensão dos períodos históricos. Pois como a história é uma disciplina cujo objeto de estudo é estudar o ser humano no tempo (Bloch, 2001, p.7), o experienciar torna-se um pouco mais complexo. Segundo Lev Semenovitch Vygotsky (1991), o desenvolvimento cognitivo procede enormemente de fora para dentro, pela *internalização* – a absorção do conhecimento proveniente do contexto, criando a zona de desenvolvimento proximal (Vygotsky, 1991). Já a dimensão da interpretação complementa a dimensão anterior, pois destaca o caráter interpretativo que se deve ter ao se confrontar com o conhecimento histórico. Dessa forma, a narrativa histórica ultrapassa puramente o fato, e procura envolver a atribuição de significado através de um processo interpretativo.

Ao se ponderar as dimensões da experiência e da interpretação, é possível obter uma compreensão mais ampla da história, reconhecendo-a como um encontro complexo entre as experiências humanas e os processos interpretativos. Dessa forma, vivenciar aspectos culturais de uma época traz para a aula uma proximidade entre o estudante e o evento histórico. Partindo dessas dimensões de ensinar história, a experiência e a interpretação, busca-se desenvolver nos estudantes habilidades analíticas e críticas de compreensão das multiplicidades das diversas sociedades e em tempos diferentes.

Lecionar conteúdos como a Idade Média por vezes é um desafio, pois há uma complexidade das sociedades medievais, além de conceitos, modo de vida bastante diferentes dos atuais, os quais, quando mencionados em sala, podem causar certo estranhamento. No entanto, constam em diversos meios digitais referências da cultura medieval, sendo um tema repleto de potencialidades, exploradas inclusive por filmes, jogos e livros, que causam fascinação e despertam muito interesse, como os cavaleiros, bruxas, magos (Macedo, 2013).

Cabe destacar que boa parte desse imaginário existente sobre o período medieval vem das novelas de cavalaria, além de autores como Raimundo Lúlio – filósofo e teólogo catalão que viveu no século XIII – autor da obra em questão *O Livro da Ordem de Cavalaria* e que é a principal fonte desta pesquisa. Ele tinha uma perspectiva cristã e, durante parte da vida, empenhou-se em demonstrar que a fé católica é, segundo ele, a verdadeira, em comparação com outras religiões. Desempenhou um importante papel missionário, buscando levar a fé a diversos lugares. Além disso, utilizou a razão em diálogos inter-religiosos que potencializaram ainda mais esta cavalaria idealizada a partir da obra *O Livro da Ordem de Cavalaria*. Apesar desse contexto, os livros didáticos de história tratam a Idade Média com uma perspectiva única, não trazem, por exemplo, as especificidades da Península Ibérica. O

período medieval costuma ser abordado através da concepção francesa ou inglesa, deixando de lado as muitas singularidades da história medieval ibérica (Macedo, 2013).

Esta pesquisa tem como objetivo auxiliar a preencher esta lacuna de falta de materiais para trabalhar sobre a Idade Média na Península Ibérica, além de apresentar um pouco sobre Raimundo Lúlio e sua visão sobre a cavalaria a partir da obra *O Livro da Ordem de Cavalaria*. Para isso, o presente trabalho foi dividido em três partes:

Na Parte I, encontra-se o objeto de aprendizagem em si, que trata de uma sequência didática dividida em quatro tópicos com várias ferramentas como vídeos, jogos, entre outras, as quais auxiliam o professor a ensinar sobre a Idade Média na Península Ibérica com ênfase na cavalaria, além de apresentar um pouco sobre a vida de Raimundo Lúlio.

A parte II refere-se à contextualização histórica da pesquisa, mostrando as origens da cavalaria e sua chegada à Península Ibérica, além da importância desta instituição a partir do século XIII e XIV. Apresenta parte do contexto histórico da cavalaria nos séculos XII e XIII na península, além de uma comparação de parte da obra *Siete Partidas do Rei Alfonso X (1221-1284)* com a obra de Raimundo Lúlio. Nesta parte, mostramos um pouco sobre a vida de Raimundo Lúlio e sua obra *O Livro da Ordem de Cavalaria*, fazendo uma importante análise da obra.

Finalmente, na parte III, são abordados os caminhos metodológicos que envolvem a elaboração e o desenvolvimento da sequência didática. Discutem-se os diferentes usos das tecnologias na criação de materiais pedagógicos, assim como os documentos reguladores do ensino de História. Além disso, é detalhada a estrutura da sequência didática, incluindo o público alvo, o cronograma de atividades planejadas e os instrumentos de avaliação utilizados.

PARTE I
ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO
DE HISTÓRIA

2.1 INTRODUÇÃO

A escrita e o ensino da história nos convidam a fazer uma viagem para fora de nosso tempo, nos propõem a recuar até o passado e de lá olhar para o que pensamos ser nosso presente, podendo, assim, ter uma visão diferenciada, de fora, que nos permite vê-lo sob novos contornos.

(Albuquerque Júnior, 2012, p.29)

Dentre os desafios que existem em uma sala de aula, o processo de ensino aprendizagem é o mais complexo, pois as condições concretas e objetivas das escolas brasileiras fazem com que por vezes o processo não ocorra de forma significativa. A aprendizagem da história necessita de um olhar mais profundo devido à complexidade que possui, por ser uma disciplina cujo objeto de estudo é o passado, necessita de um olhar diferenciado, já que valores morais e relações sociais são diferentes em cada época. Por vezes acaba indo de encontro aos valores e à realidade atual do estudante.

A Idade Média apresenta aspectos distintos com realidade atual, no entanto, o conteúdo tem sido alvo de curiosidade por parte dos estudantes devido a todo lado fantasioso que determinados momentos mescla a realidade com o imaginário. Exemplo disso são os cavaleiros e seus feitos, relatados nas histórias de cavalaria. Ao longo da história, importantes obras artísticas foram inspiradas nesse ideário medieval, como os livros *Dom Quixote*, de Cervantes, e os contemporâneos *Harry Potter* e *Senhor dos Anéis*, além de filmes e séries.

A partir dessas problemáticas que se apresentam na realidade da prática do professor(a) na sala de aula, foi pensado e desenvolvido o Objeto de Aprendizagem, uma sequência didática dividida em quatro tópicos que tem como objetivo auxiliar o professor no processo de ensino aprendizagem sobre a Idade Média Ibérica, com enfoque na cavalaria a partir do olhar idealizado do autor catalão Raimundo Lúlio (1232-1316). Afinal, quando se trata da Idade Média Ibérica, há uma importante defasagem de materiais didáticos; quando se trata sobre Raimundo Lúlio, a discrepância é maior ainda. Assim, esta pesquisa e o Objeto de Aprendizagem buscam trazer de forma lúdica, através de vários aportes, o referido tema, para contribuir com os professores a ensinar a Idade Média a partir de outros lugares que não sejam somente sobre o ponto de vista francês e inglês. Nesta seção, é descrito com detalhes todo o processo e as ferramentas utilizadas para a confecção dos diversos recursos da sequência didática.

2.2 DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE APRENDIZAGEM

O objeto de aprendizagem desta pesquisa surge a partir dos desafios do ensino de história no Ensino Fundamental II, especificamente no sexto e sétimos anos nos quais é trabalhada a Idade Média. Considerando que é a primeira vez que tais estudantes terão contato com o referido conteúdo, trata-se de uma tarefa complexa ensinar sobre um período histórico tão distante temporal e territorialmente, bem como de valores culturais, religiosos e morais tão diferenciados. Ao mesmo tempo, há elementos da Idade Média presentes no imaginário forjado pela produção cultural, como filmes, livros e séries, que suscita uma curiosidade sobre a temática.

Assim, a articulação se dá a partir do que o estudante já conhece sobre a Idade Média, relacionando com elementos históricos medievais ibéricos. O autor Macedo (2007) discute as possibilidades de relações entre a Idade Média com aspectos contemporâneos:

Aos estudantes de ensino fundamental e médio, em geral, adolescentes, talvez seria interessante e motivador saber que algumas concepções afetivas que lhes são caras – como o amor e amizade – tem também uma historicidade e que suas raízes podem ser buscadas no medievo, ou que certos padrões de conduta valorizados por eles – como a honra e a fidelidade – guardam algo do mundo feudal em que apareceram (Macedo, 2013, p. 117).

Nesse contexto, existem múltiplas possibilidades de articulação entre a temática Idade Média e o ensino de história, sob a perspectiva da historicidade de aspectos afetivos encontrados no ideal da cavalaria. Isto posto, o conhecimento torna-se significativo e se perfaz, tornando a vivência de tais aspectos culturais e históricos factíveis em âmbito escolar. Uma sequência didática é formada por um encadeamento de atividades, que podem ser divididas em várias etapas, e para sua construção podemos utilizar diversas linguagens. Antoni Zabala (1998), define a sequência didática como “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelo professor como pelos estudantes” (Zabala, 1998, p. 18).

A sequência didática construída tem como plataforma repositória o *Moodle* (Figura 1), no seguinte link <https://ead.unifal-mg.edu.br/moodle3/course/view.php?id=1180>, sendo esta uma importante ferramenta para fins educacionais focada na gestão de atividades a distância e presenciais, constituindo-se em um recurso de *software* livre (Figura 1). Apresentando como temática a Cavalaria na Península Ibérica, o Objeto de Aprendizagem (doravante sendo referido por OA) foi dividido em quatro tópicos: Idade Média Ibérica, Cavalaria, Virtudes, Ausências da cavalaria, *Para professores* (Figura 2).



Olá, Cavaleiros e Cavaleiras!

Vocês foram transportados para a Idade Média e agora fazem da parte da Ordem dos Historiadores... Para se tornar um cavaleiro(a) é necessário alguma etapas... Me sigam... Nesta aventura...

Fórum social



Figura 1: Layout do Objeto de Aprendizagem na plataforma Moodle.

Fonte: autora (2023).

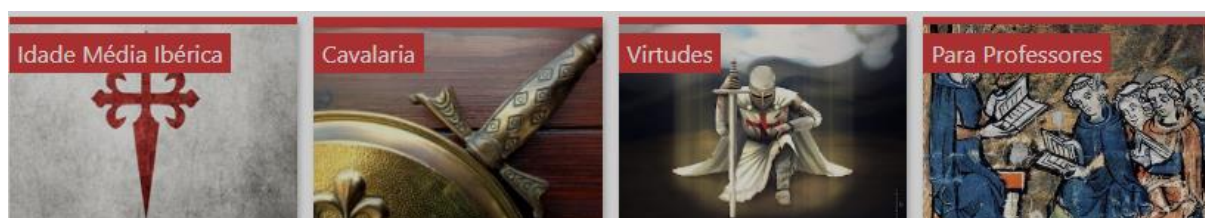


Figura 2: Detalhe com os quatro tópicos da sequência didática.

Fonte: autora (2023).

Nesta sequência didática, o primeiro tópico é intitulado Idade Média Ibérica. Para sua construção, foi utilizado o programa *Power Point*, pois pode ser utilizado de forma *off-line*. Nesta categoria, objetivou-se elucidar aos professores(as) e estudantes a localização geográfica e histórica da Península Ibérica. Sua estrutura é composta primeiramente pelo embasamento textual e seguido pelo desenvolvimento de três jogos educativos.

A parte textual retrata o declínio do Império Romano e as migrações germânicas e quais destes povos já habitavam a península. Para contextualizar, foram adicionados mapas e algumas imagens sobre a cultura visigótica (Figura 3).

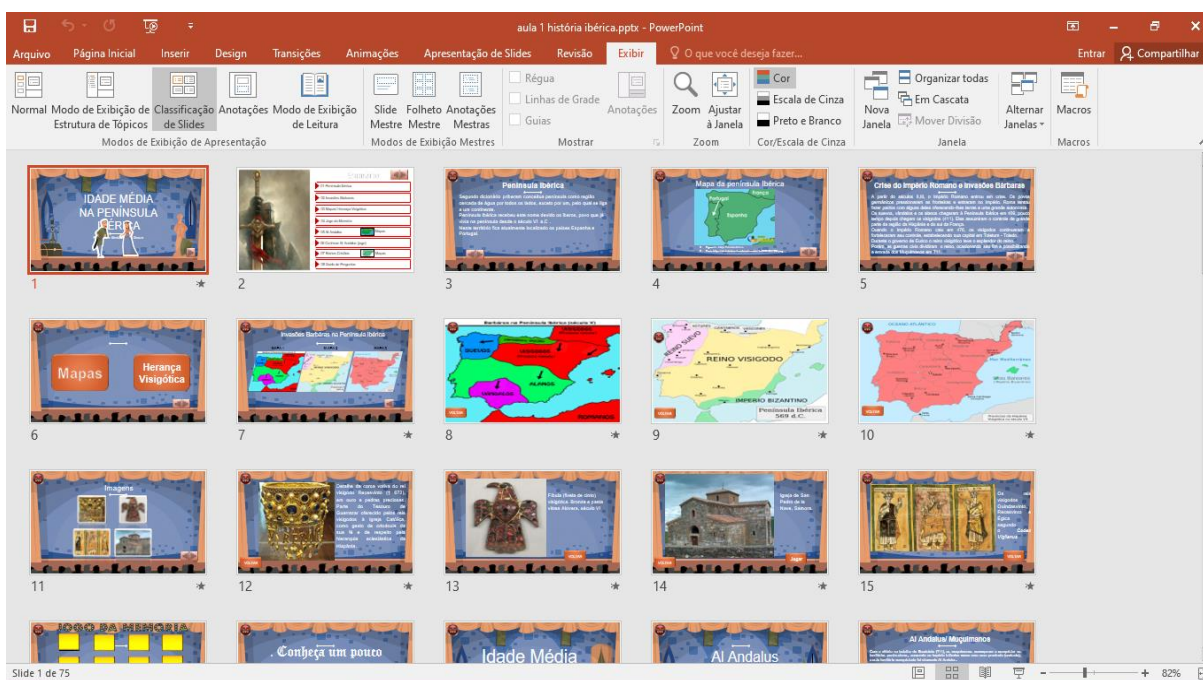


Figura 3: Slides: Idade Média Ibérica.
Fonte: autora (2023).

O primeiro jogo compreende um “jogo da memória”, com os principais eventos históricos e povos que habitavam a região (Figura 4). Segundo Luciana Alves e Maysa Alahmar Bianchin (2010), a utilização de jogos em sala de aula é uma ferramenta que auxilia no processo de ensino aprendizagem trazendo várias vantagens para aula:

Vale considerar que o jogo como instrumento de aprendizagem é um recurso de extremo interesse aos educadores, uma vez que sua importância está diretamente ligada ao desenvolvimento do ser humano em uma perspectiva social, criativa, afetiva, histórica e cultural. Levando-se em conta isso, é de extrema importância que os profissionais que trabalham com crianças devam se interessar e buscar conhecimento sobre a temática, permitindo assim um melhor direcionamento no seu trabalho pedagógico. (Alves; Bianchin, 2010, p.238 apud Melo, 2005).



Figura 4: Jogo da Memória.
Fonte: autora (2023).

Nesse contexto, os jogos em sala de aula apresentam-se como uma estratégia para uma prática mais lúdica e significativa, tornando assim mais interativo o processo de ensino aprendizagem.

O jogo da memória possui diversas aplicabilidades no processo de ensino aprendizagem, sendo uma ferramenta que auxilia na atenção dos estudantes, fazendo com que se concentrem para resolver, além de contribuir no processo cognitivo, fomentando processos mentais de reconhecimento de padrões, categorização e associação de informações que são estimulados através do jogo.

O segundo jogo (Figura 5 e Figura 6) compreende uma explicação teórica na forma de *slides* sobre Al Andalus – território ibérico sob domínio muçulmano. Posteriormente, a dinâmica do jogo denominado “Conhecendo Al Andalus” consiste em resolver desafios, e, ao solucionar cada desafio, o jogador receberá um número que deve ser colocado em ordem para abrir a recompensa. O jogo possui também um botão interativo chamado “Para professores(as)”, que levará ao planejamento e sugestão de atividades, além de referências da temática.



Figura 5: “Página inicial do jogo “Conhecendo Al- Andalus”.
Fonte: autora (2023).

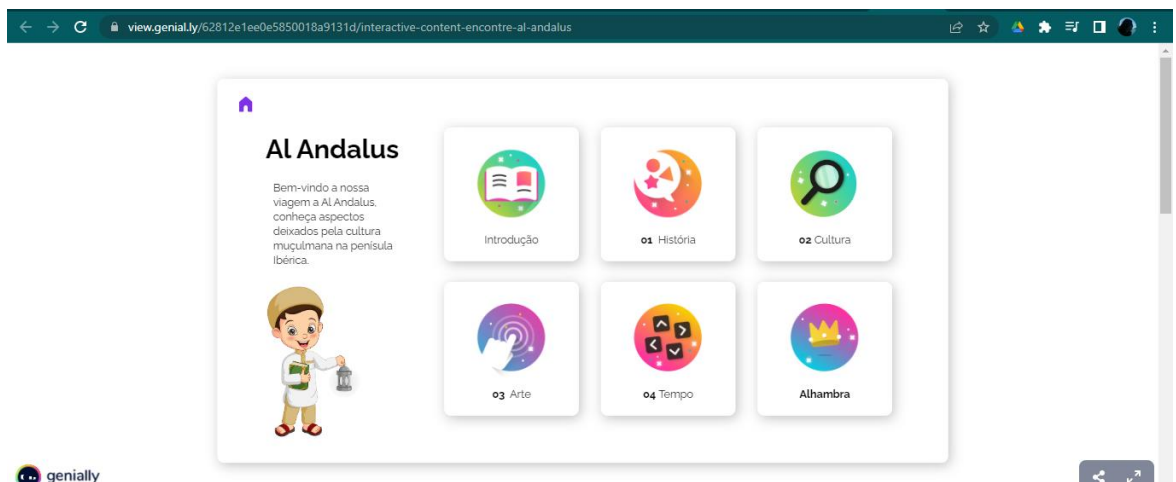


Figura 6: Jogo “Conhecendo Al- Andalus”.
Fonte: autora (2023).

O último jogo (Figuras 7 e 8) traz perguntas de todos os textos sendo uma estratégia para o estudante relembrar todo o conteúdo aprendido de uma forma mais divertida. O jogo é composto de 10 perguntas e uma extra para caso haja empate entre os competidores, esta possa ser usada. O nome do jogo é “Duelo de Perguntas”.



Figura 7: Jogo “Duelo de Perguntas”.
Fonte: autora (2023).



Figura 8: Jogo “Duelo de Perguntas” slide com uma das perguntas.
Fonte: autora (2023).

Este material foi feito em *software* que é bastante popular: o *Power Point*, pois a ideia é que o professor possa fazer o *download* e possa usar de forma *off-line*. Este material tem uma dinâmica que as disciplinas de Língua Portuguesa e literatura possam usar, porque trabalha com a literatura cavaleiresca. A linguagem usada é muito simples, sendo necessário conhecimento mínimo em tecnologia.

O Diário de Aula (Figura 9 e Figura 10) apresenta-se como uma atividade importante para registrar as reflexões dos alunos ao longo da sequência didática sobre a Idade Média Ibérica. Ao final de cada semana, os estudantes preenchem seu diário como tarefa, descrevendo com suas palavras o que ele aprendeu durante a semana.

Esse diário serve como um espaço para os estudantes expressarem as próprias opiniões, dúvidas e descobertas relacionadas ao tema estudado. Além disso, ele permite ao professor acompanhar o progresso individual de cada estudante e identificar possíveis dificuldades ou necessidades específicas de aprendizagem.

Ao revisar os diários dos alunos, o professor pode fornecer *feedback* personalizado, esclarecer dúvidas e incentivar a participação ativa em sala de aula. O Diário de Aula também pode ser utilizado como base para discussões em grupo, permitindo que os estudantes compartilhem as próprias reflexões com os colegas e enriqueçam ainda mais o processo de aprendizagem coletiva.

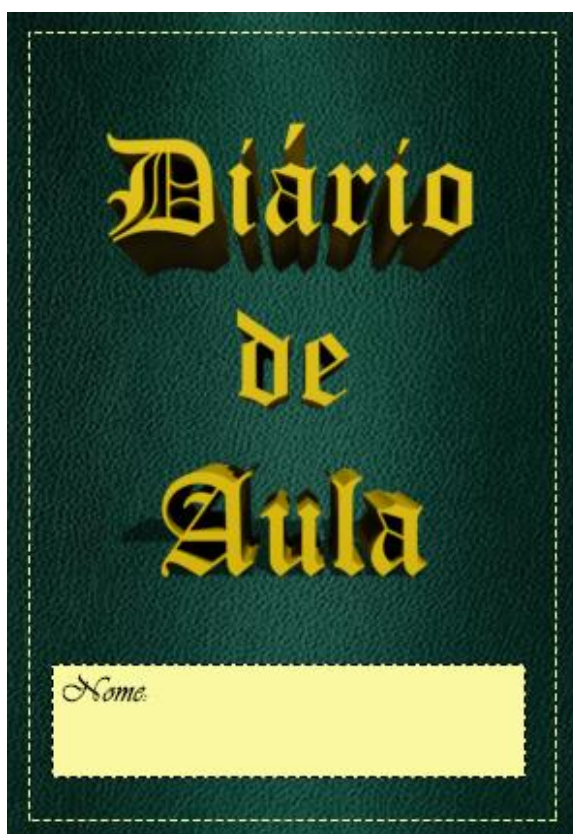


Figura 9: Capa do Diário de Aula
Fonte: autora (2024).



Figura 10: Folhas do Diário de Aula
Fonte: autora (2024).

A cavalaria na Idade Média desempenhou uma importante função na sociedade ibérica, servindo como um parâmetro de status social para a nobreza. Reunindo aspectos de habilidade militar, virtudes e um código de honra, a cavalaria tornou-se uma instituição de muita importância nesse período. Nessa conjuntura, o segundo item da segunda sequência didática, intitulado "Cavalaria", apresenta um pouco sobre a cavalaria ibérica sob o olhar da obra "O Livro da Ordem de Cavalaria" e apresenta também um pouco sobre o teólogo e filósofo Raimundo Lúlio. Nesta etapa da sequência, a ludicidade é integrada ao processo de ensino-aprendizagem através da construção de materiais que inserem o estudante em um universo idealizado da cavalaria.

Como sugestão para a primeira atividade na sequência, propõe-se a leitura do material produzido pela autora, com o título *Raimundo Lúlio e a cavalaria Ibérica* que visa proporcionar conhecimento sobre a cavalaria na península, sob a perspectiva de Lúlio. Esse material consiste em um texto didático (Figuras 11, 12 e 13) para que o professor possa ler com os estudantes e explicar mais sobre o tema. O *layout* do material remonta a um manuscrito medieval, pois um dos intuítos deste objeto de aprendizagem é apresentar elementos que remetem à Idade Média.

Durante a Idade Média, a ideia de violência derivava, de acordo com o contexto social, cultural e político, sendo uma das bases da hierarquia de poder. Vários crimes deram legitimidade à autoridade, dando início a diversas linhagens de nobreza durante os séculos X e XI. Sem deixar de lado seu uso, tornou-se uma importante ferramenta na mão da nobreza, que contribuiu na expansão de seus territórios e no aumento de sua autoridade, validando as relações de vassalagem. Desta forma, a cavalaria, composta em parte por nobres, ganha autenticidade diante de seus feitos, por vezes, violentos. Dentro deste contexto, as mulheres eram associadas à fragilidade e inferioridade, tornando-se muitas vezes vítimas. Consideradas descendentes de Eva, traziam em si o pecado. Desta forma, o discurso antifeminino era corroborado pela Igreja Católica. Seus direitos legais eram muitas vezes limitados, e a herança de propriedades, por exemplo, geralmente passava para os filhos homens, perpetuando a concentração de poder e riqueza em mãos masculinas (Le Goff; Schmitt, 2006)

Para que possa haver uma discussão sobre a idealização da cavalaria, foram colocadas junto ao material didático algumas perguntas questionando sobre o papel da mulher neste contexto histórico e trazendo um pouco dos materiais da pesquisa questionando a violência, que era algo presente neste contexto da cavalaria. Nessa atividade, o professor deve ser o mediador dessas discussões, inserindo os elementos históricos que se apresentam na pesquisa e no material de apoio que está no item “Para professores”. Estas são as cinco perguntas norteadoras para discutir sobre os temas propostos:

1. Qual era a importância da cavalaria na sociedade medieval ibérica? Como ela influenciou outras áreas da vida, como política e cultura?

2. A idealização da cavalaria retratada na obra *O Livro da Ordem de Cavalaria* reflete a realidade da época? Quais são algumas das características ideais do cavaleiro descritas no livro?

3. A exclusão das mulheres da cavalaria ibérica era justificada? Por que as mulheres não eram consideradas adequadas para participar dessa instituição?

4. A violência era uma parte importante na cavalaria ibérica? Como isso afetava tanto os cavaleiros quanto as pessoas comuns?

5. Quais são algumas das virtudes mais importantes para um cavaleiro ibérico? Como essas virtudes se relacionam com os valores e ideais da sociedade medieval?

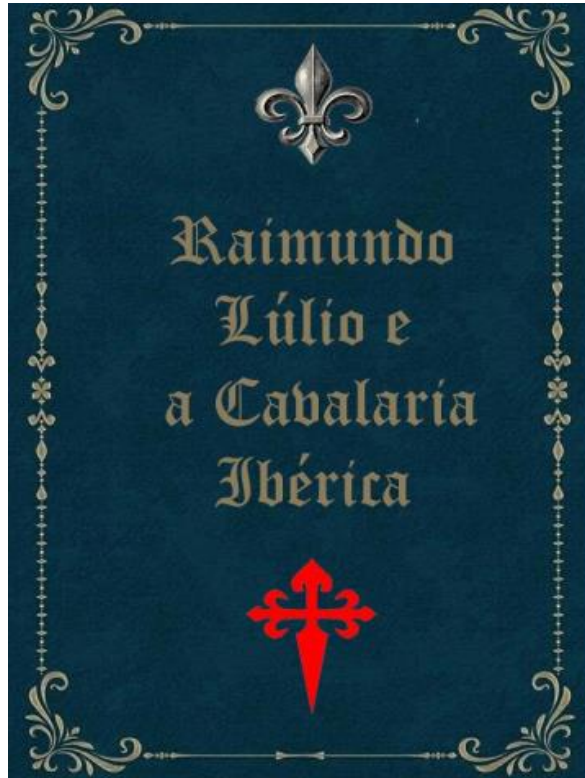


Figura 11: Capa do material didático.
Fonte: autora (2023).

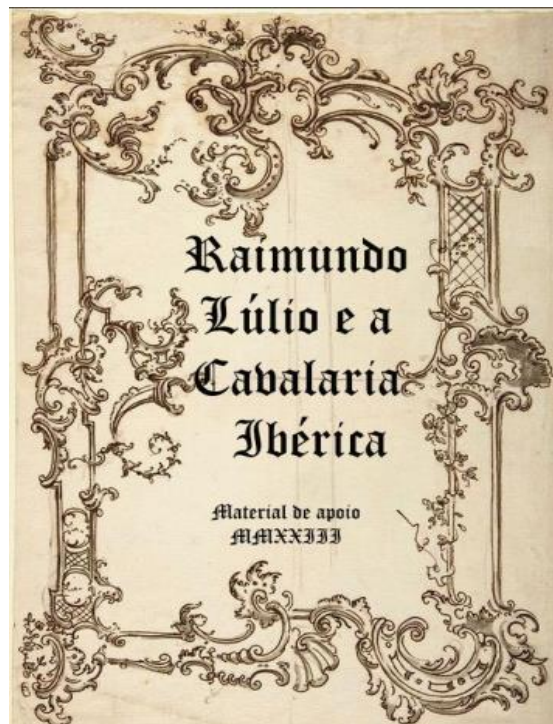


Figura 12: Contracapa do material didático.

Fonte: autora (2023).



Figura 13: Texto do Material didático
Fonte: autora (2023).

Para complementar o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes, foi confeccionado um vídeo (Figura 14 e Figura 15) que mostra um pouco mais sobre a cavalaria e sobre Raimundo Lúlio. Dessa forma, com o vídeo, busca-se desenvolver a aprendizagem, pois a história, sendo uma disciplina cheia de eventos, como a Idade Média, difíceis de imaginar devido às diferenças sociais e de hábitos, os vídeos nas aulas de história contribuem para uma compreensão mais clara e significativa. Segundo Silva e Elisângela Mercado de Oliveira (2010, p. 96), "[...] experienciar os recursos midiáticos como ferramentas pedagógicas pode viabilizar ao discente a oportunidade de investigar e refletir sobre aprendizados pertinentes às variadas temáticas que o cercam". Sendo assim, o vídeo se transforma em um importante elemento pedagógico que auxilia em sala de aula. Além de estar na plataforma *Moodle*, o vídeo também está disponível no *Youtube*, link do vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=g7edpMfsnoA&t=5s> (Figura 16). A plataforma que hospeda o vídeo é de acesso livre, dessa forma facilitando o acesso de professores e estudantes ao material.

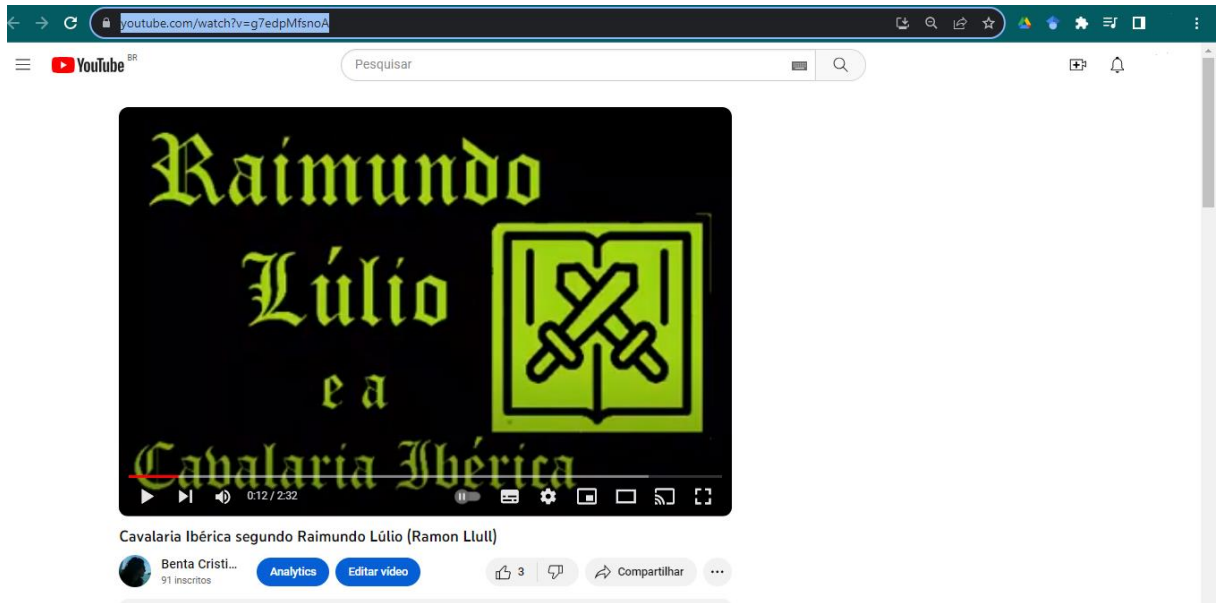


Figura 14: Vídeo. Entrada da Cavalaria Ibérica segundo Raimundo Lúlio (Ramon Llull)
Fonte: autora (2023).

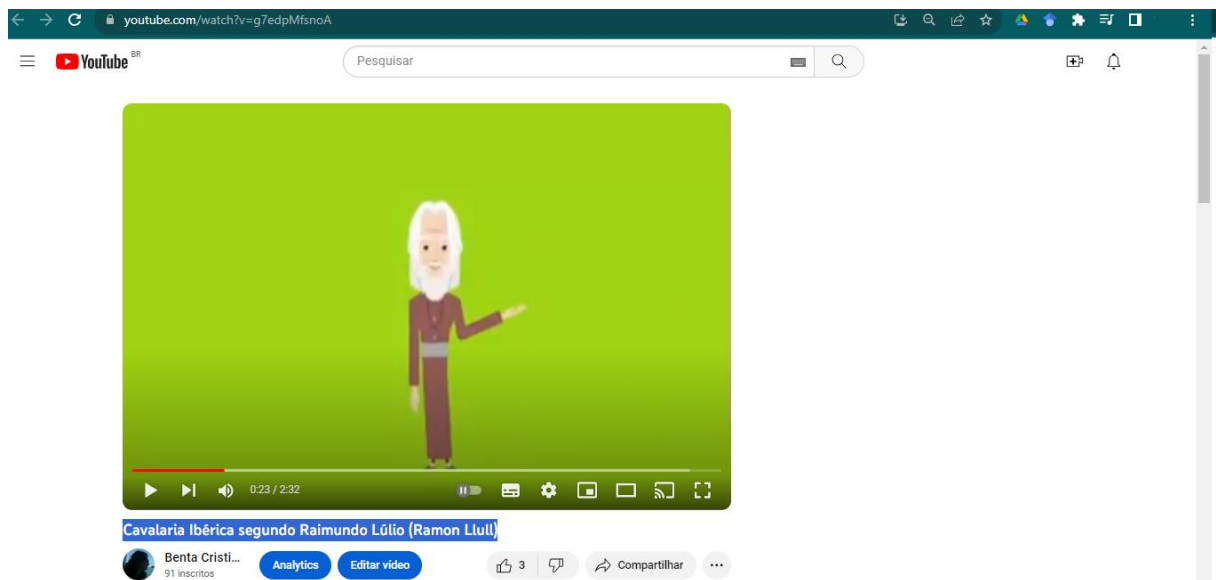


Figura 15: Cena do vídeo Cavalaria Ibérica segundo Raimundo Lúlio (Ramon Llull)
Fonte: autora (2023).



Figura 16: Qr Code de acesso ao vídeo Cavalaria Ibérica segundo Raimundo Lúlio (Ramon Llull)
Fonte: autora (2023).

Para uma prática pedagógica ainda mais dinâmica, a ludicidade é um importante recurso que o professor pode utilizar em aula, pois auxilia a tornar a aula mais interativa, permitindo que o estudante exercite habilidades cognitivas e a imaginação. Com esse objetivo, na sequência didática intitulada "Cavalaria", é disponibilizada uma maquete como material lúdico (Figuras 17,18 e 19). Nela, o estudante deve pintar e recortar, havendo uma representação de um torneio de justa. Com isso, o estudante pode usar a imaginação e fomentar a criatividade. O intuito com a atividade é proporcionar uma aprendizagem em que o estudante possa visualizar de forma mais prática o que está estudando, compreendendo, em parte, os componentes que formam um torneio medieval.¹

¹ Os torneios, ou posteriormente as justas, foram concebidos como uma preparação e simulação para batalhas reais, visto que os cavaleiros usavam suas armas e armaduras como em um autêntico combate. As arenas de torneio tornaram-se referência para os eventos festivos seguintes. Participavam destes eventos grupos de cavaleiros, equipados com armaduras completas, lanças e espadas. Além da busca por honra e glória, havia incentivos financeiros, como recompensas em dinheiro para os vencedores e a oportunidade de roubar itens valiosos dos adversários. Com o tempo, os torneios desenvolveram-se com fortalezas cenográficas e inovações estratégicas, mas devido às mortes frequentes, enfrentaram a desaprovação da Igreja, levando a proibições por parte dos papas no século XII (Cardini, 2014).

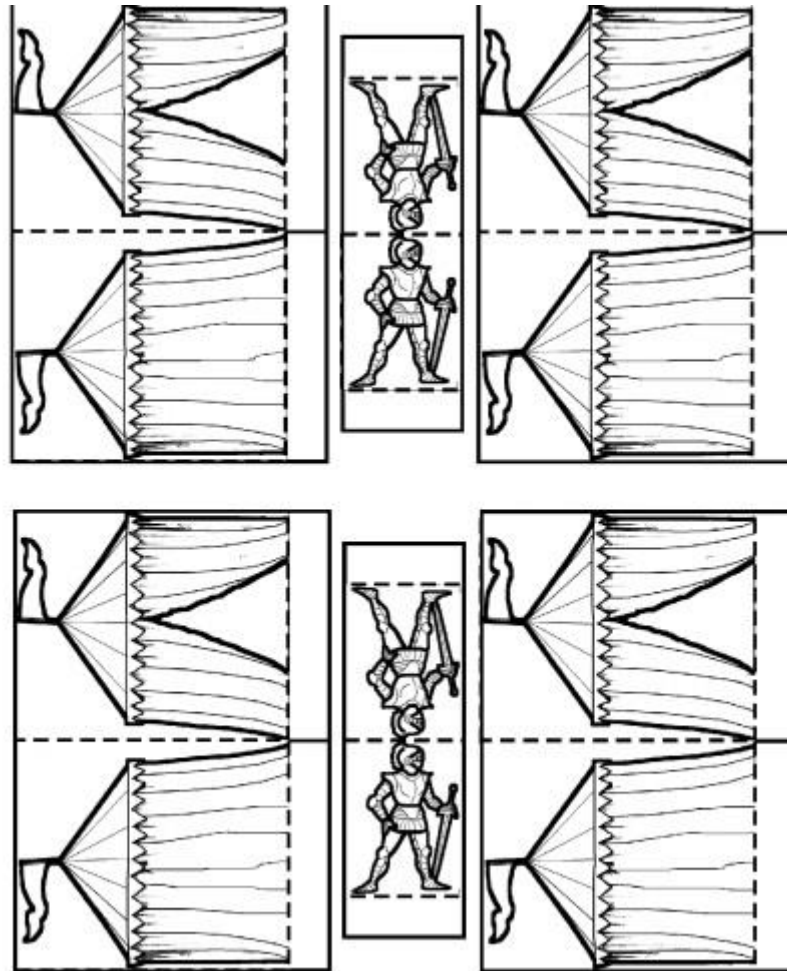


Figura 17: Maquete representação do torneio cenário (para colorir)
Fonte: autora (2023).



Figura 18: Maquete representação do torneio (colorido)
Fonte: autora (2023).



Figura 19: Maquete representação do torneio cenário
Fonte: autora (2023).

A abordagem lúdica torna o processo de ensino e aprendizagem mais agradável e motivador, fazendo com que o estudante se sinta engajado na atividade, promovendo um maior envolvimento no processo educacional. Além disso, ao utilizar a ludicidade e permitir que o estudante experimente aspectos da Idade Média, a última atividade consiste na criação de um cavalo. Segundo Raimundo Lúlio, para um cavaleiro, o cavalo é fundamental. Portanto, durante a sequência didática, o propósito é que os estudantes se sintam, mesmo que de forma idealizada, como cavaleiros.

Buscou-se em todas as bestas qual era a mais bela besta e a mais veloz, e a que pudesse sustentar maior trabalho, e qual era a mais conveniente para servir ao homem; e porque o cavalo é a mais nobre besta e a mais conveniente a servir ao homem, por isso, de todas as bestas, o homem elegeu o cavalo, que foi doado ao homem que foi dos mil homens eleito; e por isso aquele homem tem o nome de cavaleiro (Lúlio, 2000 [c.1274-1276], n.p).

Partindo desse pressuposto, baseado no vídeo (Figura 20 e Figura 21) disponível no Moodle no link <https://youtu.be/Xc0JHQ2KgKs> (Figura 22), os estudantes confeccionam seus cavalos. A sequência didática tem como principal objetivo possibilitar o conhecimento histórico sem deixar de lado a ludicidade. A partir dessa mistura, foi pensado em "brincar" com a ideia dos estudantes se tornarem cavaleiros, um pouco aos moldes da obra de Raimundo Lúlio, *O Livro da Ordem de Cavalaria*. O projeto do cavalo foi delineado com materiais de fácil acesso, tanto para os professores quanto para os estudantes, utilizando a técnica de *stop motion*, que oferece uma abordagem dinâmica e engajadora para o processo de aprendizagem, sendo assim, contribui para uma maior atenção daqueles que estão assistindo.

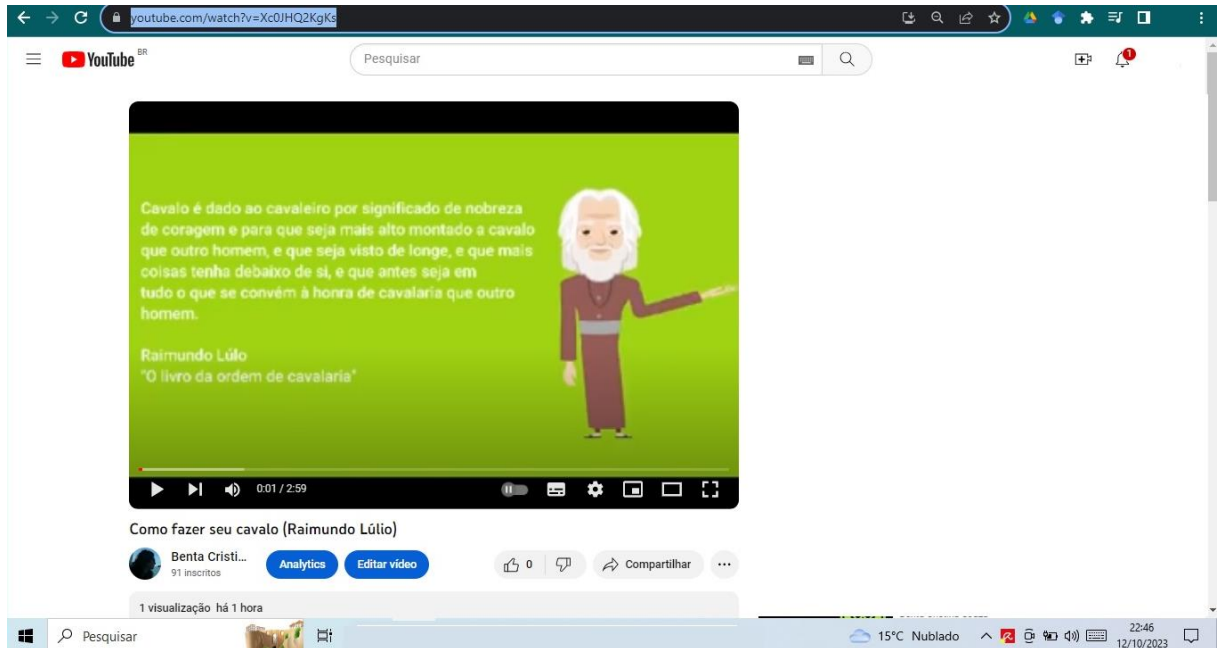


Figura 20: Vídeo: Como fazer seu cavalo (Raimundo Lúlio)
Fonte: autora (2023).

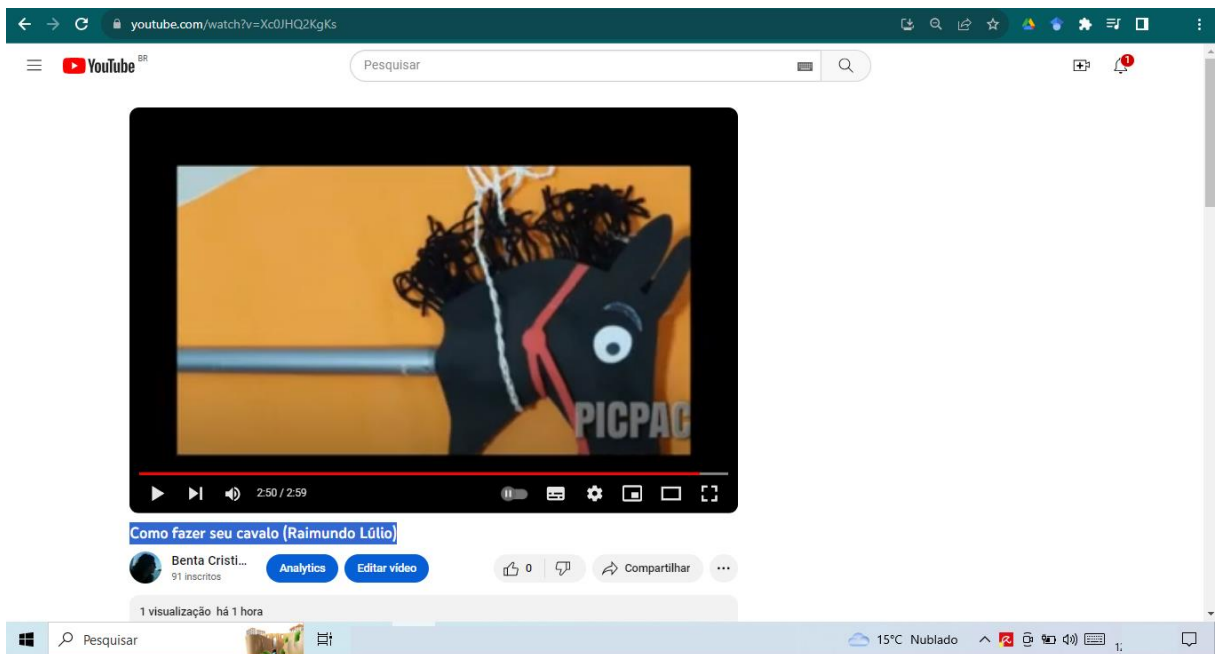


Figura 21: Cena do vídeo: Como fazer seu cavalo (Raimundo Lúlio)
Fonte: autora (2023).

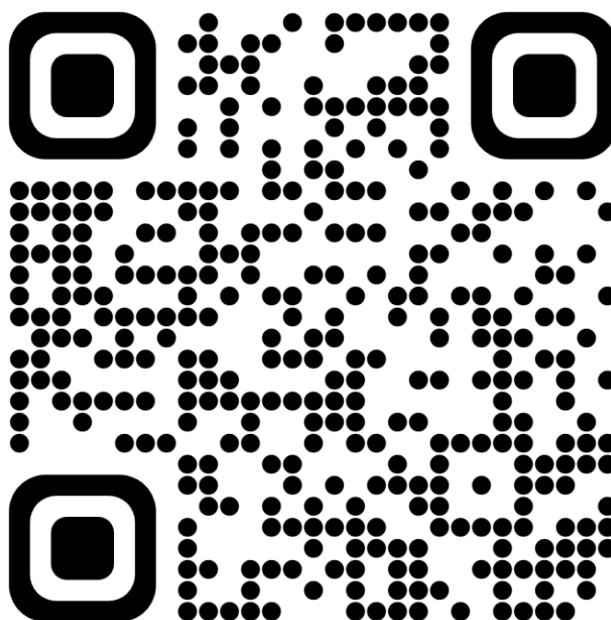


Figura 22: Qr Code de acesso ao vídeo Como fazer seu cavalo (Raimundo Lúlio)
Fonte: autora (2023).

Na aba “virtudes”, o professor encontrará uma apresentação em slides (Figura 24 e Figura 25) que mostra um pouco sobre as principais virtudes e princípios que deve ter um cavaleiro, conforme descrito por Raimundo Lúlio. Finaliza com uma atividade que busca desenvolver um código baseado na obra *O Livro da Ordem de Cavalaria*. Convém ressaltar que para a atividade a intencionalidade é uma mescla de virtudes descritas por Lúlio e as virtudes contemporâneas, as quais possivelmente o estudante conhece em seu cotidiano.

Para desenvolver esta apresentação, foi usado o site² <https://tome.app/> que utiliza inteligência artificial, uma tecnologia bastante recente que tem contribuído para auxiliar os(as) professores(as) no intuito de trazer mais ideias para a própria prática e ajudar na construção de aportes pedagógicos para uma aula dinâmica e interativa.

² Segue o link para acesso: <https://tome.app/benta-mestrado/virtudes-e-principios-de-um-cavaleiro-clno0i3e20156o27b61n16y7j>. Salienta-se que a Figura 23 corresponde ao Qr Code para acessar o material.



Figura 23: Qr Code de acesso apresentação Virtudes e princípios de um cavaleiro
Fonte: autora (2023).



Figura 24: Capa da apresentação Virtudes e princípios de um cavaleiro.
Fonte: autora (2023).

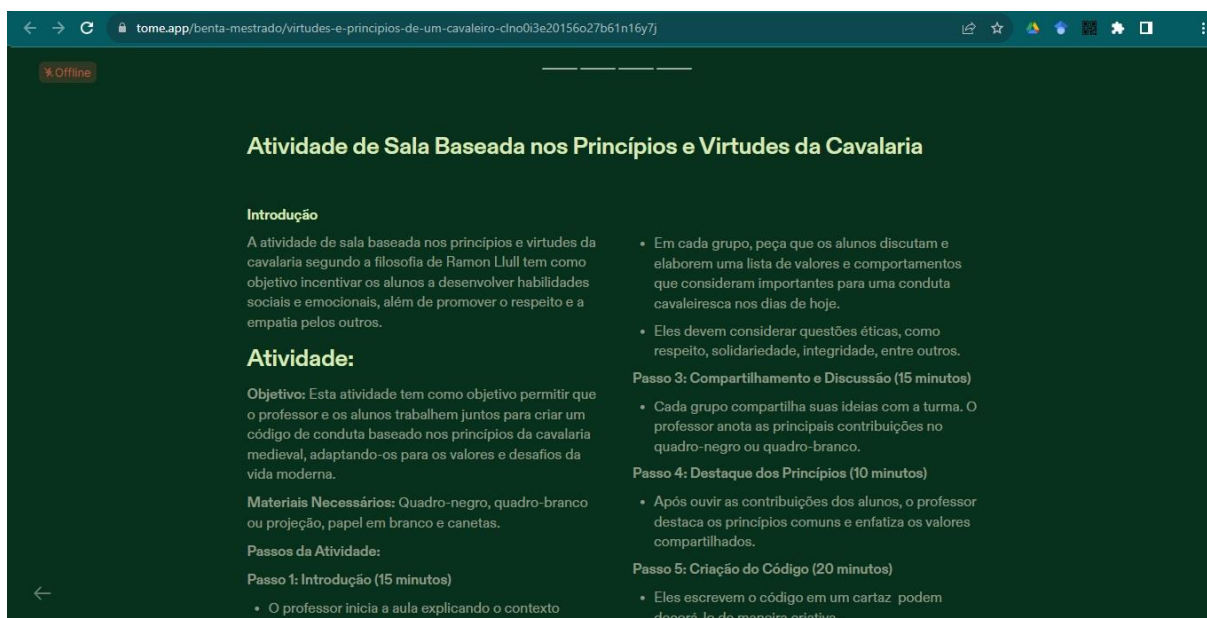


Figura 25: Atividade apresentação Virtudes e princípios de um cavaleiro.
Fonte: autora (2023).

Ainda na aba “virtudes”, após o professor montar com os estudantes o código de conduta de seus cavaleiros, o próximo passo é nomeá-los como cavaleiros. Para esta tarefa, será feita uma dramatização, em que professor adapta para realidade escolar o juramento e toda cerimônia medieval de nomeação de um cavaleiro. Para facilitar o processo, segue o texto da dramatização, podendo ser modificada pelo professor que decidir usá-la (Figura 26). Segundo Prieto (2007), a dramatização é um recurso que ajuda para o envolvimento em sala, “[...] chegar aos conteúdos de uma maneira menos consciente e mais expressiva, permitindo assim... apropriar-se da realidade e mergulhar nela para conhecê-la, explorá-la e transformá-la.” (Prieto, 2007, p.12, tradução nossa)³. Sendo assim, a dramatização contribui para que os estudantes possam interagir ainda mais com aula.

No item “Para professores” foi desenvolvido um material de apoio em formato de *e-book* (Figuras 27 e 28) disponível no seguinte endereço eletrônico <https://ebookmaker.ai/manual-da-sequencia-para-professores> onde os professores podem entender um pouco mais sobre a sequência didática e sobre Idade Média Ibérica, com foco na cavalaria, a partir da perspectiva apresentada na obra *O Livro da Ordem de Cavalaria*, de Raimundo Lúlio. O material também possui textos complementares que tratam do papel da mulher neste contexto da cavalaria. Assim, o professor pode fomentar importantes discussões como o papel da mulher neste momento histórico. Outro tema importante para debate é sobre

³ “Llegar a los contenidos de una forma menos consciente y más expresiva, pudiendo así... apropiarse de la realidad e internarse en ella para conocerla, explorarla y transformarla”

a conjuntura de violência em que cavalaria estava inserida desconstruindo a ideia de cavaleiros perfeitos, descritos nos romances de cavalaria.

O *ebook* (Figura 27 e Figura 28) desenvolvido mostra com detalhamento cada uma das etapas da sequência didática sendo apresentada de maneira sistemática e multidisciplinar. Utilizando como base os princípios e ensinamentos contidos no *Livro da Ordem de Cavalaria*, os capítulos deste recurso exploram diversos aspectos da cavalaria, desde sua origem e evolução até sua influência na sociedade medieval. Nesse material, também há textos que auxiliam o professor a promover discussões e problematizações sobre a cavalaria e sua idealização.

Por meio de atividades práticas e com textos que possibilitam reflexões, os professores são guiados a desenvolver e aplicar a sequência didática, propiciando que através das atividades os estudantes possam analisar os valores instigando a fazer paralelos com os valores que os cavaleiros buscavam neste período, além de ideais e práticas associadas à cavalaria, conforme delineadas por Raimundo Lúlio. O *ebook* aborda não apenas os aspectos históricos e filosóficos, mas também as implicações éticas e morais da conduta cavalheiresca. Assim, o professor pode fazer uma aula mais significativa e mais lúdica.

Dramatização da Nomeação de um Cavaleiro
A Nomeação de Cavaleiro

Personagens:
Professor de História (P)
Aluno(a) a ser nomeado(a) cavaleiro(a) (A)
Outros alunos (O)

Cenário:
Sala de aula com uma mesa e cadeiras para o professor e o aluno a ser nomeado.
Um "trono" improvisado para a nomeação (uma cadeira especial decorada).

Roteiro:

Início da dramatização:

(P) - Boa tarde, nobres alunos! Hoje é um dia especial em nossa sala de aula, pois temos o prazer de nomear um nobre cavaleiro ou uma nobre dama da história. Como sabem, um cavaleiro representa bravura, honra e coragem.

(P) - Nosso(a) nobre aluno(a) (A), destaca-se pelo seu comprometimento e paixão pelo estudo da história. Ele(a) demonstrou grande dedicação e respeito ao longo deste ano.

(P) - Agora, chegou o momento de reconhecer essas qualidades. (A), por favor, venha até o nosso trono.

(A) - (Aproxima-se do trono)

(P) - (Pega uma "espada" ou outro objeto simbólico) Com esta espada simbólica, eu te nomeio cavaleiro/dama da história. Que esta nomeação represente a tua busca pela verdade, justiça e o amor pelo passado.

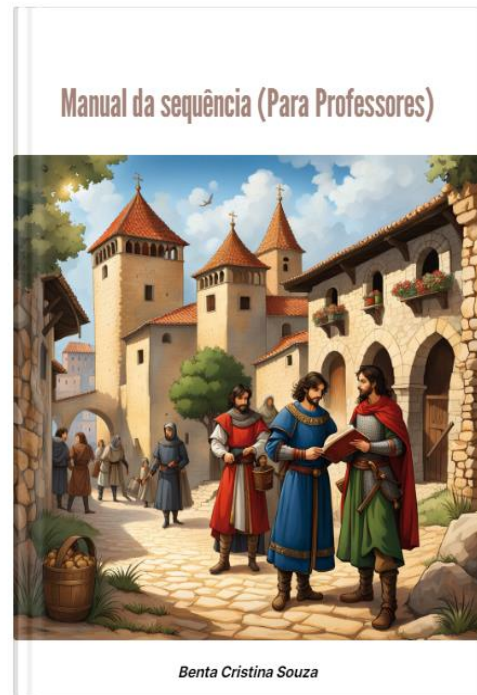
(A) - (Responde com uma promessa ou juramento apropriado)

(P) - Parabéns! (Aplausos dos outros alunos)

Fim da dramatização:

(P) - Que a história continue a ser uma fonte de inspiração para todos vocês, e que todos possam seguir o exemplo de nosso(a) nobre cavaleiro/dama. Muito obrigado, e continuemos nossa jornada no estudo da história com entusiasmo!

Figura 26: Texto da dramatização da nomeação do cavaleiro
Fonte: autora (2023).



Desenvolvido por ebookmaker.ai

Figura 27: Capa do e-book Manual da Sequência
Fonte: autora (2024).

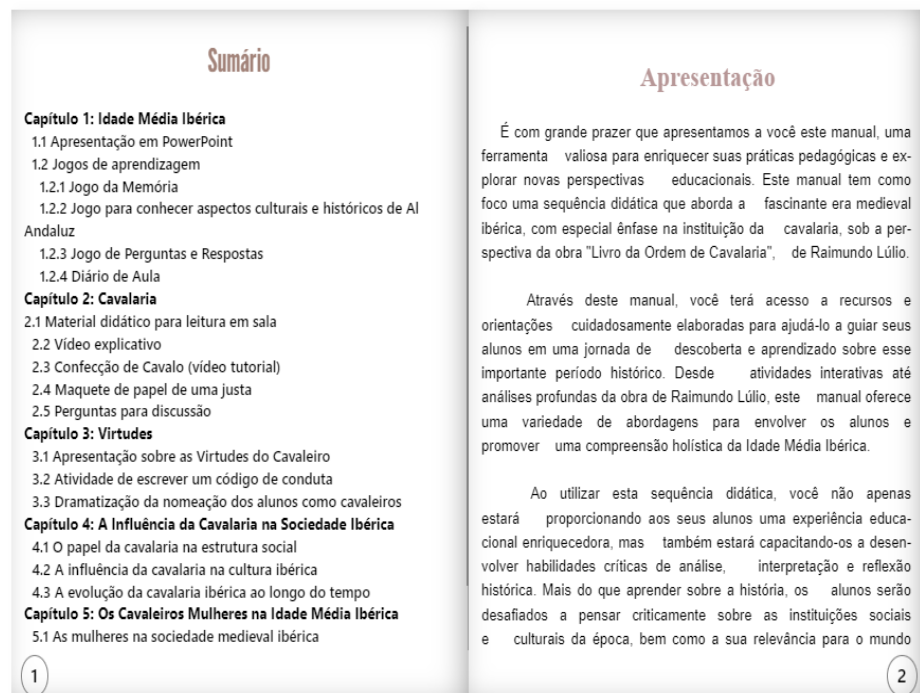


Figura 28: Parte do e-book Manual da Sequência
Fonte: autora (2024).

PARTE II
CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO OBJETO DE APRENDIZAGEM

3.1 INTRODUÇÃO

“A vida e a virtude dos nobres é nosso meio de salvação nos tempos ruins; disso dependem o bem-estar e a paz da Igreja e do reino, bem como o respeito à justiça. A guerra veio ao mundo por Caim e Abel e, desde então, prolifera entre os bons e os maus. Dar início a ela não é bom. Para isso existe o nobre estamento dos cavaleiros - para proteger, defender e pacificar o povo”.

(Johan Huizinga, 2013, p. 94)

Um dos objetivos desta pesquisa é compreender a importância da cavalaria na sociedade ibérica e como Raimundo Lúlio auxiliou na idealização da cavalaria que faz parte do imaginário coletivo até o tempo presente. A cavalaria foi uma instituição de grande importância durante a Idade Média na Península Ibérica, porque além de cumprir o seu papel de braço armado do Estado, também ajudou a construir uma nova nobreza, que idealiza a figura do cavaleiro como de um herói, mas sempre pautado na fé católica e dotado de virtudes.

O território ibérico foi cenário de diversas batalhas históricas durante a Idade Média. Houve prolongadas lutas entre os reinos cristãos e com os muçulmanos pelo poder sobre a região. Os cavaleiros cristãos apareceram como personagens importantes neste contexto, estando à frente de combates fundamentais para a tomada das terras pelos reinos cristãos. No entanto, a idealização da cavalaria na Península Ibérica não se limitou às virtudes dos cavaleiros.

Raimundo Lúlio, desenvolveu um papel decisivo na propagação dos valores e ideais relativos à cavalaria. Suas obras deixaram uma marca significativa na cultura e na moral que atravessaram a Idade Média, sendo encontrada influência de suas obras em autores posteriores, tais como D. Juan Manuel I, Giordano Bruno, Leibniz entre outros. Lúlio, buscou traçar uma espécie de código de conduta que os cavaleiros deveriam seguir. *O Livro da Ordem de Cavalaria* não apenas ensina as virtudes fundamentais para os cavaleiros, como a coragem e a lealdade, mas também contribuiu para que a cavalaria alcançasse um patamar elevado naquela sociedade. Ele descreve que os cavaleiros deveriam apenas usar suas habilidades para a proteção dos mais fracos e desprotegidos, digno de uma conduta calcada na fé católica.

A cavalaria por muito tempo foi símbolo de nobreza. Com o tempo, porém, passa a ser uma instituição anacrônica, com tradições já. Também como corporação militar perdeu importância com o advento das armas de fogo e o uso da pólvora. Por fim, a cavalaria ficou para o imaginário coletivo, transformando estes homens em personagens capazes de combater o mal e defender os desprotegidos, buscando ser a face da justiça. Nesta seção, será descrita a

cavalaria na Península Ibérica e o autor Raimundo Lúlio, com foco na obra *O livro da Ordem de Cavalaria*.

3.2 DEFINIÇÃO DE CAVALARIA, ORIGENS E CHEGADA À PENÍNSULA IBÉRICA

3.2.1 Definição de cavalaria, origens

Ao longo da Idade Média, a cavalaria tornou-se parte importante da cultura medieval, sendo capaz de constituir um imaginário coletivo e uma ética que chegou a influenciar a literatura. Exemplo disso são as gestas⁴, e posteriormente as novelas de cavalaria⁵, que refletem este imaginário cavaleiresco. De acordo com Goff e Schmitt (2006, p. 185) :

Se nos restringirmos ao sentido militar da palavra “cavalaria”, defini-la-emos essencialmente como um grupo profissional, o dos guerreiros de elite, atacando impetuosamente, de lança ou espada em punho, em todos os campos de batalha da Europa medieval: a cavalaria pesada, rainha das batalhas do século XI ao XIV, antes que o progresso dos arqueiros e, mais tarde, da artilharia viessem arrimar-lhe a supremacia e relegá-la à categoria de vestígio prestigioso de tempos heroicos e veneráveis.

A cavalaria na Idade Média não era apenas uma força militar, mas também um ideal de vida entre a nobreza, incorporando um conjunto de valores e comportamentos. Enquanto "milites" se refere tecnicamente a soldados a cavalo, o conceito de cavalaria abrange uma visão mais ampla e romantizada, especialmente dentro da cultura nobre. Flori (2005) conceitua o termo milites, especialmente ligado ao uso das armas.

O termo "cavalaria" já era utilizado desde a época romana até aproximadamente o século XI. Inicialmente, a palavra se referia à profissão militar. Com o tempo, o termo surgiu em outras línguas, aparecendo primeiro no provençal, depois no espanhol, português e, posteriormente, no francês antigo. Com o passar do tempo, recebe uma conotação mais

⁴ Los relatos épicos que difundía el juglar reciben el nombre de cantares de gesta. Eran poemas de carácter en general heroico, y tenían por objeto la vida de personajes importantes, sucesos notables o acontecimientos de la vida nacional que merecieran ser divulgados. La palabra gesta ha venido así a convertirse en sinónimo de "hecho hazañoso"; pero, en realidad, este vocablo, derivado del verbo latino gero, que significa "hacer", alude a "cosas hechas" o "sucedidas", para señalar la contraposición con la lírica, que se nutre de cosas imaginadas o sentidas por el propio autor. El nombre de gesta con el sentido de "hazaña", aparece ya citado por el Rey Sabio en el mencionado pasaje de las Partidas (Alborg, 1970, p. 39).

⁵ A novela de cavalaria ibérica é o resultante, em ficção, de um percurso que vem de tempos medievais, do relato oral, da gesta primitiva, do poema épico, do *roman* e da própria experiência da primitiva prosa europeia (da novela mesmo) como vocação mais direta do narrar. Servindo-se de caminhos já trilhados no mundo cavaleiresco (cavalaria: uma instituição moral, política, social e literária), cumpre-se ao instrumentar e adaptar o herdado a novos tempos, apenso a novas técnicas de dizer, que vão refletir outras visões do mundo (então em profundas modificações históricas). É uma espécie de ficção, que alcança na Península Ibérica um enorme desenvolvimento e prestígio, sendo curioso constatar o grande número destas obras impressas aí até o século XVII, permanecendo, depois, em folhetos de cordel, até mais tarde (Ferreira, 2007, p.121).

complexa, referindo-se a um tipo de regulamento sócio profissional de índole internacional, provido de uma compostura e de uma ética reconhecida.

Diferente do que o senso comum que vê a cavalaria como uma organização única e homogênea, esta é uma organização multifacetada. Fatores como o local onde vivem estes guerreiros, além do poder político e religioso, contribuem para o surgimento de aspectos próprios em seus ritos, investidas, armaduras e a forma de batalhar. A Península Ibérica é um exemplo notável, pois desenvolveu uma cavalaria com características distintas das de outros territórios europeus. Desde a formação, diversas particularidades locais, juntamente com a influência da ocupação muçulmana, contribuíram para que cada um dos reinos ibéricos adquirisse características únicas de cavalaria. (Astarita, 2007; Serrano, 2003; Flori, 2005).

Uma das origens da cavalaria ibérica remonta ao período em que os visigodos governaram a península. A cavalaria se desenvolveu primeiramente no Reino das Astúrias, como uma tradição herdada dos visigodos de ter um exército a cavalo, o que foi importante para resistir aos exércitos muçulmanos (Bronish, 2006). Na região próxima à França denominada Marca Hispânica, além da influência visigótica, o território ficou sob o domínio do Império Carolíngio e da Dinastia Capetiana, do século IX ao século XIII, quando a cavalaria aragonesa e de Navarra receberam forte influência da cavalaria francesa.

Segundo Rucquoi (1995), a história da Península Ibérica é marcada por uma multiplicidade de eventos e batalhas na Idade Média. Esses conflitos se acirram devido ao número mais frequente de migrações de diferentes povos de origem germânica como: suevos, vândalos e os visigodos, além dos alanos, povo oriundo da Ásia e posteriormente os muçulmanos que chegaram pelo estreito Gibraltar, vindos do norte da África. Com a formação dos reinos cristãos, mais hostilidade é inserida ao instável território ibérico medieval. De acordo com autora supracitada, a guerra, no entanto, é fato dominante que estruturou a sociedade e a economia na Península Ibérica a ponto de influenciar a suas fronteiras e relações sociais e culturais.

A cavalaria desempenhou um papel fundamental em meio aos conflitos, como as Cruzadas e o processo de Reconquista da Península Ibérica pelos cristãos. Ela foi essencial não apenas no aspecto militar, mas também teve uma grande influência social e cultural dentro da sociedade dos reinos cristãos da região da Hispania. Conceituar cavalaria se torna complexo. No entanto, falar deste assunto na Península Ibérica torna-se uma tarefa ainda mais desafiadora, pois durante a Idade Média, a península ficou dividida entre vários reinos sendo que cada um deles adotou ritos e características diferentes para a sua cavalaria (Astarita, 2007; Serrano, 2003).

Em consonância com Demurger (2002), em 1096, quando as Cruzadas haviam iniciado recentemente, muitos cavaleiros vindos de outras partes da Europa se uniram aos reinos ibéricos. Assim, existiam paralelamente as Cruzadas que aconteciam nos territórios de Jerusalém e a disputa pelo território ibérico travada com os mouros que já se estendia mais de três séculos. Diante desta conjectura, o território hispânico tornou-se um lugar para instalação das ordens militares vindas de outras partes e para formação de suas próprias ordens.

A aparição das primeiras ordens militares em solo ibérico chegou primeiramente pela parte norte (região próxima à França). A primeira ordem a ter adeptos na Península Ibérica foi a ordem dos hospitalários (Ordem Soberana e Militar Hospitalária de São João de Jerusalém) (Demurger, 2002). Estes fizeram coletas de esmolas nos Condados da Catalunha e também em Castela, onde tiveram como principais benfeitores a rainha D. Urraca e o rei D. Alfonso VII. Os templários também não demoram a se instalar em território ibérico. De acordo com Demurger (2002), em 1128 a pedido da Condessa Rainha D. Teresa de Portugal, a Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão (ou apenas templários), desembarcou em solo luso, onde a rainha presenteia a ordem com o castelo de Sória. Esta, porém, foi só a primeira de muitas outras doações feitas à ordem. Em pouco tempo, já existiam muitas instalações dos templários em boa parte do território Ibérico. Apesar de início promissor, as ordens tanto dos hospitalários quanto dos templários tiveram fracassos na proteção das fronteiras. Castela respondeu criando a própria ordem: Ordem de Calatrava. Também foram criadas: Ordem de Santiago, Ordem de Alcântara e a Ordem de Avis, que tiveram grande importância na formação e edificação da cavalaria na Península Ibérica (Demurger, 2002).

Durante os séculos XI e XII a cavalaria ibérica teve seu ápice com as Cruzadas e os combates contra os muçulmanos, além das disputas entre os reinos cristãos. Também se fortificou com a formação das próprias ordens, gozando de um importante papel nas batalhas que os cristãos travaram contra os muçulmanos na península. As Navas de Tolosa foram uma batalha, a qual se tornou um marco para a cavalaria e para o processo de retomada de territórios na Península Ibérica. Foi o período de ouro da cavalaria, apesar da batalha ter acontecido somente no século XII o processo se inicia com o fim Califado de Córdoba⁶ (Rucquoi, 1995).

⁶ A mediados del siglo VIII un miembro de la familia Omeya, eliminada de la jefatura del Islam al producirse la revolución Abbasida, pudo escapar a Occidente, estableciendo en Al-Andalus un emirato independiente del poder central musulmán, que se hallaba en Bagdad. El protagonista de dicha epopeya fue Abd al-Rahman I, fundador de la dinastía hispano-árabe de los Omeyas. Antes de que transcurrieran dos siglos, un descendiente suyo, Abd al-Rahman III, emir desde el año 912, daba un nuevo paso al adoptar, el 929, el título de califa y de príncipe de los creyentes. Con ello había conseguido añadir a la autonomía política lograda por su antecesor la independencia religiosa. El califato de Córdoba fue, sin duda, la etapa más brillante de la historia de Al-Andalus.

3.2.2 Península Ibérica: ordem social e cavalaria

A visão de uma sociedade dividida em ordens, sendo bastante difundida na Idade Média, foi usada primeiramente pelo bispo Adalberon de Laon em *Poème au Roi Robert*, que apresenta a concepção de três ordens: nobreza, clero e os camponeses. Esta posição de uma sociedade repartida em três justifica-se segundo o historiador Georges Duby (1994) pela Igreja que buscou reforçar a posição de cada um na sociedade, criando uma ética de universalização do cristianismo católico. Já Jacques Le Goff (1989) explica esta ideia de divisão da sociedade baseada no poder dos monarcas, além da aplicação econômica que esta forma de dividir a sociedade permite. Na Península Ibérica, o rei Alfonso X, na obra jurídica *Las Siete Partidas*, legitima esta forma hierarquizada. No entanto, a sociedade era muito fluida apesar dessa ideia de hierarquização.

De acordo com Adeline Rucquoi (1995), na maior parte do território ibérico a ideia de três ordens não se aplicava tão rigidamente. O clero não conseguiu impor totalmente seu poder, devido ao ideal cavaleiresco e as indulgências de cruzadas garantidas pelas bulas papais em que os cristãos eram redimidos dos seus pecados e ofertava a salvação a todos que combatessem os infiéis. Dessa forma, não eram apenas os seus feitos em terra que garantiriam salvação, assim o clero não tinha o monopólio dos reinos dos céus, enfraquecendo em partes o seu poder. Souza (2011) destaca a importância das bulas papais para as cruzadas na Península e também mostra como contribuiu de forma involuntária para a atenuação do poder clerical.

Desde a Baixa Idade Média, os papas lançavam bulas que contribuían significativamente para financiar as atividades bélicas dos governantes ibéricos. A partir do século XII e, mais tarde, com a ampliação imposta pelo IV Concílio de Latrão (1215), a Reconquista foi equiparada à Cruzada na Terra Santa. No fim do século XV, a citada Bula Ortodoxe Fidei exprimia essa característica: “[que seja oferecida] a remissão de todos os seus pecados e a indulgência como foi costume ser dada pelos Nossos Predecessores aos que partiram para reforço [dos combatentes] na Terra Santa (Souza, 2011, p.5).

Como ha señalado certeramente el insigne arabista Emilio García Gómez, el califato cordobés fue un estado poderoso y civilizado ... sin rival en Occidente y sólo comparable a Bizancio y Bagdad. En el orden interno, los Omeyas restablecieron su autoridad, apoyándose en un ejército vigoroso y una administración eficiente. En cuanto a las relaciones exteriores, los Omeyas desarrollaron una política expansiva en el norte de Africa, pensando siempre . en contrarrestar la influencia fatimí, al tiempo que mantuvieron a raya a los cristianos del norte de la Península. En el trasfondo de la época califal encontramos una indiscutible prosperidad económica, vigente hasta los años finales del siglo x. En ese contexto florecieron /as artes, particularmente en Córdoba, capital de Al-Andalus y una de las urbes más pujantes de aquella época. Paralelamente, conocieron un notable impulso las actividades literarias e intelectuales. Pero el califato de Córdoba tuvo una vida efímera, pues apenas duró un siglo. Es más, las dos últimas décadas de su existencia fueron testigo de una anarquía sin igual. El final de la dinastía Omeya, acaecido el año 1031, supuso la conversión de Al-Andalus en un conglomerado de pequeños estados, los denominados reinos de taifas. Pero fue también la señal para el inicio de la gran ofensiva de los cristianos del norte contra los musulmanes de Hispania. (Baruque, 1985, p. 4)

Diferente de outros territórios europeus, em boa parte do território ibérico os camponeses eram livres e tinham mobilidade para trocar de senhor de terra, não sendo necessário que permanecessem fixos à propriedade. Dessa forma, os camponeses poderiam mudar de senhor conforme achassem necessário, pois eles não estavam atrelados à terra. Conforme Rucquoi (1995), há somente uma exceção, que são os condados catalães, os quais mantinham uma estrutura de hierarquia mais fechada como a que ocorria na França.

[..] apesar dos conceitos importados de França, os camponeses da maior parte da península, livres e com mobilidade, por vezes obrigados no serviço das armas, não são considerados uma «ordem», uma categoria social de funções definidas e pretendidas por Deus, e por isso mesmo, imutáveis. Todo o camponês pode esperar uma melhoria da sua condição e uma ascensão social que obterá estabelecendo-se nos territórios que gozem de diversos privilégios, ou conseguindo diretamente do rei, como aconteceu em numerosos vales bascos ou navarrases, a condição de hidalguia. Só a Catalunha e uma parte dos territórios da coroa de Aragão conseguiram «estabilizar uma sociedade a dois níveis fechando o acesso à nobreza e escravizando a ela o campesinato (Rucquoi, 1995, p.245).

Na estrutura senhorial ibérica, a nobreza possuía suas particularidades: a origem é diferente das outras nobrezas europeias, sendo formada já no período visigótico, mas sofreu profundas transformações durante o período da formação dos reinos cristãos, como a formação e ampliação dos vários reinos cristãos

Alicerçada em uma sociedade que herdará dos visigodos a ideia de estamentos, a cavalaria se tornou por muito tempo sinônimo de nobreza, sendo que era dever do cavaleiro cuidar e proteger os desarmados, ou seja, os camponeses ou todo aquele que não tinha condições de possuir armas (Le Goff, 1989). Por sua vez, Olga Pisnitchenko (2023) explica a origem desta nobreza, que vai mais adiante formar as elites que se transformam em cavaleiro nobres.

Existem várias controvérsias a respeito das origens da aristocracia medieval de Leão e Castela. Não podemos comparar a gênese da nobreza ibérica com a franco-germânica, pois a rápida conquista da maior parte da Península Ibérica pelo exército muçulmano, entre anos 711 e 720, arrasou não somente o poder da monarquia visigótica, mas também, em larga escala, as elites dominantes que a apoiavam. Marie-Claude Gerbet" menciona a crônica de Alfonso III que alude a Pelayo, primeiro rei asturo-leonês eleito pela nobreza asturiana local e visigodos refugiados. Não vamos entrar em discussão sobre a origem étnica do Pelayo; para nós é importante que a crônica, escrita no início do século X, claramente indica a origem étnica do território daqueles que se reuniram para eleger o primeiro rei, de acordo com a tradição visigoda (Pisnitchenko, 2023, p.37).

A Igreja foi um importante elemento transformador na formação dessa nobreza, identificando os reis como autoridades legítimas para liderar exércitos, proteger a Igreja e monopolizar a justiça e a fiscalidade em detrimento de outros órgãos de poder, só poderiam agir a menos que estivessem subordinados ao poder real. A partir dessa interação deu-se o

fortalecimento desta recente nobreza. O papel dos soberanos na atribuição de títulos de nobreza aumentou, pois como representante de Deus na Terra, o rei elogiava a moral de seus súditos. Os soberanos costumavam usar o direito de conceder títulos de nobreza para recompensar a lealdade e a bravura. A definição desses níveis superiores de decisão política ocorreu ao longo de uma série de guerras por faixas de fronteira e rebeldes entre cortes inimigas, que finalmente chegaram a um consenso às custas da nobreza e dos territórios.

Segundo Rucquoi (1995), devido a Península Ibérica ser um território onde ocorreram diversos combates, a guerra em si era considerada uma oportunidade para o enriquecimento e possibilidade de alcançar a condição de “caballero”. A partir do século XIII, a nobreza passa ter um ideal diferente, a obra *Las Siete Partidas* de Alfonso X, o sábio, e de Raimundo trazem este nobre cavaleiro como uma pessoa dotada de diversas virtudes.

Em meados do século XIII, o fim das operações de reconquista iria significar a extinção do ideal de nobreza, na medida em que se tornavam mais raras as ocasiões de servir as armas. O gosto pela História, em particular a da Antiguidade, o interesse dispensado a autores como Cícero, Valério Máximo e Vegécio, as influências francesas e a penetração do direito romano desde os fins do século XII contribuíram, no entanto, para difundir uma nova concepção da nobreza, a «cavalaria», entendida como virtus pessoal e como profissão querida por Deus para bem-estar do homem, tal como o definia João de Salisbúria. Por volta de 1260-1270, na época em que Afonso X, o Sábio, de Castela, elaborava as suas partidas e indicava, depois dos deveres do «povo», as características e as «virtudes dos cavaleiros» - cavaleiros que, entre outros, deviam «proteger a nobreza», o catalão Raimundo Lúlio terminava o seu *Libre del Ordre de Cavayleria*, que fazia do cavaleiro o defensor da fé, do seu rei e dos fracos, um homem hábil nas armas como na ciência e distinguido tanto pelas suas virtudes como pela sua generosidade (Rucquoi, 1995, p.246).

A relação entre o rei e a nobreza foi significativamente alterada pela dinâmica política do século XII. No século XIII, a maturação das estruturas políticas e das relações de força dentro delas resultou em ganhos militares, testemunhando a maior transferência de territórios, como em 1212, quando a Batalha das Navas de Tolosa abriu os vales do sul da depressão do Guadalquivir para os cristãos. Em 1213, a Batalha de Muret deixou a sociedade meridional francesa indefesa diante da expansão dos setentrionais, e em 1214, em Bouvines, todas as forças políticas se envolveram em um conflito de escala até então desconhecida (Vaquero, 2011).

A nobreza de maior prestígio estava envolvida em examinar e aprimorar suas habilidades no que se refere ao cavaleirismo, enquanto aqueles que não pertenciam à nobreza buscavam alcançar esse status por meio de serviços militares eficientes. Houve uma facilitação no acesso à nobreza e sua evolução para uma categoria moral fez com que a investigação desses indivíduos fosse mais legitimada e aceita.

3.2.3 Cavalaria e legislação

A cavalaria foi uma parte importante da vida na Península Ibérica durante a Idade Média. Era um código de conduta baseado nos ideais de honra, coragem e lealdade. Esperava-se que os cavaleiros defendessem esses ideais e protegessem os fracos e vulneráveis. O cavalheirismo também era um modo de vida para a nobreza, de quem se esperava que fosse generoso e cortês com seus pares. O conceito de cavalaria estava intimamente ligado à fé cristã, e esperava-se que os cavaleiros fossem devotos e servissem a Deus (Rucquoi 1995, Flori 2005).

A Península Ibérica foi o lar de vários reinos poderosos durante a Idade Média, incluindo o Reino de Castela, o Reino de Aragão e o Reino de Portugal. Esses reinos frequentemente estavam em conflito entre si, e esperava-se que os cavaleiros lutassem bravamente em defesa de seu reino. Esperava-se também que os cavaleiros mostrassem respeito por seus inimigos e os tratassem com cortesia e honra (Rucquoi 1995).

Tamanha a relevância, que o rei Alfonso X de Castela (1221-1284) apresentou uma definição jurídica para a cavalaria. Nesta pesquisa, iremos nos ater somente a algumas leis da obra *Siete partidas* (1252-1284) em especial *Segunda partida*, título vinte e um, denominada *De los caballeros y de las cosas que les conviene hacer*, onde aparece a definição, segundo a lei, para a cavalaria.

Apesar de o governo do rei Alfonso X ser marcado por conflitos com importantes casas nobiliárquicas, a nobreza lutou para conseguir diversos direitos que posteriormente foram inclusos judicialmente nas *Sietes Partidas*. A partir desse conjunto de leis, em especial no título XXI da Segunda Partida, houve uma significativa distinção entre a cavalaria e a nobreza. Segundo, Velasco (1993), há um refinamento com a jurisdição da cavalaria sendo, a obra *Siete Partidas* um código de leis bastante inovador que insere:

O Espéculo⁷ é um código legal que, é ainda essencialmente casuístico. Não se coloca a possibilidade de configurar uma sociedade ideal, mas sim um regime legal público no qual há lugar para a variada cavalaria em toda a sua extensão. As Partidas introduzem precisamente essa grande inovação. Diante da divisão social baseada na realidade que o Espelho apresenta, o novo código, a partir do ponto que agora nos interessa, insere essa nova característica: a sociedade que é retratada é uma sociedade desejada na qual as funções dos homens estão perfeitamente delineadas. A lei se organiza, então, sobre esse tipo de solidariedade na divisão. Uma divisão na qual os traços de nobreza são comuns. Exibir a cavalaria significa pertencer a um

⁷ O "Espéculo" foi um código de leis compilado durante o reinado de Alfonso X, no século XIII, que tratava de diversas questões legais e sócio culturais, que propiciaram diversas diretrizes para a justiça no período medieval em parte da Espanha.

estado cujos membros são escolhidos, são a elite de uma sociedade (Velasco, 1993, p. 49-77, nossa tradução).⁸

O rei Afonso X com um grupo de diversos especialistas tais como advogados, teólogos e filósofos elaboraram as *Siete Partidas*, que procuravam fortalecer e codificar as leis do seu reino. O resultado é um trabalho que não apenas reflete as normas jurídicas da época, mas também oferece informações valiosas sobre a cultura, a moralidade e a visão de governo do rei.

Essa compilação jurídica abarca diversas áreas do direito e apresenta uma perspectiva ampla do sistema jurídico medieval. Dividida em sete partes, a obra trata de temas como direito civil, penal, processual, canônico e até elementos da cultura e da moral da época, tais como a cavalaria. A obra se destaca pela abordagem sistêmica e pela apresentação de uma estrutura abrangente para compreensão e aplicação das leis. A influência das *Siete Partidas* perdurou por séculos e refletiu não só as normas jurídicas da época, mas também a visão social e ética do rei Afonso X.

O rei Alfonso X e Raimundo Lúlio eram contemporâneos: ambos viveram no século XIII e tinham a cavalaria como uma importante instituição dotada de princípios e virtudes éticas. Conforme pontuado anteriormente neste item, será analisada a segunda partida, capítulo vinte um e *O livro da Ordem Cavalaria*, buscando similitudes e possíveis diferenças entre ambas as fontes.

A lei número dois da *Segunda Partida* descreve a importância e tudo que deve fazer um honrado cavaleiro, pois somente um homem nobre entre mil é encontrado. Esse homem não pode temer matar, deve ser valente e não deve ter piedade do inimigo. A partir desse homem, seus filhos recebem esses valores, estando aptos a continuar a batalhar na guerra. A cavalaria, com passar do tempo, passa a ser uma instituição hereditária. A seguir, transcreve-se na íntegra a lei 2:

Lei 2: Mil é o conto mais honrado que pode existir, assim como dez é o conto mais honrado entre aqueles que começam em um. E por esta razão, antigamente, escolhiam mil homens para fazer de um deles um cavaleiro. Ao escolhê-los, certificavam-se de que possuísem três características: a primeira, que fossem habilidosos no combate, para melhor saberem matar e vencer seus inimigos, sem se

⁸ El Espéculo es un código legal que, es todavía esencialmente casuístico. No se plantea la posibilidad de configurar una sociedad ideal, sino un régimen legal público en el que se da cabida a la multiforme caballería en toda su extensión. Las Partidas introducen precisamente esa gran innovación. Frente a la división social basada en la realidad que presenta el Espéculo, el nuevo código, a partir del punto que ahora nos interesa, inserta esta nueva característica: la sociedad que se pinta es una sociedad deseada en la que las funciones de los hombres están perfectamente señaladas. La ley se organiza, entonces, sobre este tipo de solidaridad en la división. Una división en la que los tintes de nobleza son comunes. Ostentar la caballería significa pertenecer a un estado cuyos componentes son elegidos, son la elite de una sociedad.

cansarem facilmente; a terceira, que fossem cruéis, sem piedade ao roubar dos inimigos, ferir, matar, e também sem desfalecer rapidamente diante de um golpe recebido ou ao desferir golpes em outros. Por essas razões, antigamente, escolhiam entre caçadores de montanha, homens que suportavam grande fadiga, e carpinteiros, ferreiros e pedreiros, porque eram habilidosos no combate, fortes de mãos, e também entre carneiros, pois estes estavam acostumados a matar seres vivos e derramar o sangue deles. E ainda consideravam outra característica ao escolhê-los: que tivessem uma boa conformação corporal, para serem robustos, fortes e áeis. No entanto, porque muitas vezes perceberam que esses homens, sem sentir vergonha, esqueciam todas essas características mencionadas e, em vez de vencerem seus inimigos, eram vencidos por eles, os conhecedores dessas coisas entenderam que deveriam buscar homens para isso que possuíssem naturalmente vergonha. Sobre isso, disse um sábio chamado Vejecio, que falou sobre a ordem de cavalaria, que a vergonha impede o cavaleiro de fugir da batalha e, por isso, ela o faz ser vitorioso. Muitos consideraram que o homem fraco e sofredor era melhor do que o forte e ágil para fugir. Por isso, acima de todas as outras coisas, observavam que fossem homens de boa linhagem, para que se abstivessem de fazer algo que pudesse envergonhá-los, e porque eram escolhidos de boas origens, foram chamados de "filhos de algo", que significa tanto quanto "filhos de bem". Em alguns lugares, foram chamados de "gentis" e receberam esse nome de "gentileza", que significa tanto quanto nobreza de bondade, porque os gentis eram homens nobres e bons, e viveram de maneira mais ordenada do que outros. Por isso, os "filhos de algo" devem ser escolhidos, que descendam de linhagem legítima de pai e avô até o quarto grau, chamado de bisavôs. Os antigos consideraram isso acertado, pois, a partir dessa época, os homens não podem se lembrar, mas quanto mais distantes descendem de boa linhagem, mais crescem em honra e nobreza. (Alfonso X, , nossa tradução)⁹.

Raimundo Lúlio traz de forma bastante semelhante a importância da figura do cavaleiro. No entanto, ele trata de uma forma mais didática e idealizada esse homem de linhagem, costumes e hábitos nobres. Assim Lúlio discorre sobre o cavaleiro:

No começo, como veio ao mundo menosprezo de justiça devido à língua de caridade, conveio que a justiça retornasse à sua honra pelo temor. E por isso, de todo

⁹ Ley 2: Mil es el más honrado cuento que puede ser, también así como diez es el más honrado cuento de los que comienzan en uno. Y por esta razón escogían antiguamente de mil hombres uno para hacerle caballero y escogiéndolos, miraban que fuesen hombres que tuviesen en sí três cosas: la primera, que fuesen hechos a herir para que supiesen mejor y más pronto matar y vencer a sus enemigos, y no se cansasen ligeramente haciéndolo; la tercera, que fuesen crueles para no tener piedad de robar lo de los enemigos, ni de herir, ni de matar, ni otrosí que no se desmayasen pronto por golpe que ellos recibiesen, ni que diesen a otros. Y por estas razones antiguamente para hacer caballeros escogían de entre los venadores de monte, que son hombres que sufren gran fatiga, y carpinteros, herreros y pedreros, porque usan mucho herir y son fuertes de manos, y otrosí de los carniceros por razón que usan matar las cosas vivas y esparcir la sangre de ellas: y aun consideraban otra cosa escogiéndolos: que fuesen bien conformados de miembros para ser recios, fuertes y ligeros, más porque después vieron muchas veces que estos tales, no teniendo vergüenza, olvidaban todas estas cosas sobredichas, y en lugar de vencer a sus enemigos, vencíanse ellos, tuvieron por bien los sabedores de estas cosas que buscasen hombres para esto que hubiesen naturalmente en sí vergüenza. Y sobre esto dijo un sabio que tenía por nombre Vejecio, que habló de la orden de caballería, que la vergüenza veda al caballero que no huya de la batalla, y por esto ella le hace ser vencedor. Y mucho tuvieron que era mejor el hombre flaco y sufridor que el fuerte y ligero para huir. Y por esto sobre todas las otras cosas miraron que fuesen hombres de buen linaje, porque se guardesen de hacer cosa por la que pudiesen caer em vergüenza, y porque estos fueron escogidos de buenos lugares y algo por eso los llamaron hijosdalgo, que muestra tanto como hijos de bien. Y en algunos otros lugares los llamaron gentiles, y tomaron este nombre de gentileza, que muestra tanto como nobleza de bondad, porque los gentiles fueron hombres nobles y buenos, y vivieron más ordenadamente que otra gente. Y por eso los hijosdalgo deben ser escogidos, que vengan de derecho linaje de padre y de abuelo hasta en el cuarto grado, a los que llaman bisabuelos. Y esto tuvieron por bien los antiguos, porque de aquel tiempo en adelante no se pueden acordar los hombres, pero cuanto de allí en adelante más de lejos vienen de buen linaje, tanto más crecen en su honra y en su hidalguía. (ALFONSO X,)

o povo foram feitos milenaristas e de cada mil foi eleito e escolhido um homem, mais amável, mais sábio, mais leal e mais forte, e com mais nobre coragem, com mais ensinamentos e de bons modos que todos os outros (Raimundo Lúlio, 2000, [c.1274-1276], n.p).

Esses bons homens, para merecerem estar na cavalaria, devem ser virtuosos. O rei Alfonso X, na lei de número quatro, menciona quatro virtudes que são fundamentais: prudência, justiça, fortaleza e temperança. Dessa forma, um cavaleiro sabe da nobreza dos próprios atos em defesa da igreja e dos mais fracos, assim como importância que tem diante de todos os perigos. Essas virtudes, chamadas cardeais, de origem platônica, irão se enquadrar muito bem nos princípios cristãos. Abaixo, está reproduzida a lei de número quatro, do rei Alfonso X:

Lei 4: São chamadas de virtudes as boas práticas que os homens têm naturalmente em si, as quais são chamadas em latim de virtudes; e entre todas, existem quatro principais: sabedoria, coragem, moderação e justiça. Embora todo homem que tenha a vontade de ser bom deva se esforçar para possuí-las, tanto os oradores que mencionamos quanto os outros que governam as terras por seus trabalhos e esforços, não há ninguém a quem seja mais conveniente do que aos defensores, pois eles devem proteger a igreja, os reis e todos os outros. A sabedoria os guiará para que saibam fazê-lo a seu favor e sem prejudicar a si mesmos; a coragem fará com que permaneçam firmes no que fizerem, sem serem volúveis; a moderação fará com que ajam nas coisas conforme devem, sem ultrapassar os limites; e a justiça fará com que o façam corretamente. Embora essas virtudes se manifestem de muitas maneiras, todas se resumem em duas: umas para defender o corpo, chamadas de armaduras, e outras, chamadas de armas, para ferir. Os antigos acharam conveniente criar uma em que todas essas coisas fossem representadas por semelhança, e essa foi a espada. Assim como as armas que um homem veste para se defender mostram a sabedoria, uma virtude que o protege de todos os males que poderiam vir por sua culpa, da mesma forma, a empunhadura da espada que o homem mantém em seu punho também demonstra isso, pois enquanto a tiver, está em seu poder levantá-la ou baixá-la, ferir ou não. Assim como nas armas que o defensor posiciona à sua frente para se proteger mostram a coragem, uma virtude que o mantém firme diante dos perigos que enfrenta, toda a coragem da espada está na lâmina, pois nela se suporta a empunhadura, a guarda e o ferro. Assim como as armaduras que se veste e as armas com as quais fere, e são semelhantes à virtude da moderação entre as coisas que são feitas em excesso ou em falta do que deveriam ser, de maneira semelhante, a guarda é colocada entre a empunhadura e o ferro dela. E assim como as armas que o homem tem nas mãos, direcionadas para ferir onde for necessário, mostram a justiça que contém retidão e igualdade, o ferro da espada também demonstra isso, sendo reto, afiado e cortando igualmente dos dois lados. (Alfonso X, Partida II, Título XXI, Ley 4, tradução nossa)¹⁰.

¹⁰ Ley 4: Bondades son llamadas las buenas costumbres que los hombres tienen naturalmente en sí, a las que llaman en latín virtudes; y entre todas son cuatro las mayores; así como cordura y fortaleza y mesura y justicia. Y comoquiera que todo hombre que tenga voluntad de ser bueno debe esforzarse por tenerlas, tanto los oradores que dijimos, como los otros que han de gobernar las tierras por sus labores y por sus trabajos, con todo esto no hay ninguno a quien convenga más que a los defensores, porque ellos han de defender la iglesia y los reyes y a todos los otros, y la cordura les hará que lo sepan hacer a su provecho y sin su daño; y la fortaleza, que estén firmes en lo que hicieren y que no sean cambiadizos, y la mesura, que obren en las cosas como deben y no pasen a más, y la justicia, que la hagan derechamente. Y comoquiera que estas sean en muchas maneras, sin embargo todas tornan en dos: las unas, para defender el cuerpo que son dichas armaduras; y las otras, armas, que son para herir. Tuvieron por bien los antiguos hacer una en que se mostrasen todas estas cosas por semejanza, y esta fue la espada, pues bien así como las armas que el hombre viste para defenderse muestran cordura, que es virtud que le guarda de todos los males que le podrían venir por su culpa, otrosí muestra eso mismo el mango de

Na obra *O livro da ordem de cavalaria* as virtudes também são consideradas muito importantes para que o cavaleiro seja alguém a quem se deve respeitar e admirar. São sete as principais virtudes que um cavaleiro deve dispor para fazer o bem e auxiliar na defesa dos menos favorecidos e desarmados e levar a verdadeira fé católica, sem deixar de lado a luta pela justiça e pela paz. Destas sete, quatro são cardeais, já citadas pelo rei Alfonso X. Lúlio inclui as virtudes teológicas como forma de combater os sete pecados capitais, que um cavaleiro não deve ter para não estar preso à maldade mundana.

Todo cavaleiro deve saber as sete virtudes que são raiz e princípio de todos os bons costumes e são vias e carreiras da celestial glória perdurável. Das quais sete virtudes são as três teológicas e as quatro cardeais. As teológicas são fé, esperança, caridade. As cardeais são justiça, prudência, fortaleza, temperança (Raimundo Lúlio, 2000 [c.1274-1276], n.p).

A lei número quatorze trata do uso das armas que um cavaleiro deve ter e as virtudes já mencionadas anteriormente. O cavaleiro deve ter certeza de seu juramento, porque somente assim será capaz de oferecer a própria vida pela lei, por seu senhor, pelas terras que protege. Sabendo de todas essas responsabilidades, ele pode então ser sagrado, lembrando sempre que Deus deve ser seu guia e sua fé na igreja deve ser instrumento de transformação contra os infiéis. Segue a transcrição da lei número quatorze, de Alfonso X:

Lei 14: A espada é uma arma que simboliza aquelas quatro significações que já mencionamos; e porque aquele que será cavaleiro deve ter dentro de si essas quatro virtudes, os antigos estabeleceram que recebessem a ordem de cavalaria com ela, e não com outra arma. Isso deve ser feito de tal maneira que, após a vigília, assim que o dia amanhecer, ele deve primeiro ouvir a missa e pedir a Deus que guie seus feitos para o serviço dele. Depois, o cavaleiro designado para realizar a cerimônia deve chegar e perguntar se ele deseja receber a ordem de cavalaria. Se ele responder afirmativamente, deve ser questionado se a manterá como deve ser mantida. Após o consentimento, o cavaleiro deve colocar as esporas nele mesmo ou ordenar que outro cavaleiro o faça. A forma de fazê-lo pode variar dependendo da pessoa ou do local. Isso é feito para mostrar que, assim como colocam as esporas no cavalo, à direita e à esquerda, para fazê-lo correr na direção certa, assim também ele deve conduzir suas ações corretamente, sem desviar para nenhum lado. Além disso, ele deve cingir a espada sobre o cinto que estiver usando, de modo que a fita não fique muito solta, mas próxima ao corpo. Isso simboliza que as quatro virtudes mencionadas devem sempre acompanhá-lo. Por isso, antigamente, estabeleceram que os nobres homens fossem armados com todas as suas armaduras quando fossem feitos cavaleiros, como se estivessem prestes a entrar em combate, mas não achavam necessário cobrir as cabeças. Assim que a espada estiver cingida, ele deve retirá-la

la espada que el hombre tiene encerrado en su puño, pues cuanto así la tuviere, en su poder es de alzarla o de bajarla, o de herir con ella o de dejarla. Y otrosí como en las armas que el defensor sitúa ante sí para defenderse muestran fortaleza, que es virtud que hace al hombre estar firme a los peligros que le vienen, así en la manzana es toda la fortaleza de la espada, pues en ella se sufre el mango, y el arriaz y el hierro, pues bien, así como las armaduras que viste y las armas con que hiere, y son así como la virtud de la medida entre las cosas que se hacen de más o de menos de lo que deben, bien a esa semejanza es puesto el arriaz entre el mango y el hierro de ella; y bien otrosí como las armas que el hombre tiene en las manos enderezadas para herir con ellas allí donde conviene, muestran justicia que tiene en sí derecho e igualdad, otrosí lo muestra el hierro de la espada, que es derecho y agudo y taja igualmente de ambas partes (ALFONSO X, Partida II, Título XXI, Ley 4).

da bainha e segurá-la na mão direita. Em seguida, ele deve jurar três coisas: primeiro, que não teme morrer por sua fé, se necessário; segundo, por seu senhor natural; terceiro, por sua terra. Após fazer esses juramentos, ele deve receber um golpe simbólico para lembrar essas promessas, sendo dito que Deus o guie em Seu serviço e permita que cumpra o que prometeu ali. Depois disso, ele deve beijar em sinal de fé, paz e fraternidade, o que deve ser mantido entre os cavaleiros. Todos os outros cavaleiros presentes no local devem fazer o mesmo. (Alfonso X, Partida II, Título XXI, Ley 14, tradução nossa)¹¹.

Em diversas partes da sua obra, Lúlio reforça a importância do cavaleiro como sendo uma pessoa especial, escolhida por Deus para fazer justiça e portadora de todas as virtudes, sendo que cada peça da sua armadura assim como suas armas têm importantes significados, porque não são somente instrumentos para guerra, mas uma maneira de reforçar a função que um cavaleiro tem na sociedade medieval. Lúlio também descreve como um escudeiro se prepara para tornar-se cavaleiro, que passa também pela fé, pois quando é sagrado cavaleiro une-se à sua parte terrenal e espiritual, fazendo um cavaleiro digno de ser respeitado por todos.

Tudo que o presbítero veste para cantar na missa tem algum significado que se convém ao seu ofício; e porque ofício de clérigo e ofício de cavaleiro se convêm, por isso ordem de cavalaria requer que tudo o que é mister ao cavaleiro usar de seu ofício tenha alguma significação, pela qual seja significada a nobreza da ordem de cavalaria (Raimundo Lúlio, 2000 [c.1274-1276], n.p)

Os textos de ambos os autores citados convergem e dão uma grande importância à cavalaria. Os dois autores veem na cavalaria um símbolo de justiça, de nobreza não só de linhagem, como também de virtudes. Eles também reforçam a estrutura hierárquica já existente da sociedade medieval, pois colocam os cavaleiros logo abaixo dos reis, uma posição social privilegiada e hierárquica.

¹¹ Ley 14: Espada es arma que muestra aquellas cuatro significaciones que ha hemos dicho; y porque el que ha de ser caballero debe tener en sí por derecho aquellas cuatro virtudes, establecieron los antiguos que recibiesen con ella orden de caballería, y no con otra arma, y esto ha de ser hecho en tal manera que, pasada la vigilia, luego que fuere de día, debe primeiramente oír su misa y rogar a Dios que le gué sus hechos para su servicio, y después ha de venir el que le ha de hacer caballero, y preguntarle si quiere recibir orden de caballería, y si dijere que sí, hale de preguntar si la mantendría así como se debe mantener, y después que se lo otorgare, débele calzar las espuelas, o mandar a algún caballero que se las calce; y eso ha de ser según cuál hombre fuere o el lugar que tuviere. Y hácenlo de esta manera por mostrar que así como al caballo ponen las espuelas de diestro y de siniestro, para hacerle correr derecho, que así debe él hacer sus hechos enderezadamente, de manera que no tuerza a ninguna parte. Y también hale de ceñir la espada sobre el brial que vistiere, así que la cinta no sea muy floja, mas que se llegue al cuerpo; y esto es por significación de que las cuatro virtudes que dijimos, debe siempre haberlas caronadas así. Por esto, antiguamente establecieron que a los nobles hombres hiciesen caballeros, siendo armados de todas sus armaduras, bien así como cuando tuviesen que lidiar, mas las cabezas no tuvieron por bien que las tuviesen cubiertas. Y desde que la espada le hubiere ceñido, débela sacar de la vaina y ponérsela en la mano diestra, y hacerle jurar estas tres cosas: la primera, que no recele morir por su ley si menester fuere, la segunda, por su señor natural; la tercera, por su tierra: y cuando esto hubiere jurado, débele dar un pescozada porque estas cosas sobredichas las recuerde, diciéndole que Dios le gué a su servicio y le deje cumplir lo que allí prometió, y después de esto, hale de besar en señal de fe y de paz y de hermandad, que debe ser guardada entre los caballeros. Eso mismo han de hacer todos los otros caballeros que estuviesen en aquel lugar (ALFONSO X, Partida II, Título XXI, Ley 14).

A partir desse pressuposto, tanto o rei Alfonso X quanto Lúlio enfatizam o papel da nobreza, que com o tempo tornou uma ideal de vida, influenciando toda uma sociedade.

3.2.4 Decadência da cavalaria

Após os triunfos das forças cristãs em batalhas contra os muçulmanos, os territórios anteriormente controlados por eles foram gradualmente conquistados pelos reinos cristãos. Tanto é que, em 1262, apenas o Reino de Granada permanecia sob o domínio dos muçulmanos. Ao fim das Cruzadas e com a retomada de muitos territórios muçulmanos, a cavalaria, no quesito militar, passou a entrar em declínio. Durante os séculos XIV e XV, a cavalaria já não tem os poderes militares que anteriormente dispunha. De acordo com Jorge Sáiz Serrano (2003), a instituição da cavalaria com o passar dos séculos foi perdendo a notoriedade que anteriormente era símbolo de força militar. Isso ocorreu devido a diversos fatores:

Durante a transição para o século XIV e, acima de tudo, ao longo desse século, foi quando a participação e a predominância bélica da cavalaria começaram a ser ameaçadas. De fato, no século XIV, uma guerra que se tornou mais recorrente – em resposta à realidade de um sistema múltiplo de pequenos Estados feudais em constante competição e expansão – e, portanto, mais intensa e complexa – com campanhas cada vez mais frequentes para conquista territorial – facilitou a promoção quantitativa e qualitativa de outros combatentes. Isso inclui desde a infantaria tradicional de besteiros até a cavalaria leve, arqueiros e contingentes de tropas leves a pé, estes últimos característicos em conflitos de fronteira. Esses combatentes atendiam melhor às novas necessidades, que haviam tido menos destaque, embora não marginal, em épocas anteriores, e agora eram cada vez mais integrados em exércitos de maior dimensão e de natureza contratual. Esses exércitos eram mobilizados por recrutamento assalariado, diante da expansão dos meios materiais, administrativos e financeiros dos Estados (Serrano, 2003, p. 25, nossa tradução)¹².

O autor ainda sinaliza alguns fatores que foram importantes para a decadência da cavalaria. Um dos mais significativos é a modernização e a alteração dos exércitos com um destaque maior à infantaria. Assim, o cavaleiro que antes era o protagonista, passa ser mais um coadjuvante com o advento de novas armas. Com o uso da pólvora e da artilharia, além do

¹² En el tránsito al Trescientos y, sobre todo, en el devenir de toda esa centuria, fue cuando la participación y preponderancia bélica de la caballería comenzó a verse amenazada. De hecho, en el siglo XIV, una guerra que se había hecho más recurrente –respondiendo a la realidad de un múltiple sistema de pequeños Estados feudales en continua competencia y expansión– y por ello de mayor intensidad y complejidad –cada vez más campañas de conquista territorial–, facilitó la promoción cuantitativa y cualitativa de otros combatientes –desde la infantería tradicional de ballesteros hasta caballería ligera, arqueros y contingentes de tropas ligeras a pie, éstos últimos característicos en conflictos de frontera– que respondían mejor a las nuevas necesidades, que habían tenido un relieve menor, aunque no marginal, en épocas anteriores, y que ahora eran crecientemente integrados en unos ejércitos de mayores dimensiones y cada vez más de naturaleza contractual, movilizados por reclutamiento a sueldo ante la propia expansión de los medios materiales, administrativos y financieros de los Estados (Serrano, 2003, p. 25).

uso de armas com alcance cada vez maior, a cavalaria pesada foi aos poucos perdendo espaço nos campos de batalha. No entanto, outros fatores foram importantes para o fim da cavalaria como: o custo da indumentária de um cavaleiro e a manutenção da cavalaria em tempo de paz. Esses pormenores passaram a ser algo extremamente custosos, fazendo com que a nobreza e a realeza pensarem no custo-benefício deste exército. A cavalaria passa, aos poucos, a ser obsoleta (Serrano, 2003).

Com o fim da importância da cavalaria, esses homens que antes formavam esta grande instituição, passaram por um período de transição e tiveram que se adaptar a este novo cenário: alguns cavaleiros ingressaram nos serviços militares nos exércitos como oficiais, comandantes, em alguns reinos como conselheiros militares. Outros formaram uma espécie de milícia que combatia em troca de pagamento, mercenários que batalhavam em grandes guerras ou conflitos regionais. Houve, ainda, os que se dedicaram a outras áreas que não a vida militar, tornando-se juízes, políticos, diplomatas ou atividades ligadas às cortes, como música e poesia.

Além da transformação militar, ocorreu também uma mudança social: o status que gozavam esses cavaleiros já não era o mesmo, e a nobreza passou a buscar novas formas de manter prestígio e influência. Dessa forma, as ordens militares passaram a um ser símbolo de condecoração, passando para os reis como forma simbólica de uma linhagem nobre e calcada nos valores cavaleiresco. No entanto, mesmo sem o prestígio de outrora, a cavalaria se mantém na formação dos exércitos até hoje.

Enquanto no âmbito militar a cavalaria tornou-se uma instituição anacrônica com advento das armas de fogo e com modernização da artilharia, no âmbito imagético, o ideal cavaleiresco manteve-se vibrante ao longo da Idade Média, fomentado pela própria nobreza. Há uma exaltação da nobreza tanto de sangue como de costumes: nessa sociedade, o cavaleiro era concebido como portador de virtudes nobres destinadas à proteção dos mais vulneráveis. Essa representação estereotipada gerou um significado histórico-cultural, que conseguiu transcender-se no arquétipo do herói, tornando-se o símbolo preeminente do ideal cavaleiresco. Este último, por sua vez, serviu como pano de fundo para obras literárias notáveis, como *Don Quixote*, que satiriza essa idealização (Costa, 2022).

A cavalaria teve impactos profundos na história social e cultural. A literatura e as artes criaram juntamente com o ideal cavaleiresco o imaginário coletivo sobre a figura desse herói bondoso, leal, corajoso que foram cantados em gestas e novelas de cavalaria e que atravessaram o tempo e ainda influenciam a cultura pop dos quadrinhos, com heróis capazes

de feitos incríveis para salvar os mais fracos e desprotegidos. São, pois, estes ideais que Raimundo Lúlio traz em sua obra *O Livro da Ordem de Cavalaria*, escrito entre 1274 e 1276.

3.3 RAIMUNDO LÚLIO E *O LIVRO DA ORDEM DA CAVALARIA*

3.3.1 Raimundo Lúlio

Na Idade Média, a Península Ibérica foi um território forjado pela interseção de diferentes culturas religiosas, entre elas cristãos, muçulmanos e judeus. Essa pluralidade foi caracterizada por uma intensa efervescência, onde os diversos credos não apenas coexistiam, mas também rivalizavam e se confrontavam de maneiras, às vezes, violentas (Rucquoi 1995). As cruzadas e o processo de retomada dos territórios ibéricos pelos católicos fizeram surgir elementos de uma religião inflexível e extremista. A radicalidade do pensamento religioso dessa época pode ser explícita e vivenciada pelo do teólogo e filósofo Raimundo Lúlio.

Ramon Llull ou Raimundo Lúlio, em português, nasceu provavelmente finais 1232 ou início de 1233, (não se sabe com exatidão a data) em Palma de Maiorca (Reino de Maiorca), Espanha. Filho único de uma família nobre, seus pais eram Raimundo Amat “Llull” e Isabel d’ Erill. Seu pai teve importante papel nos êxitos de Jaime I (1208-1276), principalmente da conquista de Maiorca, e, devido à sua desenvoltura nas batalhas e lealdade, foi agraciado pelo rei com significativas possessões e honras em território maiorquino, onde se fixou. Muito cedo Raimundo tornou-se pajem do rei Jaime I e posteriormente foi escolhido para ser preceptor do futuro rei Jaime II (1267-1327) (Hernández, 1977).

Devido à posição social, a educação foi direcionada para carreira das armas, além de receber ensinamentos militares para formação cavaleiresca teve contato com a montaria e o ofício das armas, Lúlio viveu muito próximo à realeza da época, tornando-se mordomo do infante e futuro rei Jaime II. Ademais, ele se tornou um reconhecido trovador, fazendo versos sobre os feitos dos cavaleiros e cantigas a respeito das damas (Costa, 2015).

Em 1257, se casa com Blanca Picany e com ela tem dois filhos: Domingos e Madalena. Mas apesar de seu casamento, vivia uma vida de luxos e boemia com amores extraconjugais, algo habitual nos meios cortesãos da época. No entanto, tudo muda em 1265: Raimundo passa a ter diversas visões que mudaram por completo a sua vida. Com aproximadamente 25 anos, ele teve a primeira visão enquanto compunha uma canção para uma dama que necessariamente não era sua esposa: ele vê a figura de Jesus Cristo na cruz. Visões como essa se seguiram por outros dias, até Raimundo entender estas aparições como

um chamado; então, ele aceita se converter. No livro *Vida Coetânea* (1311), Lúlio descreve sua vida para os monges cartuxos relatando com detalhes importantes momentos, sendo sua conversão um dos momentos mais significativos. Conforme ele relata:

E no dia seguinte de manhã levantou-se, não tomando conhecimento da visão que na noite passada havia tido, tornou a ditar aquela vã e tola canção que havia começado, e, como da outra vez, àquela hora e naquele mesmo lugar tornou a escrever e a ditar aquela mesma canção, outra vez Nosso Senhor lhe apareceu com os braços em cruz naquela mesma forma, visão da qual ele muito mais espantado que da primeira (vez), deixou todas as coisas, partiu e meteu-se em seu leito. Não obstante, por isso, ele não deixou aquela louca vontade, antes bem, pouco depois de manhãzinha, tornou ele a acabar aquela canção e não tomou conhecimento daquelas visões maravilhosas que lhe apareceram na terceira, na quarta e na quinta (vez) ((Raimundo Lúlio, 2000 [c.1274-1276], n.p)

Converso, ele deixa a vida de esbórnias e festas e também abandona sua família. Vende parte de seus bens e segue para missão para a qual ele acredita ter sido enviado por Cristo: converter todos aqueles que não conheciam a verdadeira fé, sendo seus principais alvos os infiéis (os muçulmanos) e os judeus.

Lúlio buscou, na sua caminhada religiosa, o conhecimento e entre os anos 1265 a 1274, se dedicou mais intensamente aos estudos filosóficos, teológicos e linguísticos. Com quarenta anos, ele escreveu sua primeira obra ligada diretamente aos seus princípios religiosos: *O Livro de Contemplação em Deus* (1271-1274). Depois desta, muitas se seguiram. Creditam-se a ele mais 270 obras, incluindo tratados filosóficos, obras religiosas e obras de literatura. Para que sua evangelização fosse mais efetiva, Lúlio acreditava que era necessária a compreensão daquele que seria convertido, por isso fez questão de aprender o árabe para ensinar aos infiéis. Além do árabe, teve obras escritas em latim e catalão, sendo considerado o fundador da literatura catalã.

Sua filosofia também foi um dos seus marcos, pois possuía muitos traços originais, diferentes de seus contemporâneos que traziam uma filosofia arraigada no Averroísmo¹³, a exemplo de Santo Agostinho. Lúlio se concentrava na busca da verdade por meio da lógica e da razão, estando empenhado em encontrar a diferença entre a natureza divina e a humana, ele acreditava que a fé era uma forma de conhecimento, pois desta forma Deus pode ser assimilado pela razão humana. Hernández (1977) explica o conceito de natureza humana e

¹³Averroísmo Doutrina do filósofo medieval Averróis, condensando tudo o que os árabes haviam conservado da ciência grega. Os comentários de Averróis sobre Aristóteles exerceram uma grande influência na escolástica. Seu livro *Destrução da destruição*, reabilitando a razão diante dos teóricos muçulmanos, sustenta que todo o gênero humano só possui um intelecto e que as almas particulares são mortais. Tomás de Aquino dedicou muito tempo em refutar os discípulos de Averróis, considerando o "averroísmo" como defensor de um certo "materialismo" e de um certo "panteísmo". Contudo, foi grande o esforço de Averróis e dos averroístas em harmonizar Aristóteles com a fé muçulmana. (Japiassú; Marcondes, 2008, p. 23)

natureza divina como acreditava Raimundo, pois ele tinha uma visão teológica e filosófica a respeito da fé e da crença humana em Deus:

Raimundo Lúlio delinea os conceitos de natureza, forma, matéria, princípios, sujeitos, correlativos, etc., mas coloca como ponto central o que lhe é importante: responder à pergunta de quantas naturezas existem, com uma definição útil para a sua polêmica anti monofisita. Duas são as naturezas gerais, a saber: a natureza divina não criada e a natureza criada. O restante, apesar das aparências, é um estrito contraponto melódico para enfeitar as consequências teológicas dessa definição. (Hernández, 1977, p.172, nossa tradução)¹⁴.

Impulsionado por esse fervor religioso e desejo de evangelizar, durante a sua vida, Raimundo Lúlio viajou extensivamente, incluindo visitas a cortes muçulmanas sempre com o objetivo de conversão. Ele via os seguidores de outras religiões como pessoas a serem corrigidas, o que resultou em um discurso fanático sobre a fé católica, que ele considerava autêntica e salvadora, tratando as demais religiões como falsas (Costa,2015). Esse posicionamento, no entanto, não foi bem recebido, especialmente em um período histórico marcado por tensões religiosas exacerbadas, onde a conversão era frequentemente vista como uma traição ou uma ameaça. Suas tentativas de conversão foram percebidas como afrontas tanto por judeus quanto por muçulmanos.

Lúlio também viajou por diversas partes da Europa e fez várias incursões ao continente africano, onde havia muitas cidades predominantemente muçulmanas. Em suas viagens, encontrou-se com papas e tentou convencê-los da necessidade de estabelecer mosteiros onde se pudessem aprender outras línguas, acreditando que a evangelização seria mais eficaz se os missionários compreendessem profundamente a língua e a cultura dos convertidos (Hernández, 1977). Ele costumava afirmar que é necessário conhecer para amar, destacando a importância da linguagem e do entendimento cultural em seu projeto de conversão dos infiéis.

Ele visitou (figura 29) lugares como Paris, Roma, Florença, Veneza, Gênova, Túnis, Alexandria, Jerusalém, Constantinopla e Chipre; escreveu extensivamente sobre suas viagens e as pessoas que encontrou. Particularmente interessado nas crenças religiosas e filosóficas das pessoas que encontrava, escreveu sobre as diferenças entre o cristianismo e o islamismo e as semelhanças entre as duas religiões.

¹⁴ Ramon Llull esboza los conceptos de naturaleza, forma y materia, principios, sujetos, correlativos, etc., pero para colocar como punto central lo que le importa: responder a la pregunta ¿cuántas naturalezas existen?, con una definición útil para su polémica antimonofisita: Dos son las naturalezas generales, a saber: naturaleza divina increada y naturaleza creada. El resto, pese a las apariencias, es un estricto contrapunto melódico para adornar las consecuencias teológicas de dicha definición (Hernández, 1977, p.172).

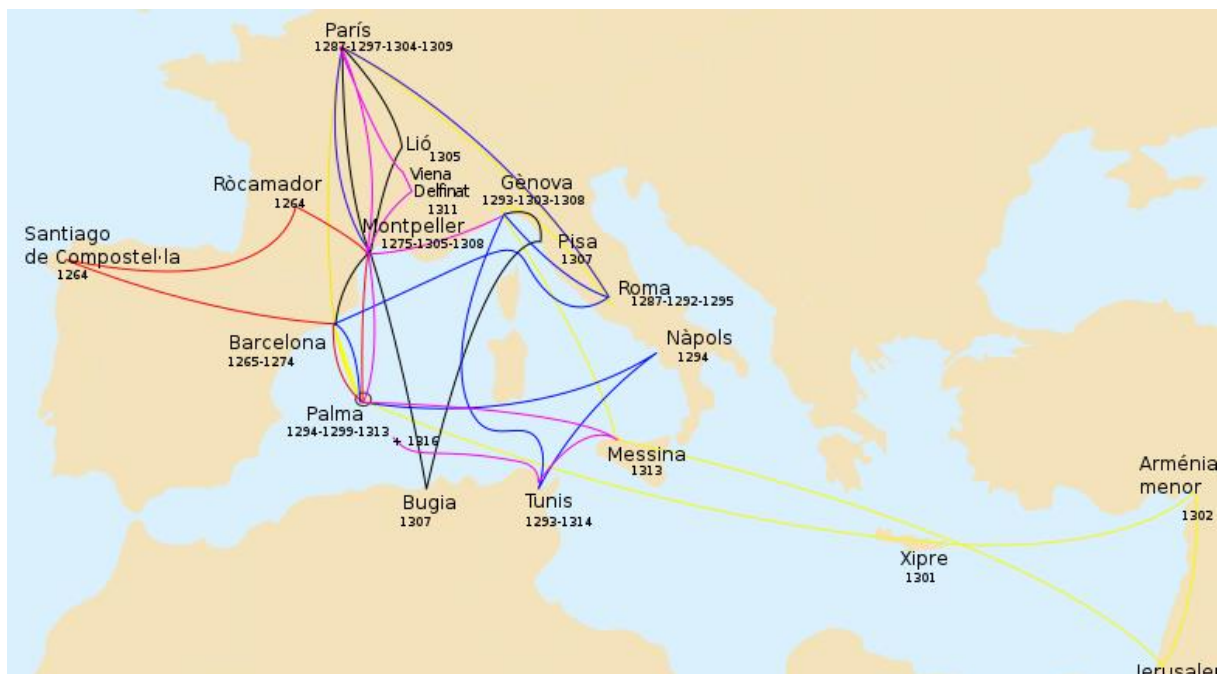


Figura 29: Viagens de Raimundo Lúlio

Fonte: Wikipédia (2023). https://es.m.wikipedia.org/wiki/Archivo:Voyages_Llull-fr.svg

Ele buscava apresentar os costumes e as culturas dos lugares e dos povos por onde passou em suas obras, fornecendo uma visão importante sobre a diversidade religiosa e cultural do mundo medieval.

A partir do que havia vivenciado em suas viagens, Lúlio achava que a forma mais efetiva de conversão seria uma nova Cruzada. Para isso, ele consultou reis e papas, no entanto, não encontrou êxito. Apesar dessa frustração, ele continuou sua missão evangelizadora. Em viagem a Túnis (África) no ano 1314, esteve em missão, Raimundo vivia muito firmemente seu papel na obra de Deus e nunca abandonou seu ímpeto de cavaleiro da fé e em mais uma das suas homilias ele falava para os muçulmanos (maioria em Túnis) abandonarem a sua crença e seguir a fé católica que ele julgava ser a verdadeira. Isso causou um problema com as autoridades locais, além de provocar um inconveniente com a população e este não era fato isolado, porque em outro momento Lúlio já havia sido condenado e expulso do território devido à sua forma de pregação. No entanto, é difícil obter veracidade sobre a causa de sua morte, pois faltam informações documentais para ratificar—A tradição sugere que ele morreu em 29 de junho de 1315, martirizado durante uma viagem em consequência de um apedrejamento em Bugia (Argélia). Posteriormente, acabou morrendo por complicações destes ferimentos em Maiorca. Todavia, sinaliza-se que a data da sua morte provavelmente ocorreu no início de 1316, pois existem cartas enviadas para o rei Jaime II em 1315, em duas datas diferentes (Hernández, 1977).

Lúlio foi um importante intelectual e após a sua morte suas obras foram amplamente lidas e influentes na Europa. Muitas de suas ideias foram posteriormente adotadas pelos humanistas renascentistas, devido à profundidade e complexidade dos pensamentos e conhecimentos que apresentava.

3.3.2 *O Livro da Ordem de Cavalaria*

Em um período em que a cavalaria começava a entrar em decadência, Raimundo Lúlio escreve uma das suas obras mais conhecidas: *O Livro da Ordem de Cavalaria* (1274-1276)¹⁵. Trata-se de uma obra clássica da literatura medieval, escrita em catalão, constituindo-se em um guia do código e das virtudes da cavalaria. Nela, encontram-se tópicos como os deveres de um cavaleiro, a importância da honra, a conduta adequada de um cavaleiro e a importância da lealdade. Além de conselhos sobre como lutar em batalha e sobre como tratar os prisioneiros de guerra (Lúlio, 2000).

Tamãha foi a importância da obra, que influenciou posteriormente outros autores, como Dom João Manoel de Castela, no *Livro do Cavaleiro e do Escudeiro*, e Luís de Camões, em *Os Lusíadas*, que enaltece em seus personagens as ideias cavaleirescos, sendo estes heróis cristãos com virtudes como lealdade e bondade. (Nascimento, 2016; Montero et al, 2017).

O Livro da Ordem de Cavalaria é uma importante fonte de informação sobre o código cavaleiresco medieval e ainda hoje é estudado. O prólogo do livro apresenta a estrutura da obra, a qual é dividida em sete capítulos

Por significação dos VII planetas, que são corpos celestiais e governam e ordenam os corpos terrenos, dividimos este Livro de cavalaria em VII partes, para demonstrar que os cavaleiros têm honra e senhorio sobre o povo para o ordenar e defender.

A primeira parte é do começo de cavalaria; a segunda, do ofício de cavalaria; a terceira, do exame que convém que seja feito ao escudeiro com vontade de entrar na ordem de cavalaria; a quarta, da maneira segundo a qual deve ser armado o cavaleiro; a quinta, do que significam as armas do cavaleiro; a sexta é dos costumes que pertencem ao cavaleiro; a sétima, da honra que se convém ser feita ao cavaleiro (Raimundo Lúlio, 2000 [c.1274-1276], n.p).

¹⁵Para esta pesquisa, utiliza-se como fonte *O Livro da Ordem de Cavalaria*, obra traduzida para o português pelo professor Doutor Ricardo Costa, sendo pública no ano 2000. Esta tradução encontra-se disponibilizada no seguinte endereço eletrônico <https://www.ricardocosta.com/traducoes/textos/o-livro-da-ordem-de-cavalaria-c1274-1276>

Nota-se como o autor evoca a astronomia e a mística por trás do número sete. Santo Agostinho é um dos primeiros teólogos a usar o número para designar uma ideia de perfeição divina. Conforme corrobora o excerto a seguir:

Foi Agostinho de Hipona (354-430), conhecido como São Agostinho, que endossou a aceitação do misticismo numérico pela Igreja Católica. Embasou sua crença em citações bíblicas, tais como: “Tudo dispuseste com medida, número e peso” (Sab., II, 20); “Sete vezes por dia eu te louvo, por causa das tuas normas justas” (Salmos: 119, 164); “Os cabelos de sua cabeça foram numerados (contados, Mt. 10, 30); “Deus conhece todos os números, pois sua compreensão é infinita” (ap. Hopper.79). Foi profundamente influenciado pelos néo-pitagóricos e néo-platônicos no tocante à mística dos números (Almeida, Manoel de Campos., 2019, p.72).

Dessa forma, invocando o número sete, Lúlio já inicia colocando a cavalaria em uma atmosfera celestial. Lúlio descreve quais serão as temáticas de cada um dos capítulos, sendo que o primeiro trata do começo da cavalaria, o segundo do ofício de ser cavaleiro, o terceiro dos treinamentos para o escudeiro fazer parte da cavalaria, o quarto da forma como deve ser armado o cavaleiro, o quinto capítulo trata das armas que o cavaleiro deve usar, o sexto traz os costumes cavaleirescos e o sétimo e último as honras que convém a um cavaleiro (Lúlio, 2000).

De forma pedagógica, Lúlio inicia a obra como se ocorresse uma conversa entre um sábio cavaleiro já experiente e um escudeiro que está aprendendo sobre o que é a cavalaria e seus desafios. A partir desse tom dialógico, desenvolvem-se as normas e os conceitos que um autêntico cavaleiro deve seguir (Lúlio, 2000), como é perceptível no trecho seguinte:

Enquanto o cavaleiro dizia aquelas palavras e repreendia o escudeiro que desejava cavalaria, o escudeiro perguntou ao cavaleiro:

Senhor, se a vós aprouver dizer-me em que consiste a ordem de cavalaria, assim sentirei coragem de aprender a ordem e seguir a regra e a ordem de cavalaria. [...] O cavaleiro entregou o livro ao escudeiro; e quando o escudeiro acabou de o ler, entendeu que o cavaleiro é um eleito entre mil homens para haver o mais nobre ofício de todos, e tendo então entendido a regra e ordem de cavalaria, pensou consigo um pouco e disse: Ah, senhor Deus! Bendito sejais Vós, que me haveis conduzido em lugar e em tempo para que eu tenha conhecimento de cavalaria, a qual foi longo tempo desejada sem que soubesse a nobreza de sua ordem nem a honra em que Deus pôs todos aqueles que são da ordem da cavalaria.

Amável filho — disse o cavaleiro — eu estou perto da morte e meus dias não são muitos, ora, como este livro foi feito para retornar a devoção e a lealdade e o ordenamento que o cavaleiro deve haver em ter sua ordem, por isso, belo filho, portai este livro à corte onde ides e mostrai-o a todos aqueles que desejam ser novos cavaleiros; guardai-o e apreciái-o se amais a ordem de cavalaria. E quando fores armado novo cavaleiro, retornai a este lugar e dizei-me quais são aqueles que foram feitos novos cavaleiros e não foram tão obedientes à doutrina da cavalaria. O cavaleiro deu sua bênção ao escudeiro, e o escudeiro pegou o livro e muito devotadamente se despediu do cavaleiro, e subiu em seu palafém e se foi para a corte muito alegremente. E sábia e ordenadamente deu e apresentou aquele livro ao muito nobre rei e toda a grande corte, e permitiu que todo cavaleiro que quisesse entrar na ordem de cavalaria o pudesse trasladar, para que de vez em quando o lesse e recordasse a ordem de cavalaria (Raimundo Lúlio, 2000 [c.1274-1276], n.p).

Na primeira parte, designada como “*Do começo de cavalaria*”, o autor descreve os princípios que deve ter um cavaleiro e inicia colocando o cavaleiro como um ser que não foi corrompido pelo mal e é dotado de virtudes, as quais o fazem diferente dos demais homens. E assim descreve a criação do cavaleiro:

Faltou caridade, lealdade, justiça e verdade no mundo; começou inimizade, deslealdade, injúria, falsidade; e por isso surgiu erro e turvamento no povo de Deus, que foi criado para que Deus fosse amado, conhecido, honrado, servido e temido pelo homem (Raimundo Lúlio, 2000 [c.1274-1276], n.p).

O cavaleiro sem cavalo não é completo, dessa forma o autor apresenta a importância do cavalo, o qual por vezes ele chama de besta. O autor também ressalta as habilidades deste animal, evidenciando os motivos pelos quais é escolhido para ser o companheiro deste bravo e corajoso homem, o cavaleiro:

Buscou-se em todas as bestas qual era a mais bela besta e a mais veloz, e a que pudesse sustentar maior trabalho, e qual era a mais conveniente para servir ao homem; e porque o cavalo é a mais nobre besta e a mais conveniente a servir ao homem, por isso, de todas as bestas, o homem elegeu o cavalo, que foi doado ao homem que foi dos mil homens eleito; e por isso aquele homem tem o nome de cavaleiro (Raimundo Lúlio, 2000 [c.1274-1276], n.p).

Após apresentação do cavaleiro, juntamente com seu o animal, o cavalo, o autor passa a tratar da admissão a esta ordem tão importante que é a cavalaria. Para isso, é importante a adequação aos princípios e virtudes cavaleirescas, pois somente homens nobres de linhagem e honrados podem fazer parte desta instituição. Assim, é necessária coragem, honradez, além de caridade e conhecimento, sem deixar de lado a bravura para com seus adversários, para que assim o temam, e generosidade para que seus protegidos o admirem.

Quem quer entrar na ordem de cavalaria lhe convém meditar e pensar no nobre começo de cavalaria e convém que a nobreza de sua coragem e seus bons modos concordem e convenham ao começo da cavalaria, pois, se assim não o faz, contrário seria à ordem de cavalaria e a seus princípios. E por isso, não se convém que a ordem de cavalaria receba seus inimigos em suas honras, nem aqueles que são contrários a seus princípios.

Amor e temor são convenientes contra desamor e menosprezo; e por isso, convém que o cavaleiro, por nobreza de coragem e de bons costumes e pela honra tão alta e tão grande na qual lhe foi feita por eleição, e pelo cavalo e pelas armas, seja amado e temido pelas gentes, e que pelo amor retornassem a caridade e ensinamento, e pelo temor retornassem a verdade e a justiça (Raimundo Lúlio, 2000 [c.1274-1276], n.p)

Aquele que faz parte de tão importante instituição deve cuidar da sucessão. Dessa forma, é necessário que os cavaleiros eduquem os seus filhos, o que passa por ensinar a cavalgar ainda jovem, ser um fiel súdito do rei e ser treinado por outro cavaleiro, para que assim possa exercitar a obediência e suas virtudes.

A ciência e a escola da ordem de cavalaria é que cavaleiro faça ensinar a seu filho cavalgar em sua juventude; pois, se o infante em sua juventude não aprender a cavalgar não poderá aprender em sua velhice. E ao filho do cavaleiro convém que

enquanto é escudeiro, saiba cuidar do cavalo. E ao filho de cavaleiro convém que antes seja súdito que senhor, e que saiba servir ao senhor, pois de outra maneira não conheceria a nobreza de seu senhorio quando fosse cavaleiro. E por isso o cavaleiro deve submeter seu filho a outro cavaleiro para que aprenda a cortar e a se guarnecer e as outras coisas que pertencem à honra da cavalaria (Raimundo Lúlio, 2000 [c.1274-1276], n.p)

A segunda parte é intitulada *Do ofício que pertence ao cavaleiro*. Neste capítulo, o autor descreve todas as funções que um nobre cavaleiro deve ter, entre elas proteger e manter viúvas, órfãos, homens despossuídos, sem deixar de lado os princípios da fé católica. Ele também deve ser dotado dos mais nobres sentidos e talentos, pois, como grande guardião da justiça, é importante manter-se firme em sua vocação.

Ofício de cavaleiro é manter e defender a santa fé católica pela qual Deus, o Pai, enviou seu Filho para encarnar na virgem gloriosa Nossa Senhora Santa Maria, e para a fé ser honrada e multiplicada sofreu neste mundo muitos trabalhos e muitas afrontas e grande morte. Daí que, assim como nosso senhor Deus elegeu clérigos para manter a Santa Fé com escrituras e com provações necessárias, pregando aquela aos infiéis com tão grande caridade que até a morte foi por eles desejada, assim o Deus da glória elegeu cavaleiros que por força das armas vençam e submetam os infiéis que cada dia pugnam em destruir a Santa Igreja. Por isso, Deus honrou neste mundo e nos outros tais cavaleiros que são mantenedores e defensores do ofício de Deus e da fé pela qual nos havemos de salvar (Raimundo Lúlio, 2000 [c.1274-1276], n.p)

Neste mesmo capítulo, o autor escreve sobre os cavaleiros maus, sendo dever de um verdadeiro cavaleiro combatê-los, pois é uma vergonha para ordem ter alguém que se desvia da sua real função, que é manter o bem acima de tudo.

Traidores, ladrões, salteadores devem estar sob o encalço dos cavaleiros, porque assim como o machado é feito para destruir as árvores, assim cavaleiro tem seu ofício para destruir os maus homens. Logo, se cavaleiro é salteador, ladrão, traidor, e os salteadores, traidores e ladrões devem ser mortos pelos cavaleiros, e presos, se o cavaleiro que é ladrão ou traidor ou salteador quer usar de seu ofício e usa em outro de seu ofício, mate e prenda a si mesmo; e se em si mesmo não for usar de seu ofício, e usa em outro de seu ofício, com ordem de cavalaria se convém melhor em outro que em si mesmo. Não é coisa lícita que nenhum homem mate a si mesmo, e por isso cavaleiro que seja ladrão, traidor e salteador deve ser destruído e morto por outro cavaleiro. E cavaleiro que sofre e mantenha cavaleiro traidor, salteador, ladrão, não usa de seu ofício; porque se usasse de seu ofício, contra seu ofício faria se os homens ladrões, traidores que não são cavaleiros matasse e destruísse. (Raimundo Lúlio, 2000 [c.1274-1276], n.p)

Diante dessa situação, Lúlio buscava através de sua obra uma reforma ética e social. Para isso, era necessário construir esta mudança baseada na sua filosofia, sendo edificada através dos ideais de virtudes teológicas calcados nos princípios de fé, esperança e caridade e das virtudes cardeais propostas na filosofia luliana que são: justiça, prudência, temperança e fortaleza. Assim, somente a nobreza, que era sagrada pela cavalaria, poderia alcançar tais condições e modificar essa forma errante de parte da sociedade, além de converter os infiéis para a fé verdadeira, ou seja, a fé católica (Hernandez, 1977).

A terceira parte intitulada “*Do exame do escudeiro que deseja entrar na ordem de cavalaria*”, retrata tudo que um escudeiro deve ter para tornar-se um cavaleiro. É necessário que tenha Deus como princípio de sua vida, pois um aspirante a cavaleiro deve amar e temer a Deus, caso contrário não é digno de entrar na cavalaria. Pois somente alguém que segue a Deus é capaz de grandes atos de generosidade, coragem e que não será capaz de cair na vilania.

Assim como cavaleiro sem cavalo não se convém com o ofício de cavalaria, assim escudeiro sem nobreza de coragem não se convém com ordem de cavalaria; porque nobreza de coragem foi o começo da cavalaria e vileza de coragem é a destruição da ordem de cavaleiro. Logo, se escudeiro com vileza de coragem deseja ser cavaleiro, então deseja destruir a ordem que demanda; e se é contra a ordem, porque demanda a ordem? E o cavaleiro que faz escudeiro com vileza de coragem, porque desfaz sua ordem? (Raimundo Lúlio, 2000 [c.1274-1276], n.p).

O escudeiro, para fazer parte da cavalaria, não pode ser muito jovem a ponto de não ter responsabilidades e não pode ser muito velho que não consiga ter a destreza para as batalhas. Também não pode ser gordo ou deficiência físico nem possuir vícios. Deve ser de linhagem nobre, ser humilde e não se vangloriar de seus feitos, além de ter bons ensinamentos e costumes.

Ao se fazer o exame, o escudeiro deve saber de todos os perigos que corre, pois ele não pode hesitar: se necessário, deve entregar a própria vida pela honra da cavalaria.

Ao escudeiro que deseja cavalaria convém saber a grande carga de cavalaria e os grandes perigos que são destinados a aqueles que desejam manter a cavalaria; porque o cavaleiro deve mais hesitar a censura das gentes do que a morte, e vergonha deve dar maior paixão a sua coragem do que a fome, sede, calor, frio ou outra paixão e trabalho a seu corpo. E por isso todos estes perigos devem ser mostrados e denunciados ao escudeiro antes que seja armado cavaleiro (Raimundo Lúlio, 2000 [c.1274-1276], n.p)

Na parte quatro, intitulada *Da maneira segundo a qual o escudeiro deve receber a cavalaria*, são apresentados todos os ritos pelos quais precisa passar um escudeiro antes de torna-se um cavaleiro. Antes de ser nomeado, é necessário se confessar e receber a eucaristia. Na noite anterior à sua entrada na cavalaria, o escudeiro deve passar em vigília e rezando. O futuro cavaleiro também carece de conhecer os dez mandamentos da lei de Moisés, assim como os sete sacramentos da lei da Igreja.

No dia da sua nomeação, na missa deve ser lido os quatorze artigos que edificam a fé católica. Estes são alguns dos artigos que o autor coloca como imprescindíveis para a fé católica:

Os catorze artigos são estes: crer num Deus é o primeiro artigo. Crer no Pai e no Filho e no Espírito Santo são três artigos. E convém que o homem creia que o Pai e o Filho e o Espírito Santo sejam um Deus eternamente, sem fim nem começo. Crer que Deus seja criador de tudo quanto é, é o quinto. O sexto é crer que Deus seja recriador, isto é, que tenha redimido a humana linhagem do pecado que Adão e Eva

fizeram. O sétimo é crer que Deus dará glória a aqueles que estão no Paraíso. Estes sete artigos pertencem à deidade. Aqueles outros sete pertencem à humanidade, que o Filho de Deus tomou em Nossa Dona Santa Maria, os quais sete são estes: crer que Jesus Cristo foi concebido do Espírito Santo quando São Gabriel saudou Nossa Dona é o primeiro. Segundo é crer que Jesus Cristo tenha nascido. Terceiro é que tenha sido crucificado e morto para nos salvar. Quarto é que desceu a Sua alma ao Inferno para salvar Adão e Abraão e os outros profetas que creram em sua vinda antes que morressem. Quinto é crer que Jesus Cristo tenha ressuscitado. Sexto é crer que tenha subido ao Céu no dia da Ascensão. Sétimo é crer que Jesus Cristo virá no dia do Juízo, quando todos forem ressuscitados e julgará os bons e os maus. Todo homem é obrigado a crer nestes catorze artigos que são testemunhos de Deus e de Suas obras; e sem estes artigos nenhum homem pode ser salvo (Raimundo Lúlio, 2000 [c.1274-1276], n.p)

Além de todos os ritos de fé, o escudeiro passa por uma cerimônia em que, de joelhos, cinge sua espada diante do presbítero, simbolizando castidade e justiça. Durante a cerimônia, o cavaleiro deve dar um beijo e uma bofetada em seu escudeiro como sinal de obediência e para lembrar a importância de ingressar na cavalaria. Assim, o rito de adubamento transcende o ritual terrenal, ligando o cavaleiro terreno a um rito celestial. Consagrado por Deus, ele está pronto para sua função fundamental: ser cavaleiro.

Na parte cinco, intitulada *Do significado que existe nas armas de cavaleiro*, o autor compara: assim como o padre deve estar paramentado para a missa, o cavaleiro deve usar sua vestimenta que o prepara e protege na guerra. Lúlio exemplifica (Figura 30) o que representa e significa a cada parte da vestimenta de um cavaleiro, pois para ele um cavaleiro deve entender a importância de sua indumentária.



Figura 30: Armas e partes da armadura

Fonte: <https://www.infohow.org/wp-content/uploads/2012/11/MA-13th-Century-Templars.jpg>

1- Espada. A espada em partes se assemelha à cruz. Dessa forma, representa a cruz de Cristo que venceu o pecado, assim o cavaleiro deve também vencer os inimigos da cruz. Ela simboliza a justiça que possui um nobre cavaleiro.

2- Lança. A lança simboliza a verdade que não se torce e que deve impelir contra a falsidade. O ferro da lança representa a força da verdade e o pendão que a verdade deve demonstrar a todos.

3- Chapéu de ferro. O chapéu de ferro representa a vergonha que o cavaleiro deve ter, porque sem a vergonha pode se tornar desobediente, pois, quando se está envergonhado tem seus olhos na terra. Assim, o chapéu protege das coisas do alto, deste modo o cavaleiro fica no meio, entre as coisas baixas e as coisas do alto. E deve se manter humilde desempenhando a sua imprescindível função na cavalaria.

4- Cota de malha. Simboliza o castelo e os muros de proteção que o cavaleiro deve ter contra os vícios e faltas, além da coragem que se faz necessária para não cair em tentação e trair a cavalaria.

5- Calça de ferro. Significa que o cavaleiro deve se manter firme e seguro, com os pés no chão para sua importante função.

6-Esporas. Simbolizam a diligência, a esperteza e a ânsia de fazer um trabalho honrado para a sua ordem. Assim, a diligência faz com que o cavaleiro tenha sempre cuidado, a esperteza que ele esteja sempre em prontidão e não seja surpreendido pelos inimigos.

7-Gorjeira. Significa a obediência, pois um cavaleiro que não segue com obediência a cavalaria nem as ordens do seu senhor está em completa desonra, pois somente com a obediência consegue se afastar das maldades e dos vícios.

8-Maça. Significa a força e a coragem, pois, assim como a maça fere a tudo e a todos que são golpeados, dessa mesma forma a força e a coragem protege os cavaleiros de todos os vícios e fortifica as suas virtudes.

9- Escudo. O escudo representa o ofício do cavaleiro, pois em batalha fica entre o cavaleiro e seu inimigo. Assim também o cavaleiro deve ficar entre o rei e o povo e, da mesma maneira que o escudo, o cavaleiro deve oferecer o corpo se necessário para proteger o seu senhor.

10- Sela. A sela que o cavaleiro cavalga representa segurança e coragem. Assim como ele se sente seguro em seu cavalo com a sela, este mesmo sentimento deve estar exposto no rosto em batalha.

11-Cavalo. O cavalo representa a nobreza e a coragem pois, um homem montado fica mais alto do que qualquer outro homem e pode ser visto de longe, sendo diferenciado por outros homens mostrando também a honra lhe convém por ser membro da cavalaria.

12-Freio. Além de toda a função que tem no manejo do cavalo, o freio representa ao cavaleiro os cuidados com que deve falar, bem como toda a sensatez que deve ter diante dos próprios instintos.

13-Testeira. Protetora da testa do cavalo e representa a razão que deve ter na batalha. Essa virtude o protege da blasfêmia e da vergonha.

14-Guarnições. Servem para proteger o cavalo contra os golpes, mas para cavaleiro significa a prudência e o cuidado com as riquezas, porque a pobreza facilita a um homem cair em enganos e traições.

15-Perponte. Significa o grande trabalho que é ser cavaleiro, pois, apesar de ser muito nobre a função possui muitos riscos, já que são responsáveis por defender o seu povo e a suas terras.

16-Bandeira. A bandeira dada pelos reis significa a honra. Então, um cavaleiro honrado com todas as suas virtudes será motivo de orgulho para o rei.

Na parte seis, intitulada “Dos costumes que pertencem o cavaleiro” o autor trata de como as virtudes são fundamentais na vida do cavaleiro. Ele necessita de muita fé, pois entre

os outros homens ele foi escolhido por Deus para manter a justiça, a caridade e proteger os mais necessitados. Além do mais, diante de todos os desafios e tentações por que passa tem que ser firme em seus princípios e credo, um homem virtuoso que não será enganado pela maldade. O autor assim descreve estas virtudes:

Todo cavaleiro deve saber as sete virtudes que são raiz e princípio de todos os bons costumes e são vias e carreiras da celestial glória perdurável. Das quais sete virtudes são as três teologais e as quatro cardeais. As teologais são fé, esperança, caridade. As cardeais são justiça, prudência, fortaleza, (Raimundo Lúlio, 2000 [c.1274-1276], n.p)

Além das sete virtudes, Lúlio traz como contraponto os sete pecados capitais. O cavaleiro, por ser um homem tão bondoso, não pode cair em tentação, entregando-se aos prazeres mundanos. Sendo assim, todas as virtudes devem sempre ser reforçadas pelos bons costumes. Tão importantes são esses bons hábitos que devem ser passados de pai para filho, para que a cavalaria seja sempre respeitada como uma instituição de homens nobres, de atitudes ainda mais notáveis. Como é possível ver neste trecho:

Pelo costume e bons modos que cavaleiro faz a seu cavalo não é tão mantida a honra da cavalaria como é no costume e nos bons modos que cavaleiro faz em si mesmo e em seu filho; porque cavalaria não está no cavalo nem nas armas, antes está no cavaleiro. Logo, por isso, cavaleiro que acostuma bem seu cavalo e acostuma a si mesmo e seu filho a malvados modos, faria de si mesmo e de seu filho, se fazê-lo pudesse, besta, e faria de seu cavalo, cavaleiro. (Raimundo Lúlio, 2000 [c.1274-1276], n.p)

Na sétima parte, nomeada *Da honra que deve ser feita a cavaleiro*, faz-se uma espécie de conclusão, reforçando alguns itens e reiterando a importância de ser cavaleiro. Dessa forma é possível entender e respeitar a cavalaria como fundamental instituição. O autor também dá ênfase à honra e ao respeito a tudo que tem a ver com a cavalaria, por isso é dever de um cavaleiro manter-se sempre afastado da maldade e manter a honradez.

2.4 CONCLUSÃO

A cavalaria foi muito importante na península tendo influenciado diversos aspectos da sociedade e sendo fundamental no âmbito militar no processo de retomada dos territórios pelos reinos cristãos na luta contra os mouros. Durante a Reconquista, a cavalaria cristã desempenhou um papel vital na restauração do território e na defesa das fronteiras além dos combates internos entre os reinos. A habilidade e o destemor dos cavaleiros foram cruciais nas batalhas.

No contexto social, desempenhou um papel proeminente na estrutura senhorial da sociedade. Os cavaleiros eram membros da nobreza, muitas vezes vinculados por juramentos de lealdade aos senhores feudais. A cultura da cavalaria promoveu valores como coragem,

honra e cortesia, o que contribuiu para a formação de uma identidade nobre. Além disso, os torneios e competições de justas eram eventos sociais importantes que celebravam não apenas as habilidades militares, mas também a cultura e o estilo de vida dos cavaleiros.

No âmbito cultural, a influência estendeu-se à literatura e à arte. Contos de valor cavaleiresco, como os presentes nos romances de cavalaria, tornaram-se temas recorrentes na literatura medieval ibérica. O Cid, herói nacional de Espanha, é um exemplo emblemático desta tradição, representando os valores da cavalaria nas suas aventuras e além de novelas de cavalaria tais como: *Amadis de Gaula*, *Palmeirim de Inglaterra*.

Um intelectual que foi um importante admirador da cavalaria e da sua idealização foi o teólogo e filósofo catalão Raimundo Lúlio, especialmente na obra *O Livro da Ordem de cavalaria*, na qual ele descreve quais os valores e atributos de um cavaleiro, tamanha é sua admiração por esta instituição que os coloca como pessoas escolhidas por Deus. O legado dessa obra atravessou gerações, tanto que D. Juan Manuel e Luís Vaz de Camões têm em seus escritos resquícios da ética cavaleiresca que Raimundo Lúlio defendia.

Com o passar dos tempos, a cavalaria passa a ter mais status, consolidando uma aristocracia que se manteria por um longo período. A instituição guerreira que anteriormente era a principal frente de batalha, com a modernização dos exércitos vai perdendo, aos poucos, seu real valor bélico, passando a ser uma ética de nobres, e posteriormente escrita em novelas de cavalaria. A cavalaria na história ultrapassou os limites puramente da guerra ou do termo milites, entre a nobreza tornou-se uma forma romantizada de viver e portar-se.

Essa maneira idealizada de conceber a cavalaria ainda se mantém no imaginário coletivo, povoando boa parte da literatura, como também do cinema e das outras artes.

PARTE III
DESVELAMENTO E PONDERAÇÕES ACERCA DA CONSTRUÇÃO DO OBJETO
DE APRENDIZAGEM

4.1 INTRODUÇÃO

A consciência histórica vem à tona ao contar narrativas, isto é, histórias, que são uma forma coerente de comunicação, pois se referem à identidade histórica de ambos: comunicador e receptor. As narrativas, ou seja, histórias contadas aqui, são produtos da mente humana, com sua ajuda as pessoas envolvidas localizam-se no modo aceitável para si mesmas.

(Jörn Rüsen, 2010, p.80)

A Idade Média tanto no imaginário popular quanto nos livros didáticos, costuma ser vislumbrada apenas sob a ótica francesa ou inglesa, a despeito de cada parte da Europa ter suas especificidades. De acordo com Macedo (2013, p. 116) “Para nós, faz muito sentido compreender a formação dos povos ibéricos, pois isso nos permite compreender melhor nossas características herdadas, parte de nosso modo de ser e de pensar. Tendo isso em mente, aliás, o ensino de história medieval ganha outra dimensão”.

A partir dessa problemática, busca-se uma prática mais dinâmica e significativa, sendo necessário que o professor conheça diversos aportes pedagógicos. Nesse sentido, o objeto de aprendizagem desenvolvido busca auxiliar na tarefa, contribuindo de forma lúdica com atividades para que os estudantes possam compreender como foi a Idade Média na Península Ibérica e como a cavalaria desenvolveu neste lugar, tendo como fio condutor a fonte escrita por Raimundo Lúlio: *O livro da ordem de cavalaria*.

O objeto de aprendizagem foi desenvolvido como uma sequência didática dividida em quatro fases, com o intuito de ensinar sobre história medieval. Oferece diversas abordagens, com diferentes instrumentos pedagógicos, pois combina recursos visuais e práticos, além de proporcionar a interação entre passado e presente. Segundo Zabala (1998), a sequência didática só tem eficácia quando oportuniza a comunicação e interação entre professor e estudante, criando uma relação de ensino aprendizagem, sendo as atividades chave para esse processo.

As sequências didáticas, como conjuntos de atividades, nos oferecem uma série de oportunidades comunicativas, mas que por si mesmas não determinam o que constitui a chave de todo ensino: as relações que se estabelecem entre os professores, os alunos e os conteúdos de aprendizagem. As atividades são o meio para mobilizar a trama de comunicações que pode se estabelecer em classe; as relações que ali se estabelecem definem os diferentes papéis dos professores e dos alunos (Zabala, 1998, p.89).

Dessa forma, transforma o conhecimento em algo mais envolvente e significativo, propiciando um entendimento mais profundo da história da Península Ibérica na Idade Média, da cavalaria e das virtudes cavaleirescas.

4.2 A IMPORTÂNCIA DA APLICAÇÃO DE TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO ÀS ÁREAS DE HISTÓRIA IBÉRICA E AO ENSINO DA HISTÓRIA

As tecnologias digitais se tornaram essenciais no dia a dia da sociedade. Além disso, a internet tornou-se um balizador de comportamentos, narrativas, moldando dinâmicas sociais. Os meios digitais desde que foram criados e popularizados constituíram-se como importantes ferramentas de propagação de conhecimento e comunicação. Não alheia a este cenário tecnológico, a escola está inserida em toda esta ampla transformação digital (Pereira et al, 2021).

As Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs, doravante) na educação apresentam-se como uma possibilidade para inserção das tecnologias no processo de ensino aprendizagem. No entanto, a realidade de muitas escolas públicas brasileiras é de infraestrutura precária e dificuldade de acesso tanto à internet, como também de uma aparelhagem adequada que possibilite navegação por variados sites e instalação de programas que auxiliem para uma metodologia de ensino mais lúdica e diversificada (Leite, Stuart Soares; Ribeiro, Nascimento, 2012).

De acordo com Leite e Ribeiro (2012), as TICs podem ser importantes subterfúgios para dinamizar o processo de aprendizagem. No entanto, é necessário investimento em formação para que esses recursos possam ser bem utilizados, é importante que haja profissionais preparados para trabalhar a tecnologia de forma didática.

A inserção das TICs na educação pode ser uma importante ferramenta para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem. Essas tecnologias podem gerar resultados positivos ou negativos, dependendo de como elas sejam utilizadas. Entretanto, toda a técnica nova só é utilizada com desenvoltura e naturalidade no fim de um longo processo de apropriação. No caso das TICs, esse processo envolve claramente duas facetas que seria um erro confundir: a tecnológica e a pedagógica (Leite e Ribeiro, 2012, p.175 apud Pontes, 2000).

Contudo, muitos materiais sobre diversas áreas da educação foram e estão sendo produzidos de forma digital. Apesar disso, quando se faz uma busca sobre determinado assunto, por vezes, acaba-se perdendo muito tempo para realizar uma pesquisa tornando-se um processo cansativo e em determinadas vezes enfadonho.

A busca por esses materiais fica um pouco mais custosa por terminados conteúdos estarem inseridos em contexto mais amplo como de curso, ou software em forma de bloco dificultando a busca (Juliana Braga, 2014). Além de todos esses entraves, a lapidação e verificação da veracidade de toda a pesquisa que deve ser feita é mais um obstáculo em todo este processo.

Diante desta conjuntura laboriosa de inquirição, o Objeto de Aprendizagem (OA) se difunde como um auxílio para toda esta situação. Herdeiro da programação orientada, o objeto de aprendizagem traz a ideia de reutilização independente de conteúdo. Com isso, fica mais fácil e prática a busca (Braga, 2014).

O autor supracitado conceitua Objeto de Aprendizagem da seguinte forma: “Os objetos de aprendizagem podem ser vistos como componentes ou unidades digitais, catalogados e disponibilizados em repositórios na Internet para serem reutilizados para o ensino” (Braga, 2014, p. 21). O Objeto de Aprendizagem possui características próprias, sendo divididas em duas categorias: a pedagógica e a técnica. Dentro da perspectiva pedagógica, encontram-se as seguintes subáreas: interatividade, autonomia, cooperação, cognição, afetividade. Os atributos técnicos que se referem às questões digitais são: disponibilidade, acessibilidade, confiabilidade, portabilidade, facilidade de instalação, usabilidade, manutenibilidade, granularidade, agregação, durabilidade, reusabilidade, todavia, não é necessário ter todas estas características para ser um Objeto de Aprendizagem (Braga, 2014).

O Programa de Pós-Graduação em Histórica Ibérica da Universidade Federal de Alfenas (Unifal) tem como requisito para conclusão do curso a execução de um Objeto de Aprendizagem. Conforme o regimento do curso, para construção o Objeto de Aprendizagem pode ser, entre outros, um capítulo de livro didático, um material paradidático, uma videoaula, uma história em quadrinhos com fins didáticos, um jogo escolar ou um componente ou unidade digital (imagem, áudio, vídeo ou animações), catalogado e disponibilizado em repositórios na internet para serem utilizados no ensino. O material desenvolvido como Objeto de Aprendizagem dessa pesquisa é uma sequência didática, cuja temática compreende a Cavalaria na Idade Média Ibérica, tendo como aporte tecnológico a plataforma *Moodle*. Para ter acesso ao Objeto de Aprendizagem encontra-se no link e código QR code (figura 31), respectivamente.

Link: <https://ead.unifal-mg.edu.br/moodle3/course/view.php?id=1180>



Figura 31 Código QR code da página do moodle

Fonte: autora

As tecnologias digitais têm obtido um campo cada vez mais amplo, onde o estudante consegue visitar fragmentos desses tempos (passado, presente) com apenas um clique. No entanto, o cuidado com essas informações deve ser observado e discutido. Tais mudanças também se apresentam no processo de ensino aprendizagem, pois,

os muitos usos da internet permitem uma rapidez no acesso à informação, além das muitas possibilidades de materiais didáticos digitais. Porém, neste vasto campo que é internet, por vezes perde-se muito tempo em busca de um bom material condizente com o que se deseja planejar.

Nesse contexto, existem múltiplas possibilidades de articulação entre a temática Idade Média e o ensino de história, sob a perspectiva da historicidade de aspectos afetivos encontrados no ideal da cavalaria. Isto posto, o conhecimento torna-se significativo e se perfaz, tornando a vivência de tais aspectos culturais e históricos factíveis em âmbito escolar.

Uma sequência didática é formada por um encadeamento de atividades podendo ser dividido em várias etapas, para construção desta pode-se utilizar de diversas linguagens. Zabala (1998) define a sequência didática como “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelo professor como pelos estudantes” (Zabala, 1998, p. 18).

4.3 DIÁLOGOS ENTRE OS DOCUMENTOS REGULADORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE ENSINO E A INSERÇÃO DO OBJETO DE APRENDIZAGEM

4.3.1 A BNCC e o ensino de história medieval

O ensino da história desempenha um papel fundamental na formação educacional, proporcionando aos estudantes uma compreensão crítica do passado e uma base sólida para a compreensão de sua própria identidade e sociedade. A história como disciplina emergiu na França durante o século XVIII, resultado das transformações revolucionárias e da luta da burguesia por uma educação pública, gratuita, laica e obrigatória. No Brasil, essa disciplina foi incorporada ao currículo no século XIX, evoluindo de uma abordagem tradicional para uma dinâmica centrada no professor como transmissor e no estudante como receptor passivo do conhecimento histórico (Schimidt; Cainelli, 2009).

Dentro desse contexto, a história medieval desempenha um papel crucial. Ao compreender as sociedades e eventos desse período, os alunos ganham uma perspectiva mais completa sobre as raízes de suas próprias características culturais e sociais. A valorização do estudo da história medieval não se restringe à visão eurocêntrica, mas busca promover uma compreensão holística, considerando diferentes grupos sociais e suas contribuições ao longo desse período. De acordo com Le Goff (1993):

[...] a etnologia esteve circunscrita à concepção de um colonialismo europeu; enquanto a antropologia se voltava a um conhecimento abrangente das sociedades humanas. O projeto dessa aproximação à ciência social vizinha configuraria, no campo da história, um saber distinto daquele elaborado pelas “classes dirigentes brancas” (Le Goff, 1993, apud Andrade, 2020, p. 44).

A partir daí, são problematizadas outras questões, bem como outros grupos sociais, que acabavam sendo invisibilizados pelo viés etnológico. Começam a aparecer como protagonistas grupos sociais que ficavam à margem dos estudos medievais. A decolonização é decorrente dessa virada antropológica, a qual problematizou o olhar europeu etnocêntrico dos estudos medievais, proporcionando outras visões, a partir da compreensão dos demais grupos sociais da Idade Média.

No âmbito da história medieval, a BNCC¹⁶ apresenta este conteúdo nas seguintes unidades temáticas: Lógicas de organização política, Trabalho e formas de organização social e cultural, sendo objeto de conhecimento do sexto ano.

¹⁶ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas

A BNCC se constitui a partir de habilidades e competências que teoricamente buscam romper com a ensino tradicional, abrindo portas para um conhecimento interdisciplinar, crítico e dialogado. Segundo Brasil (2018), o conhecimento prévio dos estudantes assim como o saber fazer são fundamentais para o processo de aquisição de conhecimento.

Ao adotar esse enfoque, a BNCC indica que as decisões pedagógicas devem estar orientadas para o desenvolvimento de competências. Por meio da indicação clara do que os alunos devem “saber” (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem “saber fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho), a explicitação das competências oferece referências para o fortalecimento de ações que assegurem as aprendizagens essenciais definidas na BNCC (Brasil, 2018, p.13).

O documento inicia com as competências gerais que abrangem todas as disciplinas do currículo do ensino fundamental e apresenta de forma específica as competências pertinentes ao ensino de história, sendo as seguintes:

1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.
2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.
3. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.
4. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
5. Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.
6. Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica.
7. Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais (Brasil, 2018, p. 402).

O objeto de aprendizagem elaborado visa desenvolver com seus diversos recursos didáticos as várias competências, provocar uma atitude historiadora, com o intuito de

e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996) , e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) (Brasil, 2018, p.7) .

investigação, leitura e interpretação do conteúdo histórico apresentado. Adriana Soares Ralejo e Rafaela Albergaria Mello e Mariana de Oliveira Amorim (2021) definem a atitude historiadora da seguinte maneira:

Proporcionar o exercício da atitude historiadora é combater a história única, porque passamos a compreender que a ação do historiador é uma construção discursiva baseada na interpretação de uma realidade. Essa prática do conhecimento como uma produção também se estende para o cenário da sala de aula, que deve pautar-se na “reconstrução” dos processos que levam à produção do conhecimento escolar, permitindo ao estudante aprender a “leitura da história” que poderá ser aplicada em diversas situações da sua vida cotidiana (Ralejo ; Mello; Amorim, p. 17, 2021 apud Silva; Morais, 2017).

A BNCC traz poucas habilidades para o ensino da Idade Média. Francisco de Paula Souza de Mendonça Júnior (2021) em seu estudo a este respeito, pondera acerca das discussões que estas habilidades fomentam, destacando a influência da Igreja e da mulher na sociedade medieval:

Apenas a influência da Igreja e o papel da mulher são discussões exigidas, conforme a BNCC, para a formação dos estudantes brasileiros. A questão é que esses dois temas, além de suscitar várias outras discussões, dependem para seu correto entendimento de uma inserção em um debate mais amplo. Pode ser aventado que a BNCC permite certa flexibilidade, podendo os temas ser tratados com maior ou menor densidade, conforme a avaliação do docente. Contudo, o reduzido número de períodos destinados a disciplina de História bem como o enfiamento dos materiais didáticos disponíveis produz uma realidade bem mais engessada. (Mendonça Junior, p.13, 2021).

A cavalaria é um tema recorrente que chama a atenção devido à ideia do herói capaz de enfrentar os mais diversos perigos para ajudar os indefesos. Além disso, todo o imaginário que existe por trás da Idade Média influencia a criação de diversos filmes e jogos. No entanto, quando esse tipo de material é produzido, a preocupação com a veracidade histórica não está entre as prioridades; o entretenimento é o objetivo principal. Sendo assim, muitas vezes há uma mescla de realidades e conceitos, formando uma história que remete muito mais aos tempos atuais do que ao período medieval retratado. Por isso, é fundamental fomentar uma consciência histórica para que a sociedade possa compreender o período histórico em sua plenitude, evitando anacronismos e interpretações descontextualizadas.

A sequência didática inserida no OA busca trazer ainda mais discussões, questionando o papel de outros elementos da sociedade do medievo e ofertando de forma lúdica diversas atividades para que o/a estudante possa compreender a história medieval de forma mais prazerosa, sem deixar de lado o sentido complexo que este período histórico possui.

4.3.2 Público-alvo e as estratégias de linguagem

O objeto de aprendizagem desta pesquisa surge a partir da escassez de material didático e paradidático para ensinar história medieval, em especial sobre este período histórico na Península Ibérica, para estudantes do Ensino Fundamental II, especificamente dos sextos e sétimos anos.

Ensinar sobre a Idade Média representa uma atribuição laboriosa devido à distância temporal, assim como à complexidade dos valores culturais, religiosos e morais singulares que por vezes causam um certo estranhamento aos estudantes. No entanto, essa tarefa é deveras importante, uma vez que a compreensão desse período histórico oferece percepções significantes sobre as raízes da sociedade contemporânea.

A dificuldade de ensinar é equilibrada pela presença marcante desse período no imaginário popular, talhada por produções culturais como filmes, livros e séries. Essa presença cria uma curiosidade em relação ao tema, abrindo importantes janelas para explorar e contextualizar de maneira mais profunda os elementos fundamentais desse período histórico. Dessa forma, os estudantes têm a oportunidade não apenas de compreender o passado, mas também de analisar as influências que moldaram a sociedade moderna, promovendo uma visão mais completa das conjunturas que fomentaram o desenvolvimento humano ao longo do tempo.

Com base nessa proposta, desenvolveu-se a sequência didática que utilize diferentes programas, sites e fontes diversas. Esse enfoque busca trazer à tona a dimensão da experiência e da interpretação, tornando o aprendizado um processo de cognição histórica mais envolvente e lúdico. Assim, o estudante poderá compreender o processo histórico de maneira mais profunda e participativa.

Adentrando nas especificidades da proposta, elucubra-se o desenvolvimento de sequência didática utilizando-se diferentes programas, sites e fontes diversas buscando trazer a dimensão da experiência e da interpretação fazendo que aprendizagem seja um processo de cognição histórica que o estudante compreenda de uma forma mais lúdica o processo histórico ensinado (Schmidt; Cainelli, 2009).

Para tanto, a sequência possui múltiplas abordagens didáticas para que o professor mesmo com contextos diversos de sala de aula possa usar de forma parcial ou integral. Isso se deve à inclusão de uma variedade de estratégias no conjunto da sequência. Nos próximos itens, serão detalhadas cada uma das estratégias utilizadas.

4.3.3 Aplicabilidade do objeto de aprendizagem

O Objeto de Aprendizagem apresenta-se como uma ferramenta para auxiliar o professor em sala de aula, devido a carência de materiais que tratem sobre a Idade Média na Península Ibérica e ainda mais raro os que tratam da cavalaria nesta região.

Para confeccionar a sequência didática foram utilizadas diversas ferramentas, tanto digitais como analógicas, que estão hospedadas na plataforma *Moodle* (figura 32). Serão apresentados os itens e sugestões da utilização dos materiais didáticos produzidos, além da quantidade de aulas necessárias para a realização das atividades. O tempo de aula baseia-se na realidade do município de Navegantes, Santa Catarina onde leciono, sendo a duração das aulas de 45 minutos e com a frequência de 3 aulas por semana.

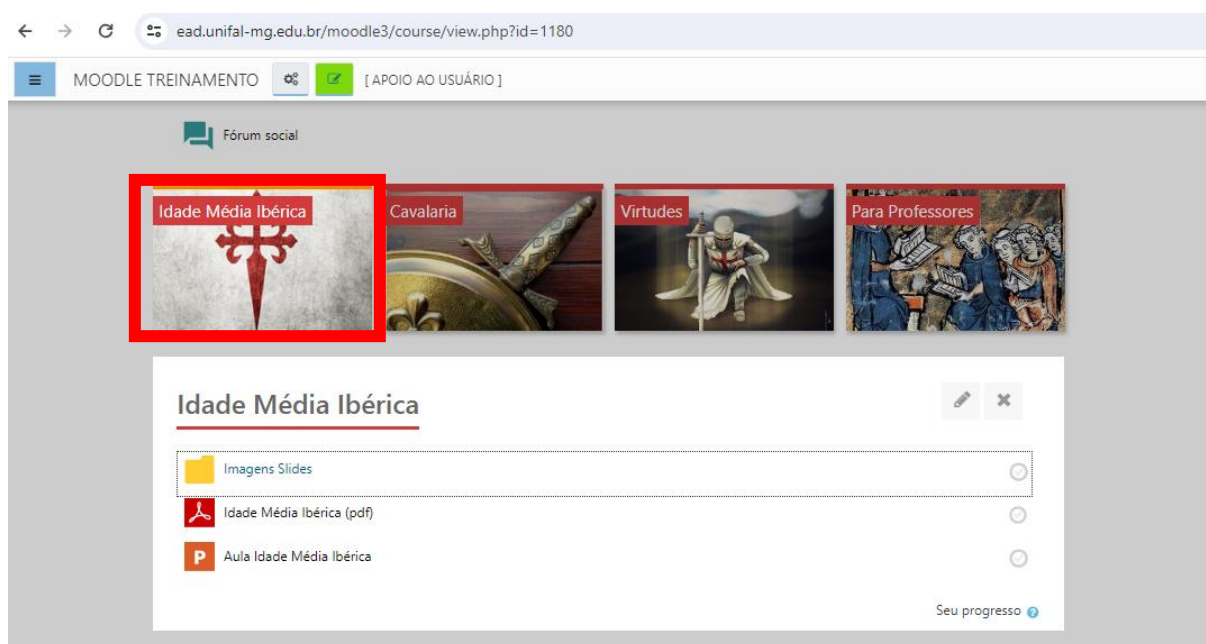


Figura 32: Quatro tópicos da sequência didática, destaque para o item Idade Média Ibérica.
Fonte: autora (2024).

Idade Média Ibérica - Aula 1- Introdução e Diagnóstico

Na primeira aula, o professor introduz a temática Idade Média e busca saber sobre o conhecimento prévio que os estudantes possuem, realizando uma breve contextualização sobre o conteúdo. Feito isso, é entregue o material didático *Diário de Aula*, onde os estudantes irão descrever o que aprenderam ao longo das aulas. O professor deverá explicar como será desenvolvida esta atividade.

Tendo feito toda a explanação da atividade, o professor abre a apresentação desenvolvida em *power point*. Justifica-se a utilização desse programa, pela sua popularidade e por ser uma ferramenta que pode ser usada sem internet.

A apresentação começa com um sumário interativo (figura 33), que mostra todas as temáticas, jogos e mapas que o material tem. Dessa forma, o professor pode ir ao conteúdo que desejar. No próximo slide, destaca-se a localização da região com mapas e contextualiza-se o que é uma península. Também é explicado por que recebeu o nome de Península Ibérica.

Nos próximos slides, trata-se do declínio do Império Romano e das migrações germânicas e sobre os visigodos. Para relembrar algumas informações vistas, os estudantes em dois grupos jogam o jogo da memória. Sugestão: o professor pode deixar os 10 minutos finais de cada aula para os estudantes escreverem o que aprenderam naquela aula.



Figura 33: Sumário interativo.

Fonte: autora (2024).

Idade Média Ibérica - Aula 2 Al Andalus

Nessa aula, o professor continua usando a apresentação em *power point* e começa explicando sobre a entrada dos muçulmanos na Península Ibérica, sendo chamado posteriormente de Al Andalus. O professor neste slide consegue acessar diversos mapas (figura 35) que contextualizam e mostram todo o território que os muçulmanos dominaram. Para finalizar, como forma de aprofundamento da aprendizagem, o professor pode usar o jogo *Conhecendo Al Andalus* feito no site *Genially*, o qual apresenta diversos aspectos sobre Al Andalus, tais como história, cultura, arte, linha do tempo. Esse jogo possui logo no começo um botão interativo que permite ao professor (figura 34) acessar planejamentos e atividades, caso queira explicar com mais detalhes sobre Al Andalus. O jogo foi desenvolvido para disciplina Al Andalus, pela própria autora e por alguns colegas de mestrado.

view.genially.ly/62812e1ee0e5850018a9131d/interactive-content-encontre-al-andalus

Planejamento das Aulas – (colocar o período que ocorrerá as aulas)

DISCIPLINA: HISTÓRIA PROFESSOR (A): MATRÍCULA:
SÉRIE: ° CURSO: ENSINO FUNDAMENTAL ANO:

PLANEJAMENTO MENSAL

OBJETIVO DE APRENDIZAGEM -HABILIDADES	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDO	METODOLOGIA/ ESTRATÉGIAS DE ENSINO	AVALIAÇÃO		RECUPERAÇÃO
<p>EF06HI14 Identificar e analisar diferentes formas de contato, adaptação ou exclusão entre populações em diferentes tempos e espaços.</p> <p>EF06HI15 Descrever as dinâmicas de circulação de pessoas, produtos e culturas no Mediterrâneo e seu significado.</p>	<p>Identificar relações sociais no seu próprio grupo de convívio, na localidade, na região e no país, e outras manifestações estabelecidas em outros tempos e espaços;</p> <p>Situar acontecimentos históricos e localizá-los em uma</p>	<p>Idade Média Al-Andalus Península Ibérica durante o governo dos muçulmanos.</p>	<p>Aula expositiva dialógica. DVD de filme, documentário, clipe etc. Elaboração de fichamentos, resumos de textos pré-selecionados, mapeamentos, resolução de exercícios, utilização de recursos instrucionais.</p>	<p>INSTRUMENTOS Participação em sala de aula; Trabalhos Individuais e em grupos; Provas objetivas e dissertativas; Criação e execução das tarefas propostas; Pesquisa individual e em grupos; Seminário; Dramatização; Leitura interpretação de</p>	<p>CRITÉRIOS Objetividade; Interpretação; Linguagem padrão; Participação nas discussões dos conteúdos em sala de aula.</p>	<p>Confeção de material lúdico</p> <p>Pesquisas</p> <p>Apresentação de trabalhos</p> <p>Refazer os</p>

plano para professores - .docx.pdf
null
genially Google Docs

PLAY ▶

Figura 34: Tela da aba professores, onde constam planejamentos e atividades.
Fonte: autora (2024).

Idade Média Ibérica - Aula 3 Reinos Cristãos

Com uma dinâmica parecida com a aula anterior, o professor expõe sobre os Reinos Cristãos e pode usar os mapas (figura 35) para contextualizar sobre ascensão desses reinos. E como fechamento deste item, o professor tem o jogo *Duelo de Perguntas*: a turma é dividida em dois grupos, os quais irão responder perguntas de todo o conteúdo já ensinado.

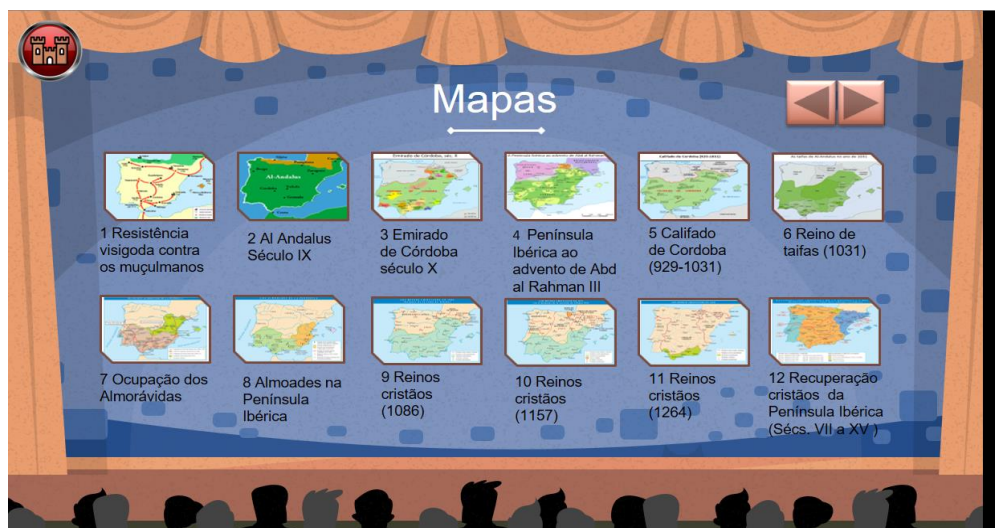
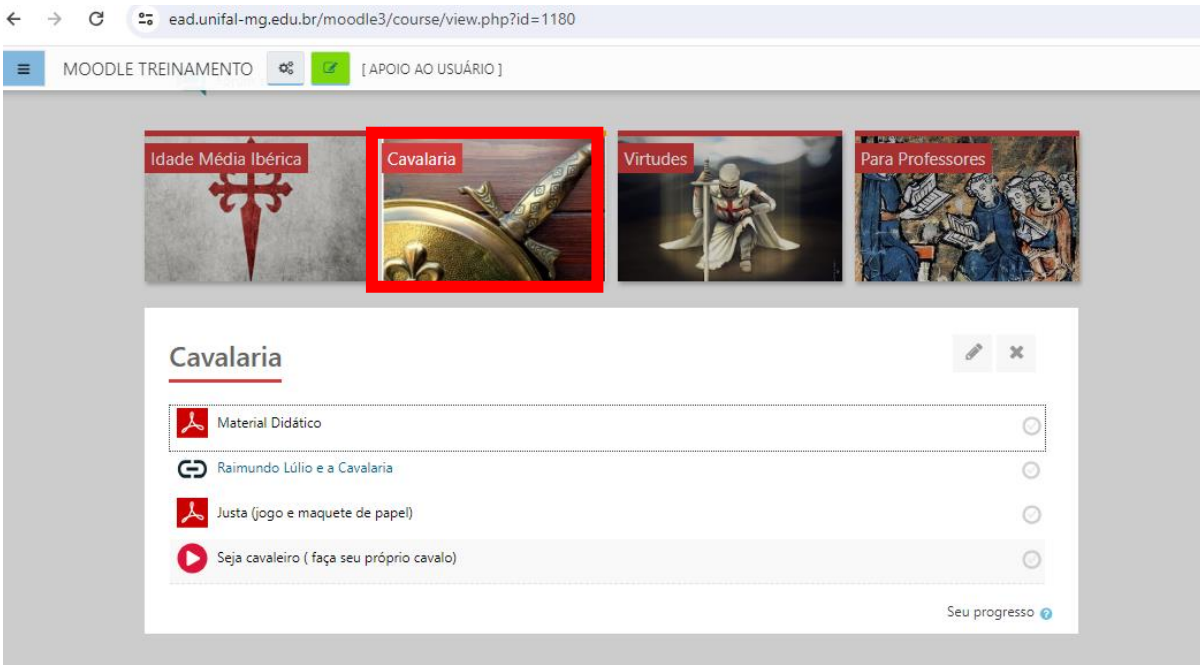


Figura 35: Slides com os mapas disponíveis.
Fonte: autora (2024).

No segundo item, intitulado *Cavalaria*, é apresentada a cavalaria e Raimundo Lúlio, autor da obra *O livro da Ordem de Cavalaria*, que difunde a ideia de uma cavalaria ideal. Para o desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem, sugere-se dividir o material em três aulas, as quais serão pormenorizadas a seguir.

Cavalaria – Aula 1- Aprendendo sobre a cavalaria e Raimundo Lúlio



The image shows a screenshot of a Moodle course page. At the top, the browser address bar displays 'ead.unifal-mg.edu.br/moodle3/course/view.php?id=1180'. Below the browser bar, the Moodle interface includes a navigation menu with 'MOODLE TREINAMENTO' and a user status '[APOIO AO USUÁRIO]'. The main content area features four topic cards: 'Idade Média Ibérica' (with a red cross icon), 'Cavalaria' (with a sword icon and highlighted by a red border), 'Virtudes' (with a knight icon), and 'Para Professores' (with a group of people icon). Below these cards, the 'Cavalaria' section is expanded, showing a list of resources: 'Material Didático' (PDF icon), 'Raimundo Lúlio e a Cavalaria' (link icon), 'Justa (jogo e maquete de papel)' (PDF icon), and 'Seja cavaleiro (faça seu próprio cavalo)' (video icon). A 'Seu progresso' (Your progress) indicator is visible at the bottom right of the resource list.

Figura 36: Os quatro tópicos da sequência didática, destaque para o item Cavalaria.
Fonte: autora (2024).

Nesta primeira aula do item Cavalaria (figura 36), o professor inicia com vídeo apresentando Raimundo Lúlio e a Cavalaria na Península Ibérica. Posteriormente, para complementar a aula, os estudantes farão a leitura do material didático (figura 37) confeccionado pela autora, o qual mostra um pouco sobre a cavalaria e Raimundo Lúlio, dando ênfase para a obra *O livro da Ordem de Cavalaria*.



Figura 37: Material didático sobre Cavalaria e Raimundo Lúlio.
Fonte: autora (2024).

Cavalaria – Aula 2- Torna-se um cavaleiro

Após conhecerem um pouco mais sobre a cavalaria, já discutida na aula anterior, conjectura-se uma atividade prática. De forma lúdica, os estudantes farão um cavalo. Esta atividade tem como objetivo mostrar a importância deste animal para a cavalaria, tendo em vista que Raimundo Lúlio apresenta o cavalo como um animal fundamental, dando origem ao nome da instituição. No item Cavalaria está disponibilizado um vídeo tutorial (figura 38) de como fazer.



Figura 38: Fragmento do vídeo tutorial.
Fonte: autora (2024).

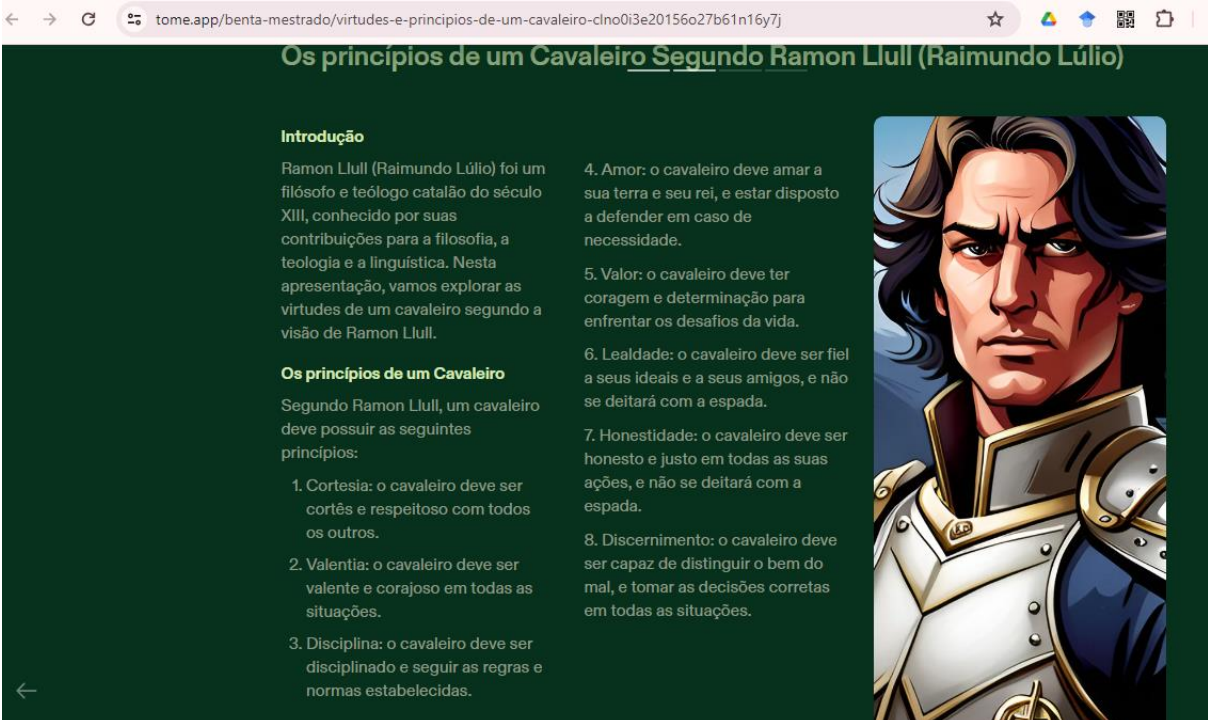
Cavalaria – Aula 3- Maquete de uma justa

Apresentando um pouco mais sobre a cavalaria, está disponível uma maquete de papel onde os estudantes poderão colorir e recortar, montando o que seria um cenário de uma justa, que era uma forma de diversão dos cavaleiros quando não estavam em guerra.

No final da semana, como culminância os estudantes deverão escrever como foi a experiência das aulas no *Diário de Aula*, contando como foi confeccionar os materiais propostos e relatar partes das aulas.

Virtudes – Aula 1- Conhecendo as virtudes

Nesta aula, o professor inicia exibindo a apresentação (figura 39) que retrata as virtudes as quais os cavaleiros devem ter e que, segundo Raimundo Lúlio, os cavaleiros deveriam se basear para serem dignos do título de nobreza que possuíam. Neste mesmo material, já no final, há proposta de atividade, sendo esta dividida em partes, como sugestão de tempo para cada uma das etapas. O produto desta tarefa é a confecção de um código de honra, assim como tinham os cavaleiros. Com esta atividade, o professor pode inserir algumas prescrições, como por exemplo, as que determinam que os estudantes devem cumprir especificações estipuladas pela escola ou ajudar os colegas em sala ou ainda respeitar os colegas e outros combinados a serem seguidos durante o ano.



Os princípios de um Cavaleiro Segundo Ramon Llull (Raimundo Lúlio)

Introdução

Ramon Llull (Raimundo Lúlio) foi um filósofo e teólogo catalão do século XIII, conhecido por suas contribuições para a filosofia, a teologia e a linguística. Nesta apresentação, vamos explorar as virtudes de um cavaleiro segundo a visão de Ramon Llull.

Os princípios de um Cavaleiro

Segundo Ramon Llull, um cavaleiro deve possuir as seguintes princípios:

1. Cortesia: o cavaleiro deve ser cortês e respeitoso com todos os outros.
2. Valentia: o cavaleiro deve ser valente e corajoso em todas as situações.
3. Disciplina: o cavaleiro deve ser disciplinado e seguir as regras e normas estabelecidas.
4. Amor: o cavaleiro deve amar a sua terra e seu rei, e estar disposto a defender em caso de necessidade.
5. Valor: o cavaleiro deve ter coragem e determinação para enfrentar os desafios da vida.
6. Lealdade: o cavaleiro deve ser fiel a seus ideais e a seus amigos, e não se deitará com a espada.
7. Honestidade: o cavaleiro deve ser honesto e justo em todas as suas ações, e não se deitará com a espada.
8. Discernimento: o cavaleiro deve ser capaz de distinguir o bem do mal, e tomar as decisões corretas em todas as situações.

Figura 39: Slide da apresentação.

Fonte: Imagem gerada por inteligência artificial (2024).

Virtudes – Aula 2- Dramatização

Nesta aula, de forma fictícia, o professor vai nomear os estudantes cavaleiros. No material de apoio encontra-se, um roteiro (figura 40) de como fazer esta nomeação, no entanto, é importante colocar em discussão que no período em que Raimundo Lúlio escreve, esta é uma honraria somente para um grupo, mas que agora todos e todas serão nomeados. Também é importante saber um pouco sobre o ponto vista dos estudantes o porquê de tanta gente ser excluída da cavalaria, como as mulheres, as classes sociais que não tinham título de nobreza, entre outros; possibilitando debater sobre as exclusões e/ou marginalizações no Medievo Ibérico, bem como a importância dos mecanismos de inclusão na sociedade atual. Depois desta conversa, o professor passa para a cerimônia, nomeando cavaleiro a cada um dos estudantes.



A Nomeação de Cavaleiro

Personagens:
 Professor de História (P)
 Aluno(a) a ser nomeado(a) cavaleiro(a) (A)
 Outros alunos (O)

Cenário:
 Sala de aula com uma mesa e cadeiras para o professor e o aluno a ser nomeado.

Roteiro:

Início da dramatização:

(P) - Boa tarde, nobres alunos! Hoje é um dia especial em nossa sala de aula, pois temos o prazer de nomear um nobre cavaleiro ou uma nobre dama da história. Como sabem, um cavaleiro representa bravura, honra e coragem.

(A) - Posso(a) nobre aluno(a) (A), destaca-se pelo seu comprometimento e paixão pelo estudo da história. Ele(a) demonstrou grande dedicação e respeito ao longo deste ano.

(P) - Agora, chegou o momento de reconhecer essas qualidades. (A), por favor, venha até eu, para fazer seu juramento.

(A) - (Aproxima-se do professor(a))

(P) - (Pega uma "espada" ou outro objeto simbólico) Com esta espada, eu te nomeio cavaleiro/dama da história. Que esta nomeação represente a tua busca pela verdade, justiça e o amor pelo passado.

(A) - (Responde com uma promessa ou juramento apropriado)

(A) - "Prometo ser fiel, corajoso e leal, proteger os fracos e desamparados, defender a justiça e a verdade, e manter a honra do cavaleiro e estudar muito. Juro amar história, com todo o meu coração e minha força."

Fim da dramatização:

(P) - Que a história continue a ser uma fonte de inspiração para todos vocês, e que todos possam seguir o exemplo de nosso(a) nobre cavaleiro/dama. Muito obrigado, e continuemos nossa jornada no estudo da história com entusiasmo!

Figura 40: Roteiro da dramatização.
 Fonte: autora (2024).

Virtudes – Aula 3- Fechamento

Nesta aula, o professor iniciará com uma discussão buscando feedback sobre as atividades realizadas. Posteriormente à roda de conversa, os estudantes compartilharão o que aprenderam durante a semana escrevendo no seu Diário de Aula relatos sobre os conhecimentos adquiridos em sala de aula. Ao finalizar, eles entregarão esses relatos, que servirão como a última maneira de avaliar.

4.3.4 Processo Avaliativo

A avaliação não é meramente um instrumento de mensuração de conhecimentos: revela-se como uma importante ferramenta, que auxilia no desempenho das funções essenciais na promoção do desenvolvimento cognitivo, socioemocional e metacognitivo dos estudantes. Avaliar é um processo complexo, pois é formado de diversos fatores, entre eles a diversidade nos estilos de aprendizagem, ritmos e experiências prévias, o que exige abordagens avaliativas adaptadas para atender à pluralidade da classe. Segundo Fischer (2010) é importante a utilização de diferentes modalidades e procedimentos para a avaliação. Dessa forma, o processo consegue diagnosticar com mais precisão em que nível de aprendizagem o estudante está. Assim, a partir da investigação, o professor consegue adequar as estratégias para uma melhor avaliação.

Assim, em diferentes modalidades, os procedimentos avaliativos permitiriam informar em que nível o aluno se encontraria frente aos objetivos propostos e, por decorrência, se as propostas de ensino e de currículo estariam sendo desenvolvidas adequadamente, ou se seria necessário rever as estratégias estabelecidas. Avaliar, portanto, passaria a ser encarado como uma estratégia de pesquisa, o professor um pesquisador que, ao avaliar o processo de aprendizagem de seus alunos, está buscando dados sobre cada um e a classe como um todo (Fischer, p. 18, 2010).

Para uma avaliação mais relevante, é essencial uma abordagem cuidadosa e contextualizada, pois contribui para o processo de aprendizagem. Dessa forma, a avaliação apresenta-se como uma ferramenta que orienta e aprimora a prática pedagógica, possibilitando uma educação histórica significativa, crítica e reflexiva, sendo estes elementos fundamentais para a formação integral do estudante.

Durante o desenvolvimento do OA, houve uma preocupação constante com a avaliação, sendo que são usados diversos instrumentos para atender aos diversos estilos de aprendizagem. Além das avaliações escritas, como por exemplo feita através do “Diário de Aula”, outros recursos foram usados, tais como: debates, a aplicação de tecnologias educacionais como gamificação, o uso de vídeos, além da feitura de outras tarefas propostas.

O OA foi idealizado para transcorrer durante três semanas. Abaixo, é detalhado o processo avaliativo de cada um dos itens.

Idade Média Ibérica

Como em toda sequência didática, a avaliação é um procedimento contínuo; no entanto, com particularidades para cada um dos itens. No item Idade Média Ibérica a avaliação se dá primeiramente através dos jogos durante as aulas: os estudantes participaram de diversos jogos, nos quais será avaliada a participação e o engajamento durante as atividades. No final da semana, também será avaliado o que os estudantes escreveram no seu Diário de Aula.

Cavalaria

Este item é composto por diversas atividades através das quais o professor pode avaliar o processo como um todo, ou dar notas por atividade desenvolvida.

Atividade 1 – Leitura do material didático, após assistir ao vídeo e responder algumas perguntas. O professor pode focar a avaliação no poder persuasivo e argumentativo dos estudantes, sendo que a interpretação é pré-requisito para formular as respostas.

Atividade 2 – Confecção do cavalo, após assistir ao vídeo tutorial os estudantes fazem seus próprios cavalos de forma lúdica. A avaliação pode ser feita durante o processo e de toda estética usada para desenvolver a tarefa.

Atividade 3 – Pintura e recorte da maquete de uma justa. A avaliação pode ser feita durante do processo com a entrega de todos os elementos da maquete já montados e pintados.

Virtudes

A primeira atividade é a feitura de um código ético para a sala, baseado nas virtudes cavaleirescas. Sendo dividida em vários momentos, durante os quais o professor pode realizar a avaliação e no final fazer uma média de notas.

A segunda atividade é a dramatização da nomeação dos cavaleiros. A avaliação pode ser feita seguindo o engajamento e participação dos estudantes. E para finalizar a entrega do Diário de Aula, com todas as observações e tarefas feitas, uma mostra de como foi o aprendizado e experiência dos estudantes durante todos os processos da sequência didática.

4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensinar história apresenta desafios singulares, pois é uma disciplina que se fundamenta no estudo do passado, trabalhando assim com o imagético. Por essa razão, em muitos momentos, os estudantes precisam exercitar a imaginação para compreender o que está sendo apresentado em sala de aula. Um dos conteúdos que se destaca como desafiador é a Idade Média, uma vez que se trata de um período histórico causa um certo “estranhamento”, pois, expõe a um contexto consideravelmente distinto do atual. Consequentemente, familiarizar-se com esse conteúdo torna-se um processo complexo, pois trata-se de um assunto que não faz parte do contexto histórico dos estudantes.

Dessa forma, vivenciar aspectos culturais de uma época traz para a aula uma proximidade entre o estudante e o evento histórico. Partindo dessa forma de ensinar história, a vivência em sala de aula pode dar mais sentido ao que o estudante está aprendendo. Conforme já pontuamos, lecionar conteúdos da Idade Média, por vezes é um desafio, já que é um período histórico que não ocorreu no Brasil, e com uma dinâmica diferente da atualidade. No entanto, é um tema repleto de potencialidades, exploradas inclusive por filmes, jogos e livros, que causam fascinação e despertam muito interesse, como os cavaleiros, bruxas, magos (Macedo, 2013).

Pensando neste imaginário e falta de conhecimento sobre a história medieval ibérica, este trabalho buscou apresentar um OA que seja mais um instrumento para diversificar e auxiliar sobre a temática da Idade Média, com enfoque na cavalaria, sendo um tema que possui uma especial aceitação e curiosidade sobre este homem tido como herói. A ideia central foi buscar uma prática inovadora através de novas metodologias lúdicas, no entanto, sem deixar de lado a narrativa histórica.

Nesse contexto, é evidente que o ensino de história oferece um vasto campo de exploração ao conectar a temática da Idade Média com aspectos afetivos inerentes ao ideal da cavalaria. Essa abordagem histórica não apenas enriquece o conhecimento dos estudantes, mas também torna palpável a vivência de elementos culturais e históricos relevantes no ambiente escolar. Ao promover uma análise crítica e reflexiva desses aspectos, o processo de aprendizagem adquire significado e profundidade.

Portanto, explorar a temática dentro do contexto do ensino de história contribui para uma experiência de aprendizagem enriquecedora, que não apenas amplia o conhecimento dos estudantes sobre a Idade Média, em especial na Península Ibérica, mas também promove uma compreensão mais profunda dos valores cavaleirescos e os ideais culturais da época. O OA

desenvolvido nesta pesquisa busca contribuir para uma educação holística e significativa, que prepara os estudantes para uma participação ativa e crítica na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALBORG, Juan Luis. **Historia de la literatura española**. 2. ed. Madrid: Gredos, 1970.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Fazer defeitos nas memórias: para que servem a escrita e o ensino da história?. In: GONÇALVES, Márcia de Almeida; ROCHA, Helenice; REZNIK, Luís; MONTEIRO, Ana Maria (org.). **Qual o valor da História hoje?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. p. 21-39.

ALMEIDA, Manoel de Campos. **O misticismo do número sete: os números têm poderes sobrenaturais?**. Curitiba: Manoel de Campos Almeida, 2019.

ALVES, Luciana; BIANCHIN, Maysa Alahmar. O jogo como recurso de aprendizagem. **Revista psicopedagogia**, São Paulo , v. 27, n. 83, p. 282-287, 2010 . Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010384862010000200013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 23 nov. 2022.

ANDRADE, Rodrigo Prates de. É possível uma história da historiografia medieval? **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, [S.l.], v. 13, n. 33, p. 39-58, 22 jul. 2020. <http://dx.doi.org/10.15848/hh.v13i33.1542>. acessos em 23 nov. 2022

ARAUJO, Gabrielly Aparecida. **(RE)construindo o herói: El Cid entre a história e a literatura no romancero viejo**. 2019. 118 f. Dissertação (Mestrado Profissional em História Ibérica) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2019. Disponível em: <https://bdtd.unifal-mg.edu.br:8443/bitstream/tede/1439/5/Disserta%20a7%20c3%a3o%20de%20Gabrielly%20Aparecida%20Araujo.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2022.

ASTARITA, Carlos. Sobre los orígenes de las caballerías en Castilla y León: siglos X-XII. **Olivar**, v. 8, n. 10, p. 279-312, 2007. Disponível em: http://www.fuentesmemoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.3299/pr.3299.pdf. Acesso em: 13 nov. 2022.

BARUQUE, JULIO Valdeon. **El Califado de Cordoba: cuaderno historia 16**. Madrid: Informacion y Revistas, 1985.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRAGA, Juliana (org.). **Objetos de aprendizagem: volume 1**. Santo André: Editora da UFABC, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc> Acesso em: 15 jan. 2024.

BRONISH, Alexander Pierre. **Reconquista y Guerra Santa: la concepción e la guerra en la españa cristiana desde los visigodos hasta comienzos del siglo XII**. Granada: Editorial Universidad de Granada, 2006.

CARDINI, Franco. **Alle radici della cavalleria medievale**. Bologna: Il Mulino, 2014.

COSTA, Ives Leocelso Silva. A cavalaria na baixa Idade Média: declínio ou transformação? **Revista Cantareira**, [S. l.], v. 1, n. 36, 2022. Acesso em: 11 jan. 2024.

COSTA, Ricardo da. A Eternidade de Deus na filosofia de Ramon Llull (1232-1316). **Thaumazein: Revista Online de Filosofia**, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 46-61, 2011.

COSTA, Ricardo da. Ramon Llull (1232-1316) e o modelo cavaleiresco ibérico: O libro del Orden de Caballería. **Mediaevalia**, , [S. l.], v. 11, p. 231-252, 2015.

COSTA, Ricardo da. Ramon Llull (1232–1316) foi o filósofo da tolerância na Idade Média? O Livro do Tártaro e o Cristão (1288). **Reflexões Sobre A Paz Vol. II Paz e Tolerância**, [S.l.], p. 119-138, 2018. Faculdade de Filosofia e Ciências - FFC - Campus de Marília. <http://dx.doi.org/10.36311/2018.978-85-7983-987-0.p119-138>.

DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

DEMURGER, Alain. **Os cavaleiros de Cristo: templários, teutônicos, hospitalários e outras ordens militares na idade média (sécs. XI-XVI)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

FERREIRA, Jerusa Pires.. Da novela de cavalaria. **Universitas**, [S. l.], n. 15/16, p. 121, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/universitas/article/view/1238>. Acesso em: 9 nov. 2022.

FISCHER, Beatriz Teresinha Daudt; Werle, FOC. Avaliação da aprendizagem: a obsessão pelo resultado pode obscurecer a importância do processo. **Avaliação em larga escala: foco na escola**, São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

FLORI, Jean. **A Cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da idade média**. São Paulo: Madras, 2005.

GÓMEZ, Miguel Dolán. The Crusades and church art in the era of Las Navas de Tolosa”. **Anuario Historia de la Iglesia**, [S. l.], n. 20, p. 237-260, (2011).

HERNAZ, José Manuel Rodríguez. **La cruzada en tiempos de Alfonso X**. Madrid: Sílex, 2014.

HERNÁNDEZ, Miguel Cruz. **El pensamiento de Ramón Llull**. Valencia: Fundacion Juan March/ Editorial Castalia, 1977.

HOMS, Romàn Piña. **Alfonso, o Sábio e Ramon Llull: suas concepções da justiça e da ordem social.** São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2013.

HUIZINGA, Johan. **O outono da Idade Média.** 3. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia.** 5°. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do ocidente medieval.** Bauru: Edusc, 2006.

LE GOFF, Jacques. **O homem medieval.** Lisboa: Editorial Presença, 1989.

LE GOFF, Jacques. **Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente.** Lisboa: Estampa, 1993.

LEITE, Werlayne Stuart Soares; RIBEIRO, Carlos Augusto do Nascimento. A inclusão das TICs na educação brasileira: problemas e desafios. Magis, **Revista internacional de investigación en educación**, Bogotá, n.5 (10), 173-187, (2012).

LÓPEZ, Gregorio (Ed.). **Las siete partidas del muy noble rey Don Alfonso el Sabio.** Compañía general de impresores y libreros del reino, 1844.

LÚLIO, Raimundo. **O livro da ordem de cavalaria (1279-1283).** Tradução de Ricardo da Costa. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência, 2000.

LÚLIO, Raimundo. **Vida Coêtania.** [S.l.]: [S.N.], []. Disponível em: <https://www.ricardocosta.com/traducoes/textos/vida-coetania-1311>. Acesso em: 12 jan. 2023.

MACEDO, Cecilia Cintra Cavaleiro de; Marques Andy Willy. Yehuda Ha-Levi e a questão do conhecimento. **Pandora.** [S. l.], n.43, 2012. Disponível em http://revistapan5.dominiotemporario.com/revista_pandora/arabe/cecilia_andy.pdf. Acesso em: 13 nov. 2022.

MACEDO, José Rivair. Repensando a Idade Média no ensino de história. In: Karnal, Leandro (org.). **História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas.** 6. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MENDONÇA JÚNIOR, Francisco de Paula Souza. História medieval e as propostas curriculares: reflexões sobre experiências em curso. In: Birro, Renan; Ribeiro, Felipe Augusto (org.) **Caminhos da aprendizagem histórica: História Medieval e História Digital.** 1. Ed. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/Leitorado Antigo/UERJ, 2021.

MONTERO, Ángel; DÍAZ, María Auxiliadora; GUTIÉRREZ, María del mar. **Los conocimientos de la naturaleza en la Baja Edad Media: las clasificaciones de don Juan Manuel (1282-1348) en el Libro del caballero et del escudero (1326-1328).** Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural, [S. l.], v. 111, p. 19-39, 2017.

NASCIMENTO, Robson Rafael. **O ideal de cavalaria medieval d'O Livro da Ordem de Cavalaria, de Raimundo Lúlio, n'Os Lusíadas, de Luís de Camões.** TEOLITERARIA-Revista de Literaturas e Teologias, [S. l.], v. 6, n. 12, p. 223-245, 2016.

OLIVEIRA, Josemar Machado de. **Ramon Llull**. O livro da Ordem de Cavalaria. Dimensões, n. 9, 1999.

PEREIRA, Ana Carolina Barbosa; MAIA JUNIOR, Edmilson Alves; GUERELLUS, Natália; DAHÁS, Nashla; OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de; MENESES, Sônia; WANDERLEY, Sonia. A HISTÓRIA PÚBLICA BRASILEIRA TEM SIDO EFICAZ NO COMBATE AOS NEGACIONISMOS? In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; RODRIGUES., Rogério Rosa (org.). **História Pública em movimento**. São Paulo: Letra e Voz, 2021.

PISNITCHENKO, Olga. **A cavalaria ibérica: entre vínculo social e forma de vida virtuosa; o discurso político castelhano-leonês nos séculos XIII-XIV**. Curitiba: Editora Appris, 2023.

PRIETO, Maria. **La dramatización: una técnica lúdica de aprendizaje**. Boletín de ASELE, 36, Málaga: Imagraf, p. 11-25, 2007.

RALEJO, Adriana Soares; MELLO, Rafaela Albergaria; AMORIM, Mariana de Oliveira. BNCC e Ensino de História: horizontes possíveis. **Educar em revista**, [S. l.], v. 37, p. e77056, 2021.

RIQUER, Martin de; VALVERDE, José Maria. **Historia de la literatura universal I**. Espanha: Newco, 2009.

RUCQUOI, Adeline. **História medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Estampa, 1995.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar de História**. São Paulo: Scipione, 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezande (org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. Ufpr, 2010.

SERRANO, Jorge Sáiz. **Guerra y nobleza en la corona de Aragón. La caballería en los ejércitos del rey (siglos xiv-xv)**. 2003. 744 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universitat de València, Valencia, 2003.

SILVA, Rosilma Ventura da. O vídeo como recurso de aprendizagem em salas de aula do 5º ano. **Revista EDaPECI**, [S. l.], v. 6, n. 6, 2010.. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/edapeci/article/view/602/506>. Acesso em: 08 out. 2023.

SOUZA, Guilherme Queiroz de. **Da Reconquista hispânica à conquista do novo mundo: Uma análise do Espírito Cruzadístico Ibérico na Crux Cismarina e Na Crux Ultramarina**. ISSN: 2177-6687. Anais da Jornada de Estudos Antigos e Medievais. Universidade Federal de Maringá, Maringá, 2011.

UNIFAL-MG. **Trabalho final do programa de pós-Graduação em História Ibérica (Mestrado Profissional) da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)**. Programa de Pós-Graduação em História Ibérica, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, 2021.

VAQUERO, Eloísa Ramírez. XXXVII Semana de estudios medievales de Estella «1212-1214: El trienio que hizo a Europa» Anuario de Historia de la Iglesia, vol. 20, 2011, pp. 452-453 Universidad de Navarra Pamplona, España

VASCONCELOS, Éderson José de. **A Reconquista: pesquisa e ensino da história medieval ibérica por meio de objeto educacional**. 2019. 120 f. Dissertação (Mestrado Profissional em História Ibérica) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG., 2019. Disponível em: <https://bdtd.unifal-mg.edu.br:8443/bitstream/tede/1719/5/Disserta%20de%20Ederson%20Jos%20de%20Vasconcelos.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2022.

VELASCO, Jesús D. Rodríguez. De Oficio a Estado. **La caballería entre Espéculo y las Siete Partidas**. Persée, Lyon, v. 19, n. 18, p. 49-77, 1993. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/cehm_0396-9045_1993_num_18_1_1082. Acesso em: 11 jan. 2024.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fonte, 1991.

ZABALA, Antoni. **A Prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.